

SIMON SCARROW

# ESPADA E CIMITARRA

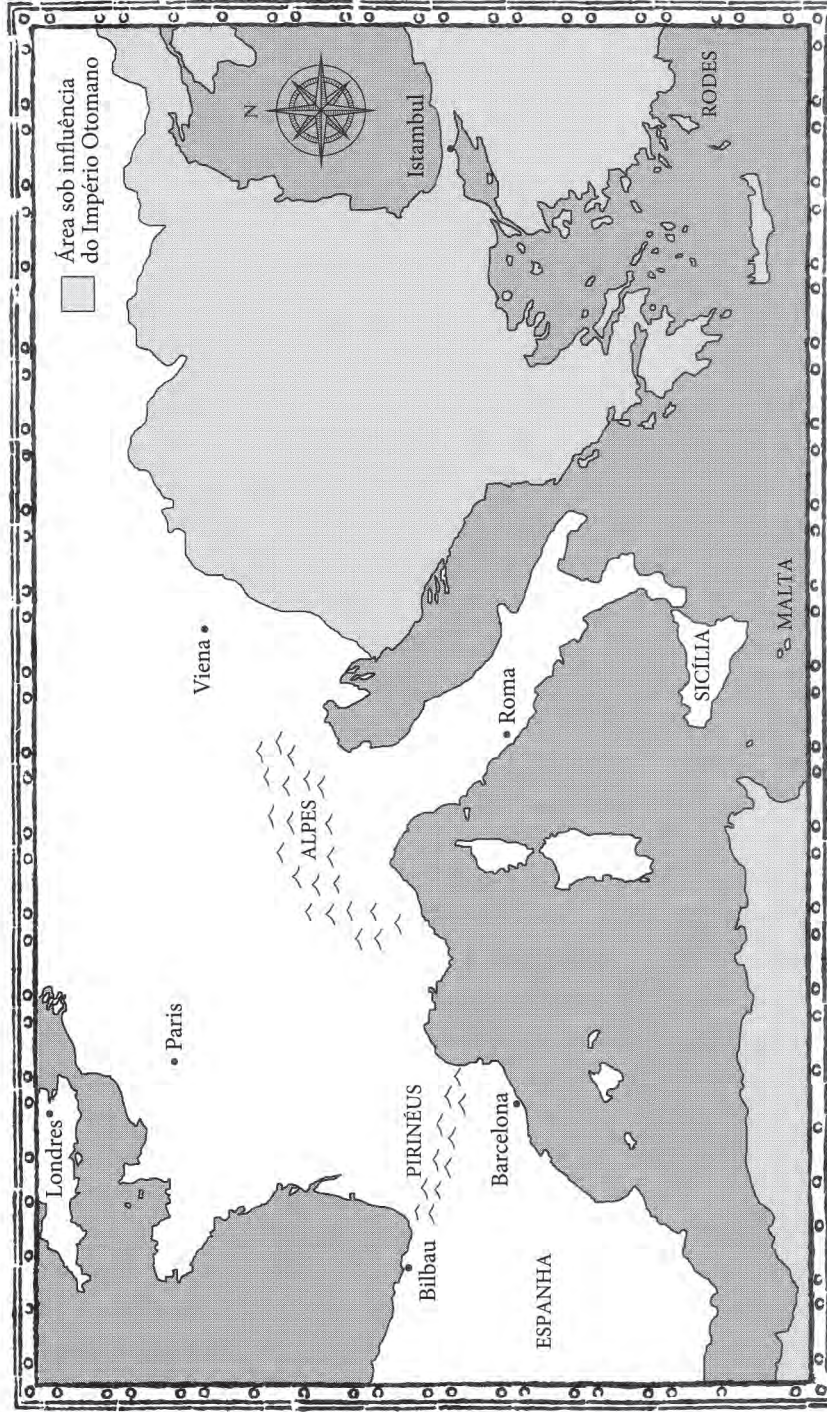
TRADUÇÃO DE JOSÉ SARAIVA

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Pórtogal quem quer fugir do refúgio

# O MAR MEDITERRÂNEO EM 1565



O mar era uma massa negra na escuridão da noite, e o navio dançava suavemente ao sabor da leve ondulação que se fazia sentir à entrada da baía. O *Corça Veloz* estava à capa, a menos de duas milhas da costa, protegido por um promontório. No castelo da proa via-se um jovem cavaleiro, sozinho, firmando-se com uma mão agarrada a um cabo que descia do cimo do mastro de vante. O ar estava húmido, desconfortável, e ele usou a outra mão para limpar as gotas de suor que lhe perlavam a testa. Por trás dele estavam instalados dois compridos canhões, cujas bocas estavam tapadas para evitar que os salpicos das ondas os inundassem. Há muito que se habituara ao balanço da galera, e naquele mar calmo não tinha verdadeira necessidade de se agarrar para manter o equilíbrio; ainda assim, mantinha a mão aperrada em volta do cabo pegajoso, enquanto perscrutava a escuridão. Os ouvidos esforçavam-se por captar o menor dos sons que contrastasse com o contínuo marulhar das ondas contra o costado. Já tinham passado mais de três horas desde que o capitão e três marinheiros tinham ido a terra num batel. Jean Parisot de La Valette tinha-lhe dado uma palmada amigável no ombro e mostrara os dentes num sorriso reconfortante quando lhe dissera para assumir o comando do navio enquanto ele estivesse ausente.

— Senhor, quanto tempo ides demorar?

— Não mais do que umas horas, Thomas. Só o tempo necessário para ter a certeza que os nossos amigos se acomodaram para a noite.

Os dois homens tinham instintivamente lançado um olhar na direção da baía que se abria por detrás do promontório. Ali, a cerca de três milhas, um navio mercante turco estava ancorado junto à praia, no local exato em que o pescador com que se tinham cruzado na véspera lhes dissera que o encontrariam. A maior parte da tripulação devia estar na praia, a descansar à volta de fogueiras, e no galeão deviam ter ficado apenas uns quantos homens, atentos a qualquer perigo vindo do oceano. As águas perto da costa africana eram frequentadas por corsários, mas não eram os perigosos piratas que os turcos mais temiam. Um decreto do sultão Solimão, em Istambul, protegia o navio das depredações desses assaltantes do mar. Existia porém uma outra ameaça muito mais real para as embarcações muçulma-

nas que atravessavam o Mar Branco, nome que os turcos davam ao Mediterrâneo. Provinha da Ordem de S. João, um pequeno bando de cavaleiros cristãos que travava uma incansável guerra sem quartel contra todos os que seguiam os ensinamentos de Maomé. Aqueles cavaleiros eram tudo o que restava das grandes ordens religiosas que em tempos tinham dominado a Terra Santa, até serem expulsas por Saladino. A Ordem estava agora instalada num rochedo inóspito, a ilha de Malta, que lhes fora oferecido pelo rei de Espanha. A partir dali, os cavaleiros e as suas galeras aventuravam-se mar adentro para atacar os muçulmanos onde quer que os encontrassem. E era assim que, naquela noite sem luar, uma das embarcações de combate da Ordem se estava a preparar para atacar a grande nave mercante ancorada ali tão perto.

— O saque será rico... — adiantara Thomas.

— É bem verdade, mas estamos aqui para, antes de mais, fazer o trabalho de Deus — lembrara-lhe o capitão, em tom austero. — Tudo o que conseguirmos será bem empregue para prosseguir o combate aos que seguem a falsa fé.

— Sim, senhor. Sei-o bem — retorquira Thomas, apaziguador e envergonhado pela ideia de que o cavaleiro mais velho pudesse ter pensado que era o saque que lhe interessava.

La Valette soltara uma risada.

— Tende calma, Thomas. Já vos conheço bem. Não sois menos devoto do que eu ou outro qualquer membro da Ordem, e, como guerreiro, sois de igual calibre. A seu tempo ser-vos-á atribuído o comando de uma galera. E quando chegar esse dia, nunca vos esqueceis do que um navio de combate é verdadeiramente: uma espada na mão direita de Deus. A ele pertencem os despojos.

Thomas assentira, e La Valette saíra pela portinhola na amurada e descerá para se juntar aos quatro homens no bote que subia e descia junto à proa da galera. O capitão soltara uma breve ordem, e os marinheiros tinham começado a remar, fazendo o bote avançar. Depressa tinham sido engolidos pela escuridão, sob o olhar atento de Thomas.

Agora, horas depois — demasiadas horas, assim lhe parecia —, a cabeça de Thomas estava cheia de receios pela sorte do capitão. Havia já muito tempo que La Valette saíra. A alvorada aproximava-se e, a menos que o capitão regressasse em breve, tornar-se-ia impossível aproveitar a cobertura da escuridão para lançar o ataque contra os turcos. E se La Valette e os seus homens tivessem sido capturados? A ideia súbita provocou-lhe um calafrio que lhe arrefeceu o coração. Os turcos tinham particular deleite em torturar lentamente e prolongar o estertor de qualquer cavaleiro da Ordem que lhes caísse nas mãos. Logo outro pensamento alarmante lhe tomou conta

da mente. Se La Valette tivesse sido aprisionado, o peso do comando cairia sobre os seus ombros; e nesse momento preciso tomou consciência de que não estava ainda preparado para capitanear uma galera.

Adivinhou um movimento nas suas costas e espreitou sobre o ombro; um vulto alto subia as curtas escadas que levavam ao pequeno castelo da proa. O homem vinha de cabeça descoberta, mas tinha o tronco protegido por um gibão acolchoado, por baixo de um casaco escuro onde uma cruz branca mal se via à luz das estrelas. Oliver Stokely era um ano mais velho do que Thomas, mas tinha-se juntado à Ordem mais recentemente, o que fazia dele seu subordinado na hierarquia dos cavaleiros. Apesar disso, tinham-se tornado amigos.

— Algum sinal do capitão?

Thomas não pôde evitar um pequeno sorriso perante a questão desnecessária. Não era o único cujos nervos estavam a ser postos à prova por aquela longa espera.

— Ainda não, Oliver — respondeu, tentando aparentar despreocupação.

— Se ele se demorar muito mais, teremos de desistir do ataque.

— Duvido que ele demore muito.

— Achais? — Stokely fungou. — Sem o elemento da surpresa, arriscamo-nos a perder mais homens do que é aceitável.

Era um ponto relevante, considerou Thomas. Havia menos de quinhentos cavaleiros ainda alistados na Ordem, em Malta. A interminável guerra contra os turcos cobrava um elevado preço em sangue, e estava-se a tornar cada vez mais difícil preencher as fileiras. Os reinos europeus entretinham-se em guerras entre si, e havia regras estritas para a entrada na Ordem, o que fazia com que o número de jovens nobres a apresentarem-se à seleção diminuísse sem parar. No passado, um veterano como La Valette ter-se-ia feito ao mar com uma dúzia de jovens cavaleiros a bordo, todos eles desejosos de provar o seu valor. Naqueles tempos, tinha de se contentar com cinco, e desses só Thomas já tinha enfrentado os turcos em combate.

Apesar disso, Thomas conhecia o capitão suficientemente bem para saber que ele não fugiria a uma batalha, a não ser que os números fossem extremamente desiguais. O coração de La Valette ardia de zelo religioso, ainda mais encarniçado pela sede de vingança que o possuía devido ao sofrimento que tinha suportado havia muitos anos, quando durante algum tempo não passara de um escravo agrilhado a um estreito banco de madeira numa galera turca. La Valette tivera a boa fortuna de ter uma família capaz de pagar o resgate e tirá-lo dessa situação. A maior parte dos que eram lançados às galés eram forçados a trabalhar até à morte, atormenta-

dos pela sede, pela fome e pela agonia das feridas provocadas pelas pesadas argolas de ferro que eram usadas para os manter presos nos seus lugares. E por isso, refletiu Thomas, La Valette combateria, mesmo que não conseguisse surpreender o inimigo.

— E se lhe aconteceu alguma coisa? — Stokely olhou em redor, para se certificar de que os homens no convés mais abaixo não o podiam escutar. — Se o capitão desaparecer, alguém terá de assumir o comando.

*Aí vem*, pensou Thomas. Stokely preparava-se para proclamar o seu direito ao lugar. Tinha de se afirmar antes que o amigo o fizesse.

— Sendo o seu lugar-tenente, eu tomarei o seu lugar, no caso de morte ou captura. Sabeis bem disso.

— Mas eu sou um cavaleiro há mais tempo do que vós — ripostou Stokely, num murmúrio quase lamentoso. — Seria melhor se fosse eu a assumir o posto de capitão. Os homens prefeririam ser comandados por alguém mais experiente. Meu amigo, apercebeis-vos disso, com toda a certeza?

Fosse o que fosse que ia na cabeça de Stokely, a verdade era que a capacidade de combate patenteada por Thomas tinha sido notada pelos seus superiores. Logo na sua primeira ação, tinha comandado um ataque a uma povoação costeira perto de Argel, e capturara um galeão carregado de especiarias. Depois disso fora destacado para servir sob La Valette, o mais ousado e bem-sucedido dos capitães da Ordem, para fazer a guerra aos turcos. Aquela era a sua terceira campanha em mar alto, e tinha já forjado uma forte ligação com a tripulação e os soldados que guarneciam a galera de La Valette. Não tinha qualquer dúvida de que todos eles prefeririam vê-lo assumir o comando, em vez de um cavaleiro que se tinha juntado a eles havia menos de um mês, vindo dos escritórios onde eram tratados os intrincados problemas da logística da Ordem.

— Seja como for — replicou Thomas, tentando não ferir os sentimentos do amigo —, esse assunto não tem de nos preocupar. O capitão há de regressar e daqui a pouco, não tenho qualquer dúvida.

— E se isso não suceder?

— Ele voltará — afirmou Thomas com firmeza. — E teremos de estar prontos para o combate no momento em que ele regressar. Dai ordens para os remadores serem amordaçados. E os homens que preparem o armamento.

Stokely hesitou brevemente antes de anuir com um gesto de cabeça e voltar a descer os degraus para o convés, o qual se estendia por uns cinquenta passos ao longo da parte central da esguia galera, antes de dar lugar a uma popa coberta, onde se situavam as acomodações de cavaleiros e oficiais. Acima do convés elevavam-se dois mastros cujas vergas se dobravam sob o peso do pano recolhido das duas velas gémeas. Thomas ouviu as suas

ordens a serem transmitidas, e um grupo de homens desceu ao diminuto porão para ir buscar os tampões de cortiça e as correias guardadas numa arca. Pouco depois levantou-se um burburinho zangado dos homens acorrentados aos bancos. O protesto foi silenciado por uma ameaça rosnada pelo oficial encarregado da coberta, e pelo estalido do cabedal seco na pele nua.

Thomas entendia perfeitamente os sentimentos das desafortunadas criaturas que manejavam os longos remos da galera. De forma a assegurar que nenhum deles lançava um grito de aviso ao inimigo quando o navio acelerasse para se lançar contra uma presa, os capitães das galeras de ambos os lados do conflito tinham adotado o expediente de colocar uma rolha de cortiça na boca de cada homem, mantida no lugar por tiras de cabedal apertadas num anel de ferro. Era terrivelmente desconfortável e sufocante, especialmente quando era exigido aos homens que se esforçassem aos remos. Thomas já vira homens sufocar e até morrer nalgumas das batalhas em que entrara. Ainda assim, considerou, era um mal necessário, naquela cruzada persistente contra os que seguiam uma falsa religião. Por cada homem que sufocava na sua mordação, vidas cristãs eram salvas pela ausência de aviso dado a um inimigo desprevenido. O outro único sinal da presença de uma galera era o fedor a excrementos e urina, que se amontoavam sob os bancos e lá eram deixados a acumular-se até que o navio era tirado da água ao fim de uma época de campanha. Se não fosse a brisa que soprava de terra, o terrível cheiro podia bem espalhar-se o suficiente para alertar o inimigo.

No convés acima da coberta, os soldados da Ordem — espanhóis, gregos, portugueses, venezianos e alguns franceses, todos eles mercenários — levantaram-se. Envergaram a custo os seus uniformes acolchoados e apertaram as proteções que cobriam as articulações mais expostas.

O equipamento era difícil de colocar, e assim que o Sol se levantasse, tornar-se-ia um forno. Em condições normais, a ordem para se prepararem só seria dada quando a galera comesçasse a aproximar-se da sua presa, mas Thomas apercebera-se da tensão que tomara conta dos homens, devido àquela espera ansiosa, e considerara ser preferível dar-lhes alguma coisa com que se ocuparem enquanto aguardavam pelo regresso do capitão. Além disso, dera-lhe uma oportunidade para exercer a sua autoridade sobre Stokely, e relembrar-lhe a posição que ocupava na cadeia de comando.

Os ouvidos de Thomas foram alertados pelo som de um chapinhar que vinha da direção do promontório. De imediato todos os outros pensamentos foram varridos da sua mente, e ele esforçou os sentidos, perscrutando as sombras negras e ondulantes do mar, em busca de algum sinal de

movimento. Avistou por fim a forma quase invisível de um pequeno bote, no qual homens se esforçavam aos remos. Um tremor de alívio passou-lhe pelo coração quando viu a pequena embarcação a aproximar-se da galera, ao sabor do movimento das pás dos remos.

— Parem... — ordenou La Valette em voz baixa, e no instante seguinte escutou-se um baque surdo, que marcou o choque do bote contra as sólidas madeiras do casco. Uma corda serpenteou pelo ar e foi agarrada por um dos marinheiros. La Valette subiu rapidamente, enquanto Thomas descia do castelo da proa para se encontrar com o capitão. Os outros cavaleiros e oficiais aglomeraram-se ao redor.

— O galeão ainda lá está, senhor? — indagou Stokely.

— Está, sim. Os turcos dormem como bebês — anunciou La Valette.  
— A tripulação do galeão não nos vai dar problemas.

Stokely fechou as mãos, palma com palma.

— Graças a Deus.

— De facto — assentiu o capitão. — O Senhor abençoou-nos com uma excelente oportunidade, e foi essa a razão por que me atrasei a regressar...

— La Valette fez uma pausa para se certificar de que todos os seus seguidores estavam atentos ao que anunciava. — O galeão não será a única presa a pertencer-nos quando este combate estiver terminado. Duas galeras corsárias juntaram-se a ele. Estão ancoradas aqui perto. Meus senhores, temos uma rica recompensa à nossa espera.

Fez-se um momento de silêncio enquanto os outros homens tomavam consciência das novidades. Thomas olhou em redor para as faces dos companheiros, e reparou que alguns trocavam olhares nervosos. O mestre da galera, responsável pelo velame, limpou a garganta e comentou:

— Senhor, isso põe-nos numa desproporção de três para um.

— Não. Dois para um. O galeão pouca importância tem nessas contas. Depois de termos tratado da saúde às galeras, cairá nas nossas mãos sem dificuldade.

— Ainda assim, seria temerário tentar um ataque — protestou outro.

— Especialmente agora, que a aurora se aproxima velozmente. Teremos de nos retirar.

— Retirar? — La Valette soltou uma exclamação brusca. — Nunca. Qualquer homem ao serviço da Ordem vale pelo menos por uns cinco turcos. Além disso, Deus está connosco. Por isso, são os turcos que têm menos gente. Mas não vamos exigir demasiado à providência divina, sim? Como dizeis, depressa a manhã se levanta. Portanto, senhores, temos muito pouco tempo a perder. A galera está a postos?

— Sim, senhor — respondeu o mestre, com um aceno.

— E os homens?



— Sim, senhor — esclareceu Thomas. — Já mandei que se preparassem.

— Ótimo. — La Valette olhou em volta para os seus oficiais e ergueu um punho. — Vamos então fazer a obra do Senhor, e soltar a sua ira sobre o Turco infiel!

Já se notava alguma claridade no horizonte oriental quando o *Corça Veloz* começou a dobrar o promontório. Por trás da ponta rochosa, a baía abria-se num vasto crescente com mais de cinco quilómetros de largura. As silhuetas do galeão e das duas galeras salientavam-se perfeitamente contra a faixa pálida da areia da praia, sobre a qual se avistava um tímido brilho alaranjado, vindo dos restos de uma fogueira que aquecia ainda os que a rodeavam.

— Chegámos tarde de mais — comentou Stokely, ao lado de Thomas no convés. — O dia nascerá muito antes de os alcançarmos. Os turcos ver-nos-ão chegar, com toda a certeza.

— Não. Vimos do poente, a escuridão ainda nos dará cobertura por mais algum tempo. — Thomas já vira La Valette utilizar aquela tática nos seus ataques ao inimigo, e era uma forma comprovada de disfarçar a sua aproximação até ao último momento.

— Só se os turcos forem completamente cegos.

Thomas engoliu a irritação que começava a sentir. Aquela era a primeira “caravana” de Stokely, como a Ordem chamava às campanhas no mar. O jovem cavaleiro acabaria por aprender a confiar na experiência dos capitães que combatiam os turcos havia muitos anos — desde que vivesse tempo suficiente para isso, refletiu. Havia muitas formas de um cavaleiro ao serviço da Santa Fé partir ao encontro do Criador. Combate, doença, afogamento, todos eles cobravam a sua parte, sem cuidar de qual era a ascendência de um homem, se provinha de uma das mais nobres famílias da Europa ou se nascera na sarjeta. O afogamento, em particular, era um perigo sempre presente. A armadura metálica que protegia um cavaleiro na batalha, bem como o resto do seu equipamento, era suficientemente pesada para o enviar diretamente para o fundo do oceano, se por acaso tivesse o azar de cair para a água.

Thomas olhou ao longo da galera, notando as posições dos grupos de soldados, alguns dos quais equipados com bestas, e avistou La Valette à popa, apumado, rígido, ao lado da seca figura do mestre da galera. Nenhum homem erguia a voz acima de um murmúrio, e o único som que se escutava era o das ondas a desabarem sobre os penedos na base do promontório, além do ranger ritmado dos remos e do mergulho das pás na água. Depois de a galera ter rodeado o promontório, o timoneiro dirigiu o *Corça Veloz* para a costa, apontando à mais próxima das galeras inimi-

gas. Thomas tinha-se acostumado ao hábito do capitão, de guardar para si mesmo os seus planos, mas ainda assim adivinhava-lhe as intenções. La Valette queria eliminar primeiro a mais próxima das galeras. Mesmo que o galeão conseguisse levantar âncora e deixar a baía antes de as duas galeras serem dominadas, seria fácil para a ágil embarcação de combate da Ordem persegui-lo e capturá-lo.

A leste, a luz era já mais forte, e a silhueta da ponta rochosa do outro lado da baía recortava-se com nitidez contra o céu. O odor pestilento vindo das galeras inimigas chegou ao convés do *Corça Veloz*, juntando-se ao não mais agradável cheiro que dominava o navio cristão.

A galera estava já a menos de meia milha do inimigo quando soou um toque estridente, um claro sinal de alarme. Thomas sentiu na nuca um arrepio gelado de ansiedade, e agarrou com toda a força no pique que empunhava. Da ré da galera, a voz de La Valette soou com clareza, dirigindo-se aos homens.

— Batedor, velocidade de combate! Artilheiros, preparem os canhões!

À medida que o tambor começava a marcar um ritmo persistente na coberta, surgiu um brilho pálido na proa da galera: a luz de presença tinha sido retirada do seu recipiente para fornecer lume aos mestres dos canhões, que logo se colocaram junto às suas armas, à espera de ordem para fazer fogo.

O coração de Thomas ia acelerando em compasso com o ritmo do tambor, e o convés estremecia debaixo dos seus pés a cada remada violenta. Olhando para bombordo, avistava pequenos vultos a levantarem-se estremunhados em redor da fogueira na praia. Muitos ficavam atónitos a ver a galera avançar velozmente pela baía na sua direção. Outros apressavam-se a correr para a margem e a entrar na água, começando a nadar na direção do galeão. Os que não sabiam nadar empurravam botes para as ondas e apinhavam-se a bordo. Na amurada da mais próxima das galeras inimigas começavam a alinhar-se figuras escuras. Muitas usavam turbantes e gesticulavam contra a ameaça que se aproximava, enquanto pegavam nas armas. Os gritos corriam livremente pelo espaço que separava os dois navios.

Entretanto, nem um homem na galera cristã desperdiçava tempo a falar; os únicos sons a bordo eram o do tambor, o marulhar da água ao longo do casco desenhado para a velocidade, e os grunhidos abafados dos remadores. Thomas voltou a olhar ao longo do convés, e conseguiu, à luz ainda hesitante, divisar a expressão que preenchia o semblante do capitão. La Valette mantinha-se imóvel, a mão esquerda apoiada no punho da espada, o rosto, envolto numa barba curta, sempre com ar sério e determinado. Era seu costume conduzir os homens à batalha em silêncio, sabendo perfeitamente que essa atitude perturbava o inimigo. Só no último instante bradariam um formidável urro coletivo, antes de se lançarem sobre os oponentes.

Um estrondo soou de repente, e Thomas encolheu-se sem pensar, enquanto estilhaços saltavam pelo ar. Uma pequena nuvem de fumo sobre a galera inimiga denunciava o disparo de um arcabuz. O homem que atirara já tinha entretanto apoiado a longa arma no convés e recarregava-a. Thomas olhou para os dois lados, para verificar se alguém tinha notado a sua reação, mas os homens à sua volta mantinham o olhar fixo em frente, e os lábios de Stokely moviam-se em silêncio, enquanto ele rezava para si mesmo. O olhar do outro cavaleiro cruzou-se com o de Thomas, e ele parou de rezar e desviou a vista quando se apercebeu de que estava a ser observado.

Viram-se mais penachos de fumo, a que se seguiu o zunir das balas de chumbo por cima das cabeças, mas só um outro disparo atingiu a proa da galera. Thomas forçou-se a manter-se imóvel enquanto via outros disparos a serem efetuados, cada um deles marcado por um rápido clarão avermelhado e uma nuvem de fumo que se desvanecia em poucos segundos.

— Besteiros! — gritou La Valette. — Preparados!

Os soldados da Ordem ainda usavam aquela arma obsoleta. Não possuía o alcance e o poder das armas de fogo empregues pelos turcos, mas era mais fácil de manejar e capaz de infligir feridas terríveis quando bem assestada. Um pequeno grupo de homens avançou e ocupou posições em ambos os lados da amurada à proa. Usando a engrenagem localizada na base da arma, puxaram as cordas atrás antes de colocarem os projéteis no sulco que corria ao longo da sua parte superior.

— Disparem à vontade! — veio a clara ordem da popa da galera. Os estalos dos arcabuzes inimigos foram respondidos com os surdos baques das cordas libertadas de repente da tensão acumulada, levando os dardos a descreverem arcos pouco pronunciados sobre as águas até desaparecerem pelo meio dos homens que ocupavam o convés do navio corsário.

Já não havia mais do que uma centena de passos a separar as duas naves, calculou Thomas. Na amurada inimiga estavam dezenas de homens de turbante, soltando desafios aos cristãos e brandindo cimitarras e piques. A meio do casco já começavam a sair os primeiros remos, enquanto a tripulação tentava desesperadamente colocar o navio em movimento. Thomas preparou-se para a ordem de dar fogo aos canhões da galera, e viu um dos mestres a olhar sobre o ombro.

— Vá lá, vá lá — resmungava o homem.

La Valette aguardou ainda mais um momento, e só então levou as mãos em concha à boca e soltou a ordem.

— Fogo!

**D**e imediato, os mestres das equipagens dos canhões levaram as pontas incandescentes das suas acendalhas aos cones de papel recheados de pólvora negra que estavam aplicados aos cimos dos canos. Ao deflagrar, a pólvora soltou um assobio característico que foi imediatamente seguido por um ribombar quase capaz de estourar os tímpanos e um salto, quando um jato de fogo e labaredas saltou da boca de cada canhão. O recuo das peças provocou um estremeção no convés, e Thomas cambaleou para a frente, antes de recuperar o equilíbrio. Cada um dos canhões tinha sido cuidadosamente carregado com uma mistura de grandes pregos, correntes e metralha de chumbo, capturada a um navio inimigo havia alguns meses. Havia uma satisfação especial ao utilizar contra o inimigo munições que ele próprio empregava, considerou Thomas. O cone letal de fragmentos metálicos atingiu o flanco do navio corsário. Estilhaços de madeira saltaram em todas as direções quando a amurada foi destruída em dois pontos distintos. Por trás dela, os guerreiros de turbante foram derrubados como se fossem bonecos, acumulando-se em pilhas ensanguentadas no convés.

— Por Deus e por S. João! — incentivou La Valette, e os seus homens fizeram eco do grito, lançando um urro coletivo que arranhou gargantas, escancarou bocas e arregalou os olhos, tornando-os presas de uma excitação quase fanática.

— Por Deus e por S. João! — gritaram uma e outra vez, à medida que a galera deslizava a toda a velocidade, embalada contra o casco do navio inimigo.

— Aguentem-se! — avisou La Valette, a sua voz de trovão quase inaudível sobre o clamor dos homens. Thomas manteve a boca fechada e cerrou os dentes enquanto se agachava, se agarrava à amurada com uma mão e plantava firmemente os pés, afastados um do outro. Os que o rodeavam, pelo menos os que ainda mantinham a calma suficiente para se aperceberem do que se ia passar, seguiram-lhe o exemplo e esperaram pelo impacto. O convés pareceu dar um salto sob o seu corpo, e o soldado mais próximo foi projetado contra o seu ombro antes de cair desamparado no convés, no que foi imitado por muitos outros. O mastro de vante rangeu em protes-

to, e ouviu-se um estalo quando uma das enxárcias se partiu. Da cobertura veio um coro abafado de gritos, lançados pelos aterrados remadores, que tinham sido projetados para fora dos seus bancos mas travados dolorosamente pelas grillhetas que os prendiam. A proa do *Corça Veloz* tinha sido fortemente reforçada para aguentar o tremendo impacto de uma colisão provocada, e agora erguia-se no ar enquanto desfazia, ao som de estilhaçar e ranger, o casco da galera dos corsários, que adornara com o choque. Os gritos de terror do inimigo justificavam-se pela quantidade de gente que tinha escorregado pelo convés inclinado, empilhando-se em desalinho junto à amurada. Alguns não tinham conseguido interromper a queda, e tinham mesmo tombado para a água.

— Jesus! — murmurou Stokely enquanto se punha de pé ao lado de Thomas.

O *Corça Veloz* tinha-se por fim detido, e deu-se um curto momento de calma enquanto as atordoadas tripulações recobravam os espíritos. Depressa porém se voltou a ouvir o vozeirão de La Valette a cortar o ar frio da alvorada.

— Ganchos de abordagem! Apontem para o outro bordo, e não falem!

— Vinde daí. — Thomas baixou a ponta do pique e fez um gesto a Stokely, incitando-o a segui-lo enquanto corria para a proa e pegava num dos pesados ganchos de ferro, preso a um barão de corda. Soltou um pequeno comprimento, fez rodar o gancho e lançou-o sobre a cabeça, antes de deixar correr a corda. O gancho descreveu um arco sobre o convés inimigo e desapareceu por cima da amurada no bordo oposto. De imediato, Thomas pegou na corda e puxou com todas as forças. Enquanto se debruçava para prender a corda num cunho, outros ganchos sobrevoaram o navio inimigo e prenderam-se ao casco.

— Recuar! — ordenou La Valette. — Depressa. Mestre, use o chicote!

Os remadores regressaram penosamente aos seus estreitos bancos e pegaram nos cabos dos remos, de superfícies polidas por anos de manuseamento por turnos e turnos de desgraçados como eles. A ordem para ciar foi dada antes que todos os remadores estivessem prontos, e as pás chapinharam inconsequentemente e em desalinho. Depois de prenderem as suas cordas, Thomas e Oliver regressaram à sua posição, à cabeça do bando de homens armados no convés. Durante um momento, o *Corça Veloz* não se mexeu, e a proa continuou a pressionar o casco do navio corsário. Por fim, com um ligeiro estremeção, começou a recuar, e as cordas dos ganchos retesaram-se e ficaram em tensão, atravessando o convés inimigo. Ouviu-se um grito de alarme vindo da popa, quando o capitão dos corsários se apercebeu do perigo. Alguns dos seus homens começaram a tentar cortar as

cordas que se estendiam por cima deles, mas com o convés tão inclinado como estava, só os que tinham conseguido trepar até ao bordo afastado conseguiam atacar as cordas.

Mas já era demasiado tarde. O *Corça Veloz* começava a recuar, fazendo adornar o outro navio, preso por todos os ganchos cravados no casco. O bordo mais próximo mergulhou sob a água e rapidamente, num movimento quase gracioso, a galera virou-se por completo, lançando a tripulação e o equipamento solto à água. Thomas apanhou num relance, através das grelhas de ventilação da cobertura, as expressões horrorizadas dos remadores do navio corsário; os homens continuavam acorrentados aos bancos. Depressa desapareceram, tragados pelo mar, e só o casco da galera, revestido de cracas, ficou à vista nas águas agitadas, resplandecendo sob o Sol. Os cabos dos ganchos foram cortados, fazendo as cordas cair para o mar. Em torno do casco, dúzias de homens lutavam para tentar manter-se à tona. Os que sabiam nadar tentavam alcançar a praia, que ficava a uma distância relativamente curta. Outros agarravam-se a quaisquer destroços flutuantes que conseguissem encontrar, ou tentavam trepar para o casco.

Uma aclamação soltou-se dos homens na galera cristã, mas Thomas não se sentia com ânimo para se juntar a eles. Não conseguia libertar o espírito da imagem dos rostos dos remadores quando a embarcação inimiga se tinha virado. A maior parte daqueles homens eram cristãos como ele, feitos prisioneiros e condenados às galés, apenas para morrerem, lamentavelmente, às mãos de outros homens que partilhavam a sua fé. Naquele instante conseguia ainda imaginá-los presos sob a água, a debaterem-se no frio e na escuridão, presos pelas correntes e destinados a um lento afogamento. Sentiu-se agoniado perante tais pensamentos.

Uma mão bateu-lhe no ombro. Olhou em volta e descobriu Stokely, de sorriso aberto, até que se apercebeu do ar sombrio de Thomas e franziu o sobrolho.

— Thomas, que se passa?

Tentou responder, mas não tinha palavras para descrever o horror que lhe arrefecia o coração. Tentou libertar-se daqueles sentimentos, e abanou a cabeça.

— Nada.

— Então juntai-vos a nós. — Stokely apontou para os outros homens no convés, que continuavam a celebrar vibrantemente.

Thomas observou-os com brevidade e virou a atenção para a outra galera inimiga, a menos de um quarto de milha de distância. Os corsários tinham cortado o cabo da âncora e virado o navio, de forma a apontar diretamente ao *Corça Veloz*. Thomas acenou com a cabeça na direção do inimigo.

— Não vamos ter hipótese de surpreender aqueles da mesma maneira.

Um movimento atraiu-lhe o olhar, pelo que se virou; avistou a tripulação do galeão a trepar pelo cordame e a espalhar-se pelas vergas, preparando-se para soltar todas as velas. Depressa se colocariam em movimento, mas perante a fraquíssima brisa que soprava, dificilmente conseguiriam sair da baía antes do fim da contenda entre as duas galeras. Haveria tempo para se ocuparem daquela presa depois, decidiu Thomas enquanto voltava a dar atenção à galera corsária.

Depois de o *Corça Veloz* se libertar da sua primeira vítima, La Valette deu ordens para avançar, e os remadores voltaram a esforçar-se para impelir a galera. Devagar a princípio, mas aumentando de velocidade a cada remada, a esguia embarcação progrediu. Ouviu-se um breve e estridente grito de terror quando um dos corsários ainda na água percebeu que se encontrava no caminho dos remos, mas logo uma pá de grandes dimensões se abateu sobre o crânio do homem, fazendo-o imergir e calando-o para sempre.

No castelo da proa, as equipagens de artilharia atarefavam-se a limpar os canos dos dois canhões e a recarregá-los, empurrando pelo tubo o saco que continha a carga de pólvora, a que se seguia outro saco, este contendo as peças sortidas de metal que tanto estrago causavam quando disparadas a curta distância. No convés, junto às duas amuradas, os besteiros retesavam as cordas das suas armas, preparando uma nova descarga de dardos letais. Thomas avistava os turbantes dos combatentes inimigos por sobre a proa da galera corsária, que se aproximava velozmente; preparavam os arcabuzes para o combate. Por baixo deles, sobressaindo das portinholas aos dois lados da proa, viam-se os canos de dois canhões, as suas bocas escuras como dois olhos negros que fitavam sem remorso a sua presa.

— Vai ser um combate sangrento — sussurrou um dos homens atrás de Thomas.

— Sim — respondeu-lhe um camarada. — Que o Senhor tenha piedade de nós.

Stokely virou-se para eles, furioso.

— Bico calado! O Senhor está connosco. A nossa causa é justa. São os infieis que devem pedir piedade.

Os homens calaram-se ao sentirem o olhar feroz do cavaleiro, que se virou e se empertigou para confrontar o inimigo. Thomas aproximou-se e falou-lhe em surdina.

— Ainda não descobri nenhuma prece capaz de nos proteger de uma bala inimiga, ou da metralha dos seus canhões. Se fosse a vós, lembrar-me-ia disso quando eles abrirem fogo.

— Isso é uma profanidade.

— Nada disso, é apenas experiência, e bem amarga. Guardai as vossas orações, e preparai a mente para a dura tarefa de matar ou ser morto.

Stokely pareceu preparar-se para responder, mas acabou por cerrar as mandíbulas e os lábios, optando por contemplar a galera inimiga que vogava pelas águas calmas, aproximando-se a cada segundo. O horizonte a leste parecia estar em fogo com o brilho líquido do Sol, prestes a irromper por trás da massa escura do promontório distante. No instante seguinte, os detalhes dos corsários ficaram recortados de forma evidente quando os primeiros raios de Sol se lançaram sobre o oceano, fazendo com que Thomas e os outros se vissem forçados a semicerrar a vista. O inimigo estava tão próximo que o som das suas aclamações e o tilintar das suas espadas contra as orlas dos escudos arredondados chegava com facilidade ao outro navio. O espaço entre as duas galeras fechava-se rapidamente, e depressa Thomas ouviu os primeiros sons de disparos, quando os mais impacientes dos arcabuzeiros tentaram provocar estragos no navio cristão. Apesar da distância, que ainda era superior a duzentos passos, um dos artilheiros foi atingido na cabeça; o crânio do homem explodiu, enquanto ele caía para trás, lançando sobre os companheiros uma chuva de gotículas de sangue, miolos e osso.

— Porque é que La Valette não dá ordens para ripostar? — perguntou Stokely.

— O capitão sabe o que faz.

Outro disparo teve êxito, atingindo um dos soldados no estômago, provocando um som grave ao trespassar a placa peitoral e a proteção almofadada que a envolvia por dentro. O homem largou o pique e caiu para o convés a rebolar, gemendo em agonia.

— Levem-no para baixo! — ordenou Thomas, e outro dos soldados pousou a arma e arrastou o homem até à escotilha por trás do castelo da proa, levando-o pelas escadas abaixo até ao diminuto porão onde eram mantidas as reservas de comida e água. Ali ficaria até haver tempo para lhe tratar do ferimento, depois do combate. Se os corsários triunfassem, ali se afogaria ou seria morto, se o navio fosse saqueado.

Quando o soldado regressou ao seu posto, a distância entre os navios estava reduzida a metade, mas os canhões ainda não tinham disparado, apesar das balas que zuniam sobre as cabeças ou se alojavam nas madeiras do *Corça Veloz*. Thomas viu que o mestre artilheiro mais próximo se preparava para levar a acendalha ao rastilho de pólvora, e lançou um brado imediato.

— Esperai pela ordem!

O outro olhou em volta com uma expressão amedrontada, no preciso momento em que se avistou um clarão na proa da galera inimiga. No momento seguinte, outro clarão. Logo o ar em redor de Thomas se encheu com uma cacofonia de estalos, estrondos, e o retinir agreste de metal contra metal. Vários dos besteiros na proa foram derrubados, bem como parte da



equipagem de um dos canhões. Thomas foi sacudido quando algo fez ricochete contra a sua armadura, e cambaleou para o lado, tentando manter o equilíbrio. Depois de um momento de espera, rebentou no convés um coro de gritos e gemidos vindos dos feridos. Thomas percorreu o corpo com o olhar, mas não viu sinais de qualquer ferida. Olhou em redor e viu Stokely a levar uma mão à cara. O sangue golfava por baixo da manopla, e escorria pelo aço polido da armadura.

— Estou ferido... — disse, em choque. — Ferido.

Thomas puxou-lhe a mão para trás e verificou que lhe tinha sido arrancado um pedaço de carne da maçã do rosto.

— É uma ferida superficial. Haveis de sobreviver.

Virou-se para avaliar o que se passava no convés, e notou que vários homens, talvez uma dúzia, tinham sido abatidos. Nesse preciso momento, o mestre artilheiro sobrevivente levou a acendalha ao pavio da sua arma, e de imediato se viu o clarão repentino, a nuvem de fumo e o estrondo que se propagou pelas madeiras da galera e pelos corpos a bordo. Thomas avistou a outra acendalha ainda na mão sem vida do mestre abatido e correu para a proa para a apanhar. Ajoelhou-se ao lado do canhão e esperou um momento até o fumo clarear e ele conseguir avistar o navio inimigo mesmo à sua frente. Mal teve tempo para se encolher e levar a chama ao pavio cheio de pólvora, e a arma de imediato saltou violentamente ao descarregar metal sobre o inimigo próximo.

— Recolher remos! Leme todo para bombordo! — gritou La Valette, da popa.

Os remadores puseram o peso sobre os cabos para extrair as pás da água e começaram a recolher os remos, ao mesmo tempo que o leme rasgava a água e forçava a proa a rodar de forma a passar ao longo do casco da embarcação inimiga. No momento seguinte sentiu-se um choque tremendo, seguido de um ranger profundo e duradouro enquanto os dois cascos deslizavam um contra o outro. Alguns remos, tanto de um navio como de outro, não tinham sido recolhidos a tempo, e ouviu-se uma série de estalidos fortes quando os longos cabos de madeira se estilhaçaram.

Antes que o *Corça Veloz* se imobilizasse, já La Valette, de espada na mão, tinha descido do castelo da popa e corrido para se juntar ao grupo de soldados que Thomas e os outros cavaleiros lideravam. O capitão deitou uma olhadela em redor para ter a certeza que os seus homens estavam a postos e por fim levantou a espada, apontando-a sobre a amurada, na direção do inimigo.

— Por Deus e por S. João!

La Valette trepou para a amurada e saltou sobre o estreito espaço vazio entre os cascos, aterrando no convés do barco inimigo. Alguns membros da tripulação já tinham começado a lançar ganchos de abordagem e a forçar a aproximação das duas galeras.

Thomas respirou fundo, firmou a mão na pega do pique e repetiu o grito que o seu comandante soltara.

— Por Deus e por S. João!

Imitou então também o gesto e saltou para a outra embarcação. O veterano cavaleiro já se tinha encaminhado para o centro do convés do navio corsário, fazendo rodar a longa lâmina da sua espada num arco letal à sua frente, para forçar o inimigo a recuar e abrir espaço para os homens que o seguiam. Soaram disparos vindos de ambos os lados, quando os arcabuzeiros descarregaram as armas e as largaram de imediato, pegando então nas cimitarras e avançando para a refrega. Thomas firmou os pés no convés e olhou em redor rapidamente, escolhendo enfrentar a ameaça mais próxima, um homem de grande envergadura e turbante na cabeça, e de pele escura como o carvão, cujos olhos rebrilhavam sobre a barba espessa. Empunhava uma pesada cimitarra numa mão, e um escudo redondo na outra. Correu pelo convés na direção de Thomas, girando a lâmina para a desviar do pique do adversário. Mas Thomas deixou a ponta descer e passar sob a espada do corsário, antes de a fazer subir e apontar às vestes que cobriam o peito do outro.

Por instinto, o corsário lançou o escudo contra o cabo do pique, afastando-o de forma a falhar o alvo e se limitar a rasgar as roupas. Thomas recolheu o pique e voltou a ameaçar o inimigo, fazendo sucessivas fintas para o manter à distância. Na periferia do seu campo de visão reparou que La Valette estraçalhava um crânio com um potente golpe, fazendo jorrar uma fonte de sangue. Do outro lado, Stokely conduzia um pequeno grupo de homens numa carga ao longo da amurada. Abriu-se um espaço entre Thomas e o corsário negro, como se tivessem um palco para o seu duelo privado.

O homem soltou um berro súbito, provavelmente algum insulto, e

avançou, atacando o pique e fazendo a ponta tombar. Prosseguiu no avanço, lançando o escudo contra a placa peitoral de Thomas. O impacto foi absorvido pelo revestimento interno da armadura, e o inglês soltou a mão direita, cerrou-a num punho e enviou-a com toda a força contra o rosto do oponente. As proteções articuladas dos dedos, de metal, rasgaram a pele do corsário, e escutou-se um som de esmagamento quando os ossos do nariz cederam. O homem soltou um rugido animal de dor e fúria, e voltou a lançar o escudo contra Thomas, forçando-o a recuar, aproveitando logo o espaço ganho para manobrar a cimitarra num arco apontado à cabeça do cavaleiro.

Thomas apercebeu-se do movimento, um arco metálico a reluzir à luz do Sol nascente, e saltou para o lado. A cimitarra assobiou-lhe aos ouvidos e abateu-se sobre as tábuas do convés com estrondo, arrancando estilhaços. Antes que o corsário se pudesse endireitar, Thomas rodou o pique e lançou uma estocada decidida. A ponta apanhou o outro no ombro e derrubou-o de imediato. Caiu pesadamente de costas, e Thomas aproveitou para novo golpe, desta vez ao cimo do peito, por baixo da clavícula. A ponta acerada atravessou o corpete branco, rasgou carne e esmagou ossos ao penetrar profundamente no corpo do corsário. O rosto deste contorceu-se, os olhos e a boca cerrados num esgar de dor, de tal forma que fazia lembrar um pedaço de madeira carbonizada. Por fim rolou sobre o convés, as mãos a apertarem a ferida de onde o sangue jorrava e se espalhava pelas vestes ondulantes que lhe cobriam o corpo.

Thomas colocou a bota sobre o peito do inimigo e extraiu a ponta da arma. Olhou em redor, pronto a enfrentar nova ameaça. La Valette e um grupo de homens avançavam para a popa a golpes de espada; era onde o capitão corsário e os seus homens o aguardavam, determinados a defender a sua posição. Na direção oposta, Stokely e o seu grupo tinham conseguido chegar ao castelo da proa e entretinham-se a massacrar as equipagens dos canhões. Mas todo o convés era um campo de batalha caótico. As armaduras dos cavaleiros e dos mercenários que os acompanhavam davam-lhes uma clara vantagem. A fé fanática que os inimigos punham nos ensinamentos do seu profeta proporcionava-lhes uma coragem tremenda, mas que de pouco servia. As suas cimitarras deslizavam sobre as armaduras, e só um golpe afortunado às juntas, ou uma estocada à face, podiam provocar feridas importantes aos cristãos. Um punhado dos camaradas de Thomas tinha caído, mas os outros avançavam sem cessar, dizimando as fileiras dos corsários.

Ainda assim, alguns dos combatentes inimigos ofereciam desafios formidáveis. Thomas escolheu um combatente alto e magro, bem equipado, com um escudo de grandes dimensões e uma cimitarra finamente

decorada, que parecia estar de guarda a uma escotilha que dava acesso ao porão da galera. Aos seus pés jazia um corpo, e a cruz branca sobre o fundo vermelho do colete revelava que se tratava de um cavaleiro da Ordem. O corsário sorriu e levantou a espada, de forma a que Thomas se pudesse aperceber do gume ainda húmido e vermelho. Ignorou o óbvio desafio. O outro tinha pele clara, talvez fosse um dos que, raptados em criança nos Balcãs, eram educados como muçulmanos, como os infames janízaros que constituíam o corpo de elite do exército do sultão. Na ponta do elmo esvoaçava uma pluma de crina de cavalo negra, e o elmo era negro também, reluzindo como se fosse coberto por verniz, tal como sucedia com as placas de metal que tinham sido cosidas no gibão que usava. Uma cicatriz lívida na face revelava que se tratava de um combatente experiente, mas também que em tempos um adversário qualquer o tinha ferido com gravidade, notou Thomas.

Apresentou-lhe a ponta do pique e, quando ele se aproximou, fez uma imediata finta como se fosse tentar atingir-lhe o rosto. O outro nem piscou os olhos, limitando-se a abanar a cabeça, como se lamentasse a sorte do fraco adversário que tinha pela frente.

— Muito bem então — rosnou Thomas por entre os dentes. — Experimenta lá esta!

Colocou o peso por trás da estocada e saltou para a frente. O corsário desviou-se para o lado sem esforço e lançou a sua fina lâmina contra a cabeça de Thomas. Este esquivou-se, e o gume afiado limitou-se a escorregar ao longo do aço do elmo, embora o impacto o deixasse atordoado por alguns momentos. Deu um passo atrás e abanou a cabeça, enquanto manejava o pique de forma a manter o adversário à distância. O outro sorriu, mas depressa cerrou os lábios numa máscara de determinação e avançou, a lâmina a voltar quase demasiado depressa para permitir que a visão a acompanhasse. Thomas ignorou o movimento e alterou repentinamente a pega do pique, passando a utilizá-lo como um bordão, como fizera tantas vezes na sua meninice em Inglaterra. Era forte e poderoso, como qualquer homem educado para se tornar um cavaleiro, e tinha resolvido passar à ofensiva.

A tática ousada e simples apanhou desprevenido o corsário, que não conseguiu mover-se com a presteza suficiente para se afastar do caminho da longa haste do pique. Thomas chocou contra ele, empurrando-o para trás e fazendo-o tropeçar, obrigando-o a concentrar-se em tentar manter-se de pé. Mas acabou por embater na amurada, com tanta força que o ar que se soltou dos seus pulmões embateu contra Thomas, forçando-o a piscar os olhos ao ver-se atingido pelo odor da refeição matinal do homem. O corsário soltou a espada e o escudo e deixou-os cair, tentando apanhar o cabo do pique e empurrá-lo para trás. Thomas enfrentou-o, e, com cada músculo e

tendão dos seus braços, continuou a pressionar, obrigando-o a agachar-se e cair para o convés. A haste encostou-se ao cimo do peito do homem, e Thomas empurrou-a para cima, por baixo do queixo, contra a garganta. As mandíbulas do corsário abriram-se e o homem contorceu-se enquanto tentava desesperadamente impedir que o adversário o sufocasse.

— Maldito... sejas... cristão — pronunciou, num francês com forte sotaque. — Que ardas... no Inferno!

A face de Thomas estava a curtos centímetros da do corsário, pelo que conseguia ver todos os detalhes das feições do outro, e o suor que lhe brotava da testa enquanto lutava pela vida. A respiração do homem já era difícil e os olhos reboavam-lhe, e por fim algo cedeu na garganta, produzindo um som abafado. O corsário teve um espasmo, os olhos esbugalharam-se, ferozes e enormes, e a boca produziu uma série de estalidos e suspiros. Thomas sentia a força do outro a diminuir, mas continuou a fazer pressão no pique, até que a cabeça do adversário rolou para o convés, as mãos largaram o cabo e ele ficou ali, a contemplar sem ver o céu rosado, com a ponta da língua a irromper por entre os dentes.

Thomas rebolou para o lado, o pique a postos para o caso de haver por ali outro inimigo prestes a atacá-lo, mas só os mortos e moribundos lhe faziam companhia próxima. O combate pela posse do navio estava praticamente terminado. Stokely e os seus homens tinham limpo a proa, enquanto La Valette e os outros soldados continuavam a avançar para a popa da galera. O capitão inimigo e um punhado dos seus homens lutavam ainda no espaço confinado, golpeando selvaticamente os homens de armadura que os pressionavam. Enquanto Thomas observava, La Valette levantou a sua espada sobre a cabeça e desferiu um poderoso golpe na diagonal. O cavaleiro era um homem de constituição poderosa, e a tentativa do capitão inimigo de apagar o golpe nada pôde para alterar o curso da lâmina. No momento seguinte, o aço afiado rasgou o turbante e cravou-se no crânio do homem, penetrando até ao queixo.

Quando os corsários em redor se aperceberam de que o seu capitão estava mortalmente ferido, lançaram as armas pelo solo e arrojaram-se de joelhos, pedindo clemência. Espadas e piques cortaram-nos e esfacelaram-nos por ainda mais alguns momentos, até que a refrega amainou. La Valette soltou a espada, limpou-a nas vestes do corsário e embainhou-a, antes de se virar para contemplar a carnificina que ocorrera no convés da galera. Avistou Thomas.

— Sir Thomas! Vinde.

Thomas apressou-se a abrir caminho na direção da ré da embarcação, passando por entre os cadáveres amontoados no convés ensanguentado. Parou na base das curtas escadas que levavam à popa soerguida e olhou

para o seu comandante. La Valette tinha sido atingido na cabeça, e o seu elmo apresentava uma moosa profunda, mas não havia sinais de que estivesse ferido ou sequer atordoado, e contemplou calmamente o subordinado.

— Ides tomar o comando aqui.

— Comando? Sim, senhor.

— Eu vou regressar ao *Corça Veloz* e perseguir o galeão. — Fez um gesto com a mão e Thomas olhou em redor, reparando então que as velas da grande embarcação de carga se tinham enfunado com a brisa matinal, e que ela estava prestes a sair da baía. Se conseguisse alcançar o mar alto, a sua melhor resposta ao vento poderia permitir-lhe escapar, especialmente se a ondulação se intensificasse à medida que o vento aumentava.

— Deixo-vos Sir Oliver e mais vinte homens — continuou La Valette. — Libertai os cristãos que encontrardes entre os remadores. Mas tomai atenção. Não quero ver nenhum maometano a fingir que é um dos nossos.

— Sim, senhor.

— Acorrentai os novos prisioneiros aos bancos. Depois procedei às reparações que sejam necessárias, livrai-vos dos cadáveres e regressai a Malta.

— Malta? — Thomas franziu o sobrolho. Ainda faltava muito tempo para o fim da época de campanha. Não fazia sentido regressar de imediato à sede da Ordem. Mas a decisão fora tomada pelo capitão, e Thomas não tinha qualquer direito de a contestar. Endireitou as costas, e inclinou levemente a cabeça. — Será feito como dizeis, senhor.

— Isso mesmo. — La Valette deitou-lhe um olhar severo por momentos, antes de afrouxar o tom e prosseguir numa voz baixa, de forma a que apenas o jovem cavaleiro o pudesse escutar. — Thomas, afundámos uma embarcação inimiga e capturámos outra. Daqui a pouco tempo, espero, tomaremos também aquele galeão. É forçoso conduzir as nossas presas para Malta, onde ficarão seguras, e reabastecer o *Corça Veloz* antes de prosseguir na missão. Pelo meio-dia teremos três navios, e quase nenhuns homens para os tripularem. Não podemos arriscar-nos a novos confrontos até por-mos as nossas presas a salvo em Malta. Percebeis?

— Sim, senhor — retorquiu Thomas, sem emoção.

— Somos já muito poucos. Há na Europa quem pense que a Ordem é a vanguarda do combate que a Igreja trava contra o Turco. A verdade é que somos, sim, a retaguarda. Nunca vos esqueçais disso. De cada vez que perdemos um homem, o inimigo fica um passo mais perto da vitória. — Os olhos do homem pareciam trespassar Thomas. — A seu tempo, se viverdes o suficiente, ser-vos-á confiado o comando de uma galera, e sereis então o responsável pelas vidas dos homens que vos servirem. Não é algo que se possa assumir sem muito refletir.

Thomas anuiu.

— Senhor, compreendo.

— Tratai de o garantir. — La Valette recuou um passo e contemplou os homens espalhados pelo convés. — Sargento Mendoza! — chamou.

Um vulto pesado correu para ele e fez uma continência rápida.

— Senhor?

— Tu e os teus homens ficam a bordo, sob o comando de Sir Thomas. Os outros, de volta ao *Corça Veloz*, e depressa.

Os homens designados para acompanhar o capitão atravessaram rapidamente o convés até alcançarem o ponto onde a proa do seu navio estava encostada à galera corsária, graças aos inúmeros ganchos que tinham sido lançados. Treparam para a amurada e atravessaram para a outra galera. Assim que o último dos homens deixou a embarcação conquistada, Thomas deu ordens para que fossem afrouxados os cabos dos ganchos, de forma a poderem soltar-se as pontas e serem devolvidas ao convés do *Corça Veloz*. Abriu-se um espaço entre as duas galeras, e La Valette soltou a ordem para lançar os remos e fazer recuar o navio até poderem rodar a proa e aproar ao galeão que se escapulia. Por fim os remos, num ritmo constante, começaram a impulsionar a esguia galera na direção da sua presa. Thomas contemplou as manobras por mais alguns momentos e focou-se então no seu comando temporário.

A primeira coisa a fazer era tratar dos homens aprisionados na coberta. Virou-se para o sargento.

— Venha comigo, com mais dois homens. Os outros que tratem dos cadáveres. Separem os nossos homens, para lhes darmos um funeral decente.

Dirigiu-se com Mendoza para a grade que fechava a passagem para a coberta. Ao aproximar-se, ouviu o clamor que se erguia lá de baixo, seguido de um grito de terror que foi rapidamente silenciado. Havia um parafuso a prender a grade, e Thomas ajoelhou-se para o soltar, enquanto notava o cuidado dos corsários, que acorrentavam os remadores aos bancos e depois ainda tinham a preocupação de trancar o acesso à coberta.

— Ajude-me aqui com a grade.

Os dois homens levantaram a grade e lançaram-na para o convés. Thomas espreitou pela abertura e recuou de imediato, atingido por um jorro de ar quente impregnado com o mais pestilento odor que alguma vez encontrara. Havia movimentos lá em baixo, e as correntes tilintavam quando quem as usava se movia. Avistou por fim rostos que se viravam para a luz pálida que entrava pela escotilha. Caracóis imundos e desgrednhados e barbas enormes cobriam as feições emaciadas dos prisioneiros. A maior parte deles era branca de pele, mas também se avistavam alguns homens com pele mais escura, embora não fosse fácil perceber o tom por baixo da camada de sujidade que a todos cobria. Havia uma escada que descia até ao passadiço estreito que se estendia entre as filas de bancos alinhados nos dois bordos da galera. Desceu e avistou à vante um vulto que segurava um pequeno chicote, perto do batedor, também ele agrilhado junto ao tambor. Thomas e os seus homens viram-se obrigados a curvar os pescoços enquanto avançavam, observados por olhos esperançosos de ambos os lados.

— O Senhor seja louvado... — soltou uma voz sumida. — São cristãos... Cristãos! Vamos ser libertados!

As palavras tiveram efeito em muitos dos seus camaradas, que levantaram as mãos na direção dos seus salvadores, implorando pela liberdade.



Alguns limitaram-se a tombar e chorar sobre os remos, enquanto os ombros lhes eram sacudidos por soluços incontroláveis.

O encarregado da cobertura soltou o chicote ao ver Thomas a aproximar-se, e colocou as mãos juntas num pedido, enquanto murmurava em francês.

— Senhor, por favor... Por favor.

— Onde fica o pino que fecha as correntes? — inquiriu Thomas.

O outro espetou o dedo, apontando um aro cravado profundamente numa trave do chão, logo atrás da posição do batedor.

— Ali.

Thomas afastou-o com a mão. Lutou contra a náusea provocada pelo cheiro indescritível que vinha das profundezas do porão. Como podia um homem aguentar uma coisa daquelas?, perguntou-se. Encontrou o anel que fechava a corrente e localizou o pino que a fixava. Pegou na sua adaga e começou a tentar soltá-lo. Ao fim de um momento, o pino saltou do seu encaixe, e Thomas pôde começar a fazer passar a corrente pelo anel, acumulando-a ao pé do banco mais próximo. Olhou para os rostos dos homens que lá estavam sentados.

— Quem de entre vós é cristão?

— Eu! — ripostou enfaticamente o homem mais próximo — Eu, senhor. Sou de Toulon.

— Libertem-no — ordenou Thomas.

— Eu também! — apressou-se a anunciar o vizinho do homem.

— Mentiroso! — rosou este. — És um mouro. Os corsários capturaram-te em Valência.

— Sargento, liberte o francês. O outro fica acorrentado. — O mouro, um descendente dos árabes que em tempos tinham governado a Espanha, abriu a boca num protesto, mas ao notar a expressão implacável que Thomas ostentava, fechou-a e deixou pender a cabeça sobre o remo, resignado. Thomas olhou em volta enquanto mais vezes se levantavam e proclamavam a sua fé. Se todos diziam a verdade, não mais de um terço dos homens permaneceria aos remos, o que não seria suficiente para a viagem de regresso a Malta. À medida que o tumulto de vozes aumentava, resolveu interrompê-lo. Respirou fundo e lançou um grito sobre toda a cena.

— SILÊNCIO!

Os remadores, habituados ao regime duro imposto pelos encarregados, silenciaram de imediato os protestos. Thomas voltou-se de novo para o sargento.

— Liberte os cristãos, mas só eles. Todo e qualquer homem que se proclame cristão e que seja desmascarado como mentiroso, será imediatamente executado.

— Sim, senhor — respondeu o sargento, sem surpresa.

— Prossiga. — Thomas já não conseguia aguentar o cheiro daquelas criaturas e do lugar que ocupavam. — Estarei lá em cima.

— E quanto àquele? — Mendoza apontou para o encarregado, que ainda tentava passar despercebido junto à popa, sem se atrever a enfrentar o olhar dos homens que mantivera sob a lei do chicote. Thomas olhou-o por momentos e reparou que o homem não tinha largado o instrumento do seu poder.

— Ele? Deixe que sejam os homens que libertar a decidir o seu destino.

Virou-se e afastou-se ao longo do passadiço a caminho da escada, lutando contra o desejo de correr e sair daquele buraco infernal o mais depressa possível. Subiu para o convés, apressou-se a chegar-se à amurada, onde podia sentir o vento fresco na cara, e respirou profundamente para tentar expulsar os últimos resquícios do ar pestilento da cobertura. Apesar de saber perfeitamente como se passavam as coisas no interior de uma galera, só o tinha visto com os próprios olhos num par de ocasiões. O que vira deixara-o desgostoso, mas os homens que remavam nas embarcações da Ordem eram criminosos, piratas e seguidores de fés falsas. E por muito más que fossem as condições nas galeras cristãs, nunca tinha visto homens tratados de uma forma tão vil como naquela galera de corsários. Sentiu uma cólera profunda ao pensar no inimigo, e um desejo ardente de fazer a sua parte para varrer o Islão da face da Terra.

Um repuxo na superfície do mar ali perto fê-lo olhar à volta; alguns dos seus homens lançavam os cadáveres pela borda fora. Os corpos tinham sido desarmados e despojados de quaisquer peças de roupa que pudessem valer um preço decente nos mercados de Malta. Dois outros homens vigiavam um punhado de prisioneiros feridos, sentados no convés junto à base do mastro de ré. Ao contemplá-los, Thomas sentiu o coração endurecer e tornar-se apenas uma pedra fria no seu peito. Afastou-se da amurada e dirigiu-se para junto deles, acenando a outro grupo de soldados para que o acompanhassem. Ao chegar junto dos prisioneiros, parou e avaliou-os, sem esconder o ódio que sentia. Eram mais de vinte, e a maior parte ainda envergava algum género de armadura, além das bainhas vazias que lhes pendiam dos cintos. Quase todos tinham feridas tratadas sem grande cuidado, apenas embrulhadas em tiras de pano. Eram feridas superficiais e todos recuperariam, pelo menos o suficiente para ocuparem lugares nos bancos de remadores daquela ou de outra galera.

— Deixem aqui os oficiais. Os outros, lá para baixo, para os remos — ordenou, em tom firme. Os homens separaram os prisioneiros, levando a maior parte a caminho da escotilha, enquanto um pequeno grupo ficava

sentado no convés. Thomas contemplou-os por momentos antes de dar nova ordem. — Matem-nos. Lancem os corpos borda fora.

Um dos homens que tinham estado a guardar os prisioneiros deitou um olhar a um companheiro, antes de reunir coragem para pigarrear e inquirir.

— Senhor? Os oficiais valem bom dinheiro.

Thomas sentiu a mão a tremer, e agarrou-a com firmeza.

— Dei-te uma ordem. Mata-os! Fá-lo!

Soaram passos nas suas costas, e Stokely interpôs-se entre ele e os prisioneiros.

— Não podeis assassinar os oficiais. São nossos prisioneiros.

Thomas engoliu em seco e respondeu com azedume.

— São o inimigo. São turcos, infiéis.

— Não deixam de ser criaturas de Deus, mesmo que ainda não tenham abraçado a verdadeira fé — ripostou Stokely. — Aceitámos a sua rendição. Não podemos chaciná-los assim. Seria uma ofensa às tradições da cavalaria.

— Cavalaria? — Thomas fez uma careta, que se transformou num sorriso. — Não há lugar para tais ideais na guerra contra o Turco. A morte é o que eles merecem.

— Não podeis...

Thomas silenciou-o com a mão erguida.

— Estamos a perder tempo. Quero pôr-me a caminho o mais depressa possível. Mas primeiro temos de nos livrar desta... praga.

Empunhou a lâmina, e antes que alguém pudesse detê-lo, passou a fio de espada o mais próximo dos corsários, um jovem num corpete finamente debruado, ainda demasiado novo para ostentar uma barba. O corsário suspirou e tombou para o convés enquanto uma mancha escarlate se espalhava rapidamente pelo algodão branco das suas vestes. Com gestos fracos, tentou agarrar uma ponta do corpete para fazer pressão sobre a ferida e estancar o sangue que corria. Thomas avançou, cego a tudo pelo seu desejo de sangue. Voltou a golpeá-lo, desta vez no pescoço, cortando a espinha e quase lhe decepando a cabeça. Olhou em redor, para os seus homens.

— Agora tratem de cumprir as ordens que vos dei! Matem-nos a todos. Tu, começa. — Apontou para um dos homens que tinham estado a vigiar os prisioneiros.

O soldado baixou o pique e cravou-o no peito do corsário mais próximo. Os outros começaram a gritar, pedindo clemência em francês e espanhol, bem como nas suas línguas nativas. Depois de os dois primeiros serem executados, os outros soldados juntaram-se à matança. Thomas afastou-se e Stokely continuou a assistir à cena com o horror e a relutância bem expressos no trejeito dos lábios.

— Isto está... errado. — Abanou a cabeça. — Errado.

— Se assim pensais, talvez seja melhor reconsiderardes a vossa pertença à Ordem. — Thomas encolheu os ombros e virou-se, enquanto o último dos prisioneiros era abatido. — Vede se os corpos são atirados fora como indiquei.

Enquanto caminhava para a proa, Thomas nada sentiu por momentos. Tinha esperado uma sensação de alívio, o vazamento da tensão que se tinha acumulado durante a batalha e depois na coberta. Mas tudo o que sentia era uma dormência fria. O sangue que manchava o convés em redor, as armas abandonadas, eram apenas detalhes, e as suas recordações do combate eram imagens soltas e fugazes, limpas de qualquer emoção, de remorso ou até mesmo de qualquer sensação de triunfo. Tudo o que sabia era que ainda estava vivo, e que os seus camaradas tinham conseguido uma pequena vitória. Nada mais do que uma alfinetada na grande besta do poder turco que avançava sem cessar, fazendo daquele mar e das terras que o rodeavam o domínio do Islão. O sangue continuaria a correr, os homens continuariam a morrer pela espada ou pela exaustão e pela fome, agrilhoados aos remos das galeras que percorriam aquele mar atormentado. Mulheres e crianças continuariam a ser levadas como escravas para se tornarem concubinas ou serem educadas por muçulmanos, para que um dia travassem a guerra contra aqueles que em tempos tinham visto como família. E pelo seu lado, os cavaleiros de S. João e todos os que com eles partilhavam a causa lutariam pela sobrevivência. E assim tudo prosseguiria. Espada e cimitarra, presas num duelo infundável e sangrento, cuja única recompensa era a miséria que recaía sobre as gentes de ambas as fações.

Dirigiu-se à pequena escotilha sobre o porão de vante, onde matara o gigante negro. Deixou-se sentar pesadamente enquanto desapertava a armadura, tirava as manoplas e lutava com as fivelas que lhe apertavam o elmo. Ao fim de algumas tentativas, lá conseguiu tirá-lo e colocá-lo sobre as tábuas do convés, a seu lado. O suor colava-lhe o cabelo ao escalpe, e a brisa matinal refrescava-lhe a pele agora exposta. Deixou-se recostar por um momento contra a amurada, até que uma sombra lhe caiu sobre o rosto. Piscou os olhos, abriu-os e avistou Stokely à sua frente.

— Cumprimos as vossas ordens. E os cristãos foram libertados. — Fez um gesto para a parte traseira do convés, onde umas quarenta figuras esqueléticas, embrulhadas em trapos, se amontoavam em torno de cestas com pão, tentando obter um pedaço a que arrancavam sofregamente nacos que mastigavam com vigor. Stokely contemplou-os por momentos. — Estavam com fome, mas ainda assim tiveram tempo de primeiro fazer o carregado em pedaços. Não é que ele não merecesse.

— Se o dizeis.

Stokely espreitou para a escotilha.

— Já fostes ver o que há aí em baixo?

Thomas abanou a cabeça.

— Talvez haja mais comida que possamos dar àquela gente.

Thomas acenou com a mão na direção da estreita passagem.

— Fazei como vos aprouver.

Stokely meteu pela escada que levava ao diminuto compartimento.

Um instante depois, Thomas ouviu-o soltar uma imprecação de surpresa, antes de o chamar.

— Thomas!

— Que se passa?

— Chegai cá abaixo!

A urgência na voz do amigo fez com que Thomas rodasse de forma a saltar para o interior do porão.

— Que é?

Virou-se e avistou Stokely agachado junto a um monte de trapos. Não havia espaço suficiente para se manter de pé, e Thomas avançou também agachado. O monte de trapos mexeu-se e, graças aos raios de luz que penetravam pela grelha do porão, Thomas percebeu que se tratava de uma mulher. Cobria-a um trapo reduzido e imundo, e quando ela se virou para eles, o tecido escorregou e expôs as marcas em carne viva que lhe percorriam os ombros e as costas. O cabelo era longo e escuro, e uma das mãos estava presa a um aro de ferro na parede do porão. Olhou para os dois homens, os olhos cheios de desconfiança. A pele dela era pálida, e exibia uma nódoa negra no rosto. Os lábios gretados entreabriram-se e a língua tentou humedecê-los antes de ela murmurar:

— Quem sois?

— Cristãos — retorquiu Sir Oliver. — Tomámos esta galera.

— Cristãos — repetiu ela, enquanto examinava o aspeto dos dois homens.

Fez-se um silêncio breve enquanto a mulher e os dois cavaleiros se avaliavam. Ao contemplá-la, Thomas percebeu que era muito bela, mesmo naquele estado, espancada, magoada e acorrentada, a viver na sua própria porcaria. Algo se alterou na profunda frieza que tomara conta do seu coração. Virou-se de forma a alcançar o aro e puxou da adaga. A mulher encolheu-se ao avistar a lâmina, e ele apressou-se a apontar para a peça que prendia as correntes ao anel cravado nas tábuas do casco.

— Vou tirar-vos daqui.

Ela assentiu, e Thomas inseriu a ponta da adaga e começou a tentar soltar o pino. Fez uma breve pausa e olhou para ela.

— Como vos chamais?

Ela voltou a humedecer os lábios e respondeu com voz rouca:

— Maria de Venici.

Thomas assentiu, e voltou a sentir o coração a palpitar quando a contemplou.

— Maria — repetiu devagar, saboreando cada sílaba do nome. — Maria.

*Malta, dois meses depois*

O crescente lunar resplandecia sobre a ilha de Malta, riscado apenas por finas nuvens prateadas. Uma faixa de brilho refletido espalhava-se sobre as águas do porto, na direção da crista de Sciberras, e o ar mantinha-se quente e parado. Thomas pouca atenção dava ao que o rodeava. Noutra noite qualquer, não deixaria de sentir o prazer sensual de uma noite de verão no Mediterrâneo, e teria feito uma pausa para melhor absorver a vista e os sons que embelezavam o momento.

Mas não naquela noite.

O coração batia-lhe com impaciência e ansiedade, enquanto esperava à sombra das muralhas do forte de St. Ângelo, lar da Ordem, edificado na ponta rochosa da península de Birgu. A fortificação guardava a entrada do porto e dominava a pequena povoação, cujos telhados vermelhos pareciam cinzentos e desbotados ao luar. Ao longo da base da muralha corria um estreito caminho que levava ao cais na margem, onde Thomas aguardava. Deu um pulo quando o sino da catedral bateu meia-hora depois da meia-noite. Maria já devia ter chegado há bastante tempo. Afastando-se ligeiramente das rochas na base da muralha, esforçou a vista para espreitar ao longo do caminho, mas nada se movia. Sentiu um súbito receio de que ela pudesse ter mudado de ideias e tivesse decidido que não devia correr o risco de se encontrar a sós com ele mais uma vez.

Já tinham sido avisados para pôr um travão na sua relação. La Valette tinha puxado Thomas para o lado durante uma das sessões matinais de treino com armas, para lhe dar umas palavras sem alarde. Relembrou ao jovem cavaleiro de que Maria de Venici esperava apenas pela chegada do irmão, com a recompensa que a Ordem aceitara pela sua salvação.

Os lábios de Thomas tinham-se mexido, divertidos. A palavra mais adequada à situação era resgate. Claro que tal infeliz termo nunca encontrara lugar nas mensagens trocadas entre a Ordem e a família Venici.

— A vossa afeição mútua não passou despercebida — indicara La Valette. — E devo avisar-vos que ela não é aceitável, Thomas. Maria está prometida a outro, e não há qualquer futuro para esta... amizade que cresceu entre vós.

— Senhor, quem vos contou? — inquirira Thomas.

Antes de poder evitá-lo, o olhar de La Valette dirigira-se quase que por instinto para os outros jovens cavaleiros que praticavam movimentos de ataque contra bonecos de madeira instalados no pátio do forte de St. Ângelo. Thomas tinha espreitado por trás dele e avistara Oliver Stokely, que os observava. Quando os seus olhares se tinham cruzado, Stokely voltara a dar atenção ao boneco que tinha estado a atacar, pintado de forma a assemelhar-se a um turco, completo com uma face de traços cruéis, tez escura e olhos negros.

O delator fora portanto aquele homem, que sempre considerara um amigo, concluía Thomas. A surpresa não fora grande, ainda assim. A amizade entre os dois arrefecera nas semanas passadas desde o regresso da galera a Malta, à medida que se tornara evidente que a mulher que tinham libertado preferia a companhia de Thomas. Tinha-se mostrado sempre grata e amigável com Stokely, mas as suas feições iluminavam-se na presença de Thomas, e fora a ele que pedira que a acompanhasse em passeios, primeiro por Birgu e depois pelos campos em redor.

Fora aí que tudo se passara, recordara Thomas, enquanto o seu pulso acelerara. À sombra de uma das raras árvores da ilha, no alto de Sta. Margarida, de onde se tinha uma bela vista sobre Birgu e o porto. Ao tropeçar, ela tinha-se encostado a ele, e a testa dela raspava-lhe na face quando ele lhe segurara o braço, para impedir que ela caísse. Maria olhara para cima, sorriera, e tinham-se beijado. Fora um ato instintivo, e Thomas sentira-se chocado perante aquele seu gesto impulsivo, até que ela pusera a mão por trás do pescoço do jovem e o puxara para ela, para um novo beijo. Tinha procurado um canto escondido no meio das muralhas, onde Thomas lançara a sua capa pelo solo, e ali tinham passado o resto da tarde, antes de regressarem a Birgu ainda afogueados de paixão e trepidantes. Era uma ligação perigosa, e ambos o sabiam. Mas nada podiam e nada fariam para contrariar o calor que lhes corria pelas veias.

Isso sucedera vários dias antes do aviso de La Valette. Dias em que Thomas sofrera as penas dos seus deveres quotidianos como se fossem uma eternidade no purgatório. Depois corria para se encontrar com ela no local combinado, um pequeno jardim junto aos portões da cidade. Fora em tempos pertença de um mercador veneziano, que o legara aos ilhéus. O jardim fornecia aos visitantes sombras e a doce fragrância das flores e das ervas. Não havia em toda a ilha local mais propício para um encontro de amantes. E era lá que estavam, à sombra de uns arbustos, quando Stokely surgira e parara a pé firme no caminho, sob o brilho inclemente do Sol. Fitara-os em silêncio enquanto os dois se afastavam um do outro, surpresos. A cicatriz no rosto de Stokely ainda estava lívida,



e a pele esticada ao canto da boca desenhava-lhe um ar de permanente escárnio.

— Oliver. — Maria sorriera. — Assustastes-nos.

— Isso vejo eu — ripostara ele, friamente. — É portanto para aqui que tendes fugido a correr, Thomas.

Thomas levantara-se do banco que tinha partilhado com Maria.

— Escutai, este é o nosso segredo. Gostaria de vos pedir que não o contásseis a ninguém.

— Pedi à vontade, maldito — retorquira Stokely, furibundo. — Isto não está certo. Thomas, fizestes um voto de castidade. Como todos os cavaleiros.

Thomas fungara com desprezo.

— Esse voto não tem sentido. Mais atenção lhe é dada na fuga do que na obrigação, como bem sabeis. O Grão-Mestre d'Omedes não se importa nada de fechar os olhos, quando lhe convém.

— Ainda assim, é um voto. O meu dever é relatar isto.

Os dois tinham-se confrontado, e Thomas ficara espantado ao descobrir a cólera e mesmo o ódio que ardia nos olhos do amigo.

— Oliver, não podeis fazer isso. Se não pela nossa amizade, então por cavalheirismo para com Maria.

— Não me dais lições de cavalheirismo! — cuspira Stokely. Thomas rangera os dentes e cerrara os lábios, enquanto as mãos se tinham fechado em punhos. Mas antes que o confronto se tivesse tornado mais sério, sentira que Maria lhe puxava gentilmente o braço. Ela colocara-se entre os dois e sorriera nervosamente a Stokely.

— Não há necessidade disto. Sobretudo entre amigos.

— Não vejo aqui quaisquer amigos meus — respondera Stokely, numa voz esforçada.

Maria franzira o sobrolho.

— Oliver, considero-vos um amigo, e tereis para sempre a minha sincera gratidão por me salvardes dos turcos, tal como sucede com o Thomas.

— E é assim que um amigo mostra a sua gratidão?

— Não vos zangueis comigo. — Ela tentara pegar-lhe na mão, mas Stokely dera um brusco passo atrás. Maria soltara um pequeno grito. — Oliver... É do mais fundo do meu coração que vos falo quando vos chamo meu amigo. Meu querido amigo.

— Então porque traís desta forma a minha amizade? Como fazeis os dois, aliás.

— De que forma vos traí? Alguma vez vos menti? — lançara ela.

Quando ele não respondera, ela baixara a cabeça, contristada.

— Considerava-vos meu benfeitor e amigo, como considero o Tho-

mas. E agora, mesmo que ele seja mais que meu amigo, isso não vos torna menos do que isso. Querido Oliver, compreendi por favor.

— Não me chameis tal coisa! A menos que lhe deis o mesmo significado que eu desejo que tenha.

— Tendes a minha afeição. Peço-vos que não abuseis dela.

Stokely resmungara qualquer coisa inaudível, deitara um último olhar furibundo a Thomas e rodara sobre os calcanhares, afastando-se a passos largos pelo jardim. Thomas ficara a vê-lo afastar-se, acabando por soltar um suspiro.

— Vamos ter problemas. Lembra-te do que te digo.

Maria abanara a cabeça.

— Oliver é um bom amigo, e uma pessoa de bem. Depressa acalmará.

Thomas pensara por momentos e encolhera os ombros.

— Espero que tenhas razão, meu amor.

Assim que proferira tais palavras, sentira o coração dar um pulo, e lançara um olhar rápido a Maria. Ela estava a sorrir-lhe, deliciada, e respondera num sussurro: — E agora sim, sei-o com toda a certeza...

— Thomas, escutais-me?

A mente de Thomas esforçara-se por lembrar o que o seu superior tinha acabado de lhe dizer, mas sem resultados. Abrira a boca, mas não conseguira encontrar palavras para responder. La Valette soltara um silvo exasperado e passara a mão pelo espesso cabelo escuro. Debruçara-se para o jovem.

— Mantende-vos longe daquela mulher. Se não o fizerdes, o infortúnio acabará por cair sobre ambos. Grande infortúnio. Percebeis?

— Sim, senhor.

— Podia pedir-vos que me désseis a vossa palavra em como não voltareis a vê-la, mas não desejo colocar-vos numa posição em que a vossa própria alma ficaria em risco por causa dos mais básicos dos instintos animais que a todos atormentam. — Thomas sentira um momento de fúria ao ouvir caracterizar daquela forma os seus sentimentos. — Portanto, estou a ordenar-vos que vos afasteis de Maria de Venici até que o irmão a leve desta ilha — prosseguira La Valette. — Está entendido? Não vos aproximeis sequer da casa onde ela está instalada.

— Compreendo.

— Ainda bem. — La Valette empertigara-se e soltara um sorriso. — Comunicar-lhe-ei o que foi decidido. E que seja este o fim desta história.

*Porque é que ela ainda não veio?* Thomas espumava. Ela tinha recebido a sua mensagem, e respondera que se encontraria com ele, apesar do aviso de La Valette. Portanto, o que poderia tê-la feito demorar-se daquela forma?

Uma mudança de ideias, ou outra causa? *Deus meu, que tenha sido outro o motivo*, pediu Thomas em silêncio, antes de se sentir envergonhado por estar a solicitar a intervenção divina para um propósito que sabia ser considerado ignóbil por muitos outros.

Decidiu esperar até que o sino marcasse a primeira hora da madrugada. Se Maria não tivesse chegado até essa altura, depreenderia que ela não viria de todo, e que aquele amor, o primeiro da sua vida, estava condenado.

A noite alongou-se e quando surgiu por fim o grave som do sino, o cavaleiro soltou um lamento profundo e encetou o caminho de regresso. Foi nesse momento que ela emergiu da escuridão e se lançou a correr para ele; sem palavras, abraçaram-se e trocaram um longo beijo, e todos os receios do jovem se desvaneceram.

— O que é que te atrasou? — perguntou por fim.

— Peço-te desculpa, meu amor. A mulher do mercador em cuja casa fui acomodada é uma bruxa desconfiada, e vigia-me como um falcão.

— E com boas razões. — Thomas riu.

Maria deu-lhe um empurrão no peito.

— Não zombes. Tive de esperar até ter a certeza que já não havia movimento na casa antes de me atrever a sair. Vim assim que pude. Não temos muito tempo. Tenho de estar no meu quarto antes que os criados despertem, pela alvorada.

Beijou-o de novo, mas Thomas sentiu nela alguma tensão, pelo que recuou.

— O que se passa? — indagou.

A pele da jovem estava pálida sob o luar quando ela o encarou, e sentiu-a estremecer.

— Thomas, o que nos vai acontecer? Estamos em pecado, não há outra forma de o descrever. Vou casar-me com outro homem, mas ofereci-te o meu coração e o meu corpo. Para que serve tudo isto? O meu irmão chegará a qualquer momento. E depois disso nunca mais nos veremos.

— Devemos portanto aproveitar ao máximo o tempo de que ainda dispomos.

— Já o fizemos, mais do que a prudência aconselharia — lembrou ela, nervosa.

— Ao demónio com a prudência. Há que seguir a nossa natureza, os nossos corações.

Ela abanou a cabeça e falou em tom suave.

— Tolo. Adorado tolo. Não somos mais do que pequenas peças num mecanismo intrincado. Só podemos obedecer aos caprichos de outras forças, muito mais poderosas. Nada podemos para as contrariar.

— Podemos, sim — respondeu Thomas, empolgado. — Podíamos deixar Malta. Vem comigo para Inglaterra, para a minha casa.

— Deixar Malta? Como? Achas que conseguirias roubar um barco com a mesma facilidade com que me roubaste o coração?

— Que me lembre, não foi roubado, e sim entregue com toda a liberdade. — Thomas esfregou o queixo, enquanto imaginava possibilidades. — Podíamos esconder-nos a bordo de um navio mercante. Desembarcávamos em França e prosseguíamos a partir daí. — Falava sem grande ponderação, e até a si mesmo as palavras que proferia soavam tolas e vãs. A falta de Maria seria imediatamente notada, e quando se descobrisse que também ele tinha desaparecido, não era difícil imaginar as consequências. Maria estava à guarda da Ordem. Esta não poderia dar a impressão de ter falhado nesse dever. Uma galera veloz seria enviada em perseguição de qualquer embarcação que tivesse deixado a ilha. Seriam alcançados antes do fim do primeiro dia de viagem, e trazidos de volta para enfrentarem a ira do Grão-Mestre. Sabia-o perfeitamente, mas o coração exigia-lhe que planeasse a fuga com Maria.

— O que podemos fazer? — lançou, irado. — Não posso desistir de ti!

— Podeis, sim. — Uma voz falou no seio das sombras que dominavam o caminho. — Mais depressa do que julgais.

Viraram-se para a origem do som e Thomas avistou um vulto que emergia para o luar mortiço. Um homem, com a mão sobre o punho da espada. Outros homens surgiram por trás dele.

— Oliver... — sussurrou Maria.

Thomas engoliu em seco e tentou soar calmo quando se dirigiu ao seu antigo amigo.

— O que fazeis aqui?

— Thomas, não há necessidade de vos fazerdes passar por parvo, ainda mais do que tendes feito até aqui — ripostou Stokely. — Sabeis perfeitamente qual a razão da minha presença. — Virou-se e fez um gesto aos homens que o acompanhavam. — Prendam-nos a ambos. Levem a senhora de volta às suas acomodações.

Dois homens aproximaram-se, e Thomas avançou, interpondo-se entre eles e Maria, enquanto erguia os punhos.

— Thomas, não! — pediu ela, com urgência na voz. — É tarde. Demasiado tarde para nós.

— A Maria tem razão — interveio Stokely. — É demasiado tarde. Está tudo acabado entre vós. É tempo de conduzir a senhora de volta a quem a alberga...

Thomas não se mexeu, e Maria rodeou-o, pegando-lhe na mão e apertando-a rapidamente, antes de serem separados. Thomas observou com

desespero e angústia enquanto as três figuras se afastavam pelo caminho na direção de Birgu. Só então Stokely emitiu uma ordem curta que fez com que os soldados avançassem e prendessem os braços de Thomas por trás das costas. Stokely avançou um passo e abanou a cabeça com ar de gozo.

— Meu caro Thomas, o que será de vós agora?

A expressão no rosto do Grão-Mestre, Jean D'Omedes, foi-se tornando cada vez mais sombria enquanto escutava Stokely. Fora acordado pouco depois da segunda hora da noite, e tinha-se exasperado com o seu criado até que a causa para tão inopinado despertar tinha acabado por se impor à sua mente estremunhada. Tinha-se então vestido à pressa e convocado Romegas, o mais antigo dos seus capitães de galeras, e Jean de La Valette, para se reunirem a ele na sala do conselho da Ordem, no coração do forte de St. Ângelo.

A improvisada audiência era iluminada apenas por algumas velas de luz trémula. Thomas estava de pé entre dois guardas armados, perante os três homens que se sentavam por trás de uma longa mesa. Stokely tomara uma posição lateral, e de lá expusera a sua acusação. Quando terminou, instalou-se um silêncio tenso, até que o Grão-Mestre pigarreou e encarou Thomas com ar severo.

— Tendes alguma ideia do mal que fizestes à Ordem? Quando souber do sucedido, a família Venici nunca nos perdoará. Muito menos o duque da Sardenha, a cujo filho estava prometida Maria. A nossa posição já é bastante precária, e a última coisa de que precisamos é de fazer novos inimigos.

Romegas, furioso, lembrou mais pormenores.

— Se nos for negada permissão para reabastecer os navios no porto de Nápoles ou na Sardenha, a nossa capacidade de atacar os corsários e os turcos será fortemente afetada, senhor.

O Grão-Mestre inspirou, indeciso.

— O que vamos nós fazer?

— Senhor, creio que não tenhamos grande escolha — ripostou Romegas. — Teremos de punir Sir Thomas, e de forma exemplar. A família Venici não aceitará nada menos do que isso.

— Esperai. — La Valette rodou ligeiramente no assento, para se dirigir aos outros homens sentados à mesa. — Não há necessidade de tomar decisões drásticas. Ainda há tempo para ocultar este caso a olhos exteriores.

— Pergunto-me se será esse o caso — ponderou o Grão-Mestre, antes de lançar um olhar arguto a Thomas. — Ainda vamos a tempo? Sir Thomas, a honra da senhora está ainda intacta?

Thomas corou, e o olhar de desafio que tinha mantido desmoronou-se, levando-o a contemplar o chão pedregoso em frente à mesa.

— Estou a ver — concluiu d'Omedes, sem mais. — Teremos então de seguir o que propõe Romegas. A punição deve ser rápida e severa. É preciso que todos vejam que a Ordem agiu com decisão contra este apóstata.

— Ele violou um juramento sagrado — lembrou Romegas. — E traiu a honra da Sagrada Igreja. Os Venici hão de exigir a sua cabeça. E desconfio que nada mais será capaz de aplacar a sua ira.

La Valette fungou em sinal de desdém.

— Não estais a sugerir seriamente que executemos Sir Thomas?

Romegas anuiu.

— É precisamente isso que estou a sugerir.

— Por que razão? Por ter sucumbido à fraqueza da carne? Não é razão para enforcar um homem. Por Deus, se assim fosse, mais de metade dos cavaleiros da Ordem já deviam estar pendurados, por manterem amantes ou por violarem as mulheres do inimigo.

O Grão-Mestre ergueu uma mão.

— Peço-vos que vos acalmeis. Não estamos aqui para julgar os outros cavaleiros. Somente Sir Thomas.

— Se não formos capazes de seguir o mesmo padrão em todos os casos, quer-me parecer, senhor, que o nosso código de honra não tem qualquer valor.

O sobrolho do Grão-Mestre franziu-se, revelando a sua ira.

— La Valette, exagerais.

— Não, senhor. Sois vós que avançais para lá do aceitável. — La Valette apontou para Thomas. — Conheço bem este cavaleiro. Combateu ao meu lado nestes dois últimos anos. Nunca vi igual devoção ou coragem ao serviço da Ordem. Sir Thomas é um dos mais promissores cavaleiros da sua geração. Seria pouco ajuizado erradicar tamanho talento precisamente quando temos tanta falta de combatentes válidos. Puni-lo, sim. Talvez uma flagelação pública. Deverá ser o suficiente para lembrar a todos os homens que se devem comportar com honra e dentro das regras da cavalaria. E isso é tudo o que é necessário.

— Não chega — ripostou Romegas. — Se fizermos apenas isso e permitirmos que Sir Thomas permaneça no seio da Ordem, ele tornar-se-á uma permanente lembrança da nossa vergonha e, pior ainda, da nossa leniência e indulgência para com a falta de disciplina e moralidade desregrada. Os nossos jovens cavaleiros precisam de uma lição. Têm de ser recordados

da solenidade e importância do juramento que mantém a coesão da Ordem. Que a morte de Sir Thomas sirva para reafirmar os laços que nos unem. Senhor, insto-vos a decretar a sua execução.

La Valette abanou a cabeça.

— Matá-lo será correr o risco de desencorajar outros jovens de valor a juntarem-se à Ordem. O crime de Sir Thomas é apenas o de ser um jovem, e todos conhecemos perfeitamente os poderosos desejos e necessidades que em tempos também nos assaltaram. Se ele for executado por um temporário lapso na sua capacidade de julgamento, então homens do seu calibre, homens de que tanto precisamos, recusarão juntar-se a nós. Há melhores maneiras de o punir — continuou La Valette. — Formas que demonstrarão claramente que não toleraremos indiscrições deste género. Eu digo que devemos expulsar Sir Thomas da Ordem.

— Expulsá-lo? — O Grão-Mestre fez uma careta. — Que punição vem a ser essa?

— Não existe outra mais vergonhosa. — La Valette virou-se para Thomas. — Creio ter avaliado corretamente este homem. Para ele, ser membro da Ordem é a maior honra a que um homem pode aspirar nesta vida. É a Ordem que dá forma e valor à sua existência. Tirem-lhe isso e a sua vida seguirá em vergonha, consciente do tremendo peso da sua perda em cada um dos dias da sua existência. É essa a punição que lhe deve ser imposta. Além disso, vivendo, poderá continuar a colocar o seu talento para a guerra ao serviço da cristandade, algures que não aqui.

Thomas sentiu-se grato pela intervenção de La Valette. Talvez lhe salvasse a vida. Mas as palavras do seu mentor encerravam uma profunda verdade. Na sua mente não havia maior desonra do que ser expulso da Ordem. O que faria depois? A sua honra pouca valor teria aos olhos de todos os que viessem a saber da sua história.

O Grão-Mestre manteve-se em silêncio enquanto pesava o destino a dar ao jovem cavaleiro. Por fim respirou fundo e pronunciou-se.

— Tomei uma decisão. Sir Thomas Barrett será despojado da sua patente e de todos os privilégios que lhe cabiam enquanto membro da Ordem. O seu brasão será retirado dos alojamentos dos cavaleiros ingleses, e ele será expulso da ilha assim que se puder arranjar-lhe lugar num navio. Não poderá jamais regressar, sob pena de morte, e à exceção de uma permissão expressa da Ordem. Será portanto exilado, e nessa condição permanecerá até que a morte o reclame ou até que, por vontade do Grão-Mestre e nas condições a determinar no momento próprio, tal pena seja revogada. — Bateu com os nós dos dedos no tampo da mesa. — Levem o prisioneiro.

— Não! — gritou Thomas. — Deixem-me ver Maria uma última vez.



— Como vos atreveis? — lançou Romegas, furibundo. — Levai daqui esse suíno insolente! Imediatamente.

Thomas sentiu os guardas que o ladeavam a pegarem-lhe nos braços. Lutou enquanto eles o arrastavam para a porta.

— Deixai-me vê-la! Uma última vez. Tenho de a ver. Por piedade!

— Levai-o daqui! — instou d'Omedes.

Thomas continuou a contorcer-se, mas os guardas agarravam-no com força e forçavam-no a aproximar-se da porta.

— O que vai ser dela? O que ides fazer-lhe?

— A vez dela chegará — afirmou o Grão-Mestre. — Também ela será julgada e punida de acordo com a sua falta. Disso podeis ter a certeza.

Thomas sentiu o coração dilacerado, e lançou um olhar de súplica a Stokely enquanto era puxado pelos guardas.

— Oliver, pela amizade que em tempos nos uniu, peço-vos que tomeis conta dela. Sou eu o merecedor da vossa ira, não ela, não Maria. Ela está inocente. Prometei-me que a protegereis!

Stokely manteve-se firme e silencioso, e apenas um leve sorriso de satisfação traiu o que sentia ao ver Thomas ser levado da sala e a porta fechada atrás dele.

*Barrett Hall, Hertfordshire*  
*13 de dezembro de 1564, Dia de Sta. Luzia*

A primeira mensagem chegou ao entardecer, num dia frio e cinzento. Thomas estava sentado à secretária, numa velha cadeira de madeira esculpida, a contemplar a paisagem através das pesadas vidraças. O campo que se estendia à frente do solar estava coberto por um manto de neve. Os reflexos distorcidos do fogo que morria na lareira refulgiam em tons de vermelho e dourado nos vidros da janela. Lá fora imperava uma luz fria e azulada, desconfortável, e ele mirava as suas profundezas sem se mexer ou dar sequer qualquer sinal de vida. Era como se o seu coração estivesse tão frio e imóvel como o mundo exterior, envolto num lençol branco, à espera de um reavivar de cor e crescimento quando a estação mudasse. A primavera regressaria, tão certo como o quotidiano nascer e pôr do sol, mas tal perspectiva pouco conforto lhe oferecia. Os anos tinham passado como um tecido que se tornava gasto e antigo, e pouca atenção lhes dera. O seu espírito há muito que se transformara em pedra — duro, rígido, insensível. Mas apesar de o coração se lhe ter secado e mirrado, ainda se preocupava com o seu bem-estar físico, pelo que comia de forma regrada e praticava exercício todos os dias, fosse qual fosse o tempo ou o seu estado de saúde. Era uma criatura de hábitos.

Ao longo dos anos que tinham decorrido desde que fora banido da Ordem de S. João, Thomas mantivera-se em plena condição física, e tinha posto as suas consideráveis capacidades guerreiras a bom uso. Muito desse tempo passara-o como mercenário, a combater nalguma das intermináveis guerras que assolavam a Europa. A morte, fosse por doença, pela fome ou em consequência de uma batalha, tinha-o acompanhado de perto, mas sempre o poupava, apesar dos ocasionais ferimentos que recebera. Além disso, o estudo e a leitura constantes tinham-lhe mantido a mente também ágil. Estava decidido a não sucumbir ao marasmo que parecia tomar conta da nobreza inglesa, que nada mais fazia do que vegetar indolentemente nos seus jardins ornamentais e nos seus grandes solares. Designavam-se por lordes e cavaleiros, mas nem um em dez seria capaz de assumir a posição que lhe corresponderia na frente de uma batalha.

Aos quarenta e cinco anos, Thomas ainda se movia com facilidade e

leveza. Tinha já alguns traços de cinzento nas têmporas e na barba, e o rosto curtido começava a enrugarse, mas a maior parte das pessoas apercebia-se por instinto de que ele não era um homem com quem se pudesse gozar. Havia ocasiões, que se iam tornando cada vez mais raras, em que ia assistir a algum evento na corte e acabava por atrair a indesejada atenção de algum bêbado emproado, que ouvira uma qualquer história acerca de Sir Thomas e resolvera testar o calmo e discreto cavaleiro. Porém, há muito que Thomas tinha dominado a arte de afastar os tolos de uma forma polida e sem atrair mais atenções. Era bem melhor exhibir uma tolerância madura do que alinhar numa confrontação que terminaria inevitavelmente numa humilhação pública de um homem muito mais jovem. Thomas experimentara por si o fel e a vergonha desse género de humilhação na juventude, e aprendera bem o valor da ponderação. Fora uma lição que lhe valera muitas horas a sós, na escuridão, de rosto enfiado numa almofada grosseira, a esconder a sua miséria dos olhares dos outros. Não tinha qualquer desejo de fazer novos inimigos, pelo que permitia que a truculência destes jovens aristocratas ingleses lhe passasse por cima sem mácula, e fazia tudo para a ignorar.

Numa única ocasião tinha-se visto forçado a ferir outrem para se defender. Fora havia mais de dez anos, numa festa em honra do Lorde Mayor de Londres. Thomas vira-se confrontado por um jovem vistoso, alto e corpulento, e demasiado cheio do que julgava serem as suas capacidades marciais. Ainda assim, não escondera o nervosismo ao confrontar Thomas. Os olhos jovens estavam alerta e escancarados, a mão tremia-lhe ligeiramente ao deslizar para o punho da espada. Antes que a lâmina subisse mais do que uns centímetros na sua finamente decorada bainha, já a mão de Thomas se tinha cerrado como uma grillheta de ferro em torno do pulso do jovem, enquanto abanava a cabeça com um sorriso gentil de aviso, antes de se virar e se afastar. Mas o idiota tinha soltado um grito de afronta e prosseguira o movimento para desembainhar a espada. Thomas rodopiara e prendera o braço do jovem à perna com um golpe rápido de uma adaga que parecera surgir do nada, tal a velocidade empregue. O jovem caíra para o solo. Thomas recuperara a lâmina e tratara da ferida antes de apresentar as suas desculpas ao anfitrião e deixar a festa.

Abanou a cabeça perante tal recordação, ainda furioso consigo mesmo por não ter lido corretamente a expressão do jovem, a tempo de evitar o incidente. Tinha já demasiado sangue nas mãos, e não queria provocar mais sofrimento a quem já tanto mal fizera, fossem cristãos ou infieis. A memória dos seus atos atormentava-o desde que regressara a Inglaterra. Tornara-se por fim apenas outra cicatriz que se apagava com a idade e a familiaridade.

Apertou mais o casaco junto aos ombros e ergueu-se do lugar junto à

janela, dirigindo-se à lareira onde colocou cuidadosamente mais dois pedaços de lenha. Contemplou-os por momentos, fascinado com a forma como o vapor se escapava a assobiar pelas fendas da madeira, até que um estalo súbito e uma chuva de fagulhas anunciou a aparição de uma chama brilhante e amarelada no seio das brasas que rebrilhavam por baixo da madeira. Voltou ao lugar e sentou-se de novo, dirigindo o olhar para as sombras que cresciam no exterior.

Por cima dos estalos da lenha, ouviu sons que denunciavam alguma comção na entrada, e a sua curiosidade foi despertada. Havia apenas um punhado de servos a viverem na mansão. Não tinha necessidade de mais gente. Seguramente não precisava das dúzias de criados que tinham cuidado dos seus pais e irmãos havia muito tempo, na sua infância, ainda antes de o pai lhe ter arranjado um lugar na Ordem. Os seus pais tinham falecido pouco tempo depois de Thomas deixar a Inglaterra, e sobre isso recebera apenas uma carta escrita em tom austero do seu irmão mais velho, Edward, que o informara da doença que os levava a ambos num intervalo de poucos dias. Depois fora Edward a sucumbir num acidente de caça e, no ano seguinte, o jovem Robert morrera no mar, ao serviço de um corsário cuja única presa fora a disenteria que varrera a tripulação, deixando a bordo apenas uma meia dúzia de figuras esqueléticas que mal tinham conseguido regressar a Dartmouth alguns meses depois. Ao regressar a casa, Thomas escutara a história da boca da criada que fora a ama de Robert. Robert tinha sempre sido o favorito da família, de cabelo claro e sempre bem-disposto, com um gosto pela aventura, muito ao contrário de Thomas, calado e sempre encafudado em si mesmo. Mas Thomas nunca tivera inveja do irmão, nem alguma vez desejara alcançar a sua popularidade. Ao invés, limitara-se a amá-lo como todos os outros.

E agora era o único que restava. Vivia sozinho, à parte o criado, John, uma idosa criada, Hannah, e um jovem que cuidava do estábulo e dos seis cavalos que lhe restavam, bem como do picadeiro por trás da mansão. Stephen raramente falava com os outros, e era mais cavalo do que homem, a crer em Hannah. Além destes, o único outro servo da família era o responsável pela propriedade, que vivia em Bishops Stortford e supervisionava os rendeiros que trabalhavam a terra, recolhendo as rendas e entregando-as no banco em nome do seu senhor, a quem enviava um relatório sobre os negócios duas vezes por ano.

A mansão de Hertfordshire era pertença da família desde havia oito gerações. Thomas era o último na linhagem da família. Nunca se casara, e não tinha herdeiros. Quando morresse, a propriedade passaria para a posse de um primo distante, um homem que Thomas nunca conhecera e por quem nada sentia.

De tempos a tempos alguns amigos do pai tinham tentado arranjar-lhe um casamento. Tinha, educada mas insistentemente, declinado todas as perspectivas que lhe eram oferecidas. Algumas dessas mulheres vinham de boas famílias, eram atraentes e até mesmo inteligentes. Mas nenhuma pudera superar o mais ínfimo termo de comparação com Maria, e só serviam para lhe lembrar tudo o que perdera e que nunca poderia recuperar naquela vida. E a natureza da sua separação fora tal que pouca esperança havia de que qualquer poder divino lhes permitisse voltarem a reunir-se na vida eterna. Era no espírito dessa perda perpétua que Thomas vivia a sua vida. Depois de Maria nada mais existia, apenas o excruciante lembrar do toque, do gesto, do sorriso, da expressão, dos fragmentos de momentos em que tinham estado nos braços um do outro.

Durante momentos as memórias assaltaram-no sem quartel, e Thomas viu-se obrigado a abanar a cabeça, furioso, enquanto apertava os punhos e olhava pela janela, sem ver a serenidade silenciosa que se estendia à sua frente. Por fim o momento passou e ele suspirou, a exalação aliviada de alguém que acaba de passar pelas mãos e faca do cirurgião.

Escutou-se um bater à porta do estúdio, e Thomas afastou o olhar da janela.

— Sim?

A tranca subiu e a escura e pesada porta de carvalho abriu-se para o interior, deixando passar John. Este acenou-lhe e fez um gesto na direção do corredor escurecido que levava ao estúdio.

— Senhor, chegou um mensageiro.

— Mensageiro? — Thomas franziu o sobrolho. — Quem é ele?

— Um estrangeiro, senhor — respondeu John, semicerrando os olhos para mostrar a desconfiança que sentia. — Disse que se chamava Philippe de Nanterre.

Thomas manteve-se calado por momentos.

— Não reconheço esse nome. Disse quem o enviou, ou que tipo de mensagem traz?

— Afirmou que a mensagem era destinada apenas aos vossos ouvidos, senhor.

Thomas sentiu um toque de ansiedade. O que estaria um francês a fazer em Inglaterra, na sua casa, se não fosse para relembrar algum aspeto de uma vida passada, já há muito posta de parte?

— Onde está ele? — perguntou, enquanto franzia as sobrancelhas.

— Na entrada, senhor. — John encolheu os ombros — Pareceu-me o melhor.

— Pede-lhe que entre e deixa que se aqueça ao fogo do salão. É um ato cristão oferecer-lhe hospitalidade, especialmente nesta altura do ano.

Não apreciava aquela intrusão. Nos anos mais recentes, poucos o tinham ido visitar por razões sociais, e menos ainda o tinham convidado para alguma festa ou banquete. Normalmente, tratava os visitantes inesperados como uma fonte de irritação, um assunto que podia despachar rapidamente e depois ignorar. Sentia uma tremenda lassitude nos ossos, e pouco lhe agradava ver-se forçado a abandonar o lugar junto ao fogo onde planeava passar a noite. Se aquele homem, Philippe de Nanterre, lhe tinha ido apresentar alguma oferta para prestar serviço militar, partiria desapontado. Thomas já fizera a sua paz com o mundo, e com os seus inimigos, e só queria que o deixassem também em paz. Afagou a barba bem aparada e olhou para o criado.

— Conseguiu adivinhar de que assunto se trata?

— Consegui, de facto. — John sorriu. — Traz-vos uma carta, senhor. Avistei-a na sacola enquanto levava o cavalo para o estábulo. Já lhe foi devolvida com toda a discricção e segurança.

Thomas não evitou sorrir por sua vez.

— Calculo que a sacola estava entreaberta, por singular acaso.

— Senhor, não me podem ser assacadas responsabilidades por a fivela estar mal apertada. Preocupei-me apenas em trazer-vos alguma informação.

— E bem o fizeste. E de que trata a carta que por acaso tiveste nas mãos?

— É um pergaminho, dobrado e selado. No exterior não havia qualquer indicação do remetente.

— Por acaso reconheceste o selo?

— Não, senhor.

— Descreve-mo, então.

— Uma cruz, senhor. Uma cruz com uma dentada em cada ponta.

Thomas sentiu uma espécie de tontura e fechou brevemente os olhos, lutando contra a maré de memórias e imagens inesperadas e indesejadas que ameaçavam subjugar-lo. Ao mesmo tempo havia uma esperança a nascer-lhe no peito, alimentada pela curiosidade. Respirou profundamente antes de voltar a abrir os olhos e contemplar o criado.

— Leva-o para a cozinha e dá-lhe de comer.

— Senhor? — John arregalou os olhos. — Mas trata-se de um estrangeiro. Não podemos confiar nele. Mandá-lo-ia embora sem delongas, se fosse a vós, senhor.

— Ainda bem que não és, então. Depressa reinará a escuridão, e a estrada para Bishops Stortford deve estar gelada e escorregadia. Não seria aceitável enxotá-lo. Nem seguro. Se assim o pretender, diz-lhe que pode passar aqui a noite. Dá-lhe comida e um leito. E diz-lhe que gostaria de falar com ele, daqui a pouco.

John resmungou, mas sabia perfeitamente que não devia contrariar o seu senhor. Thomas sorriu levemente.

— Deve ter feito uma longa jornada para me encontrar. O mínimo que podemos fazer é oferecer-lhe a hospitalidade desta casa. Agora vai, e trata do homem.

John baixou a cabeça e deixou o estúdio, fechando a porta atrás de si. Enquanto os seus passos ecoavam pelo salão revestido a painéis de carvalho, Thomas cofiou a barba, pensativo. Reconhecera perfeitamente a descrição que John fizera do selo. Era o emblema dos Cavaleiros Hospitalários. Ao fim de tantos anos de espera, a Ordem quebrava por fim o seu silêncio.

Assim que abriu a porta da cozinha e entrou, percebeu que a rotina e isolamento que tinham caracterizado a sua vida nos anos mais recentes estavam terminados. Com as costas para o fogo, o mensageiro estava debruçado sobre uma malga fumegante. Os olhos levantaram-se, curiosos, ao sentir a entrada do senhor da casa, e levantou-se de imediato, enquanto limpava os lábios às costas da mão. Era um sujeito entroncado, e uma cicatriz esbranquiçada cruzava-lhe a testa. O rosto era curtido, e a expressão firme mas educada; ainda assim, Thomas percebeu que se tratava de um jovem, pouco além dos vinte anos de idade. Um soldado, envelhecido antes de tempo, como sucedia com todos os noviços que conseguiam sobreviver aos seus primeiros anos na Ordem. Ainda envergava um manto pesado e escuro, próprio de quem cavalgava pela noite. No ombro notava-se uma cruz branca, suja e manchada, cujos braços se alargavam antes de se dividirem em duas pontas, uma por cada língua falada na Ordem.

— Sir Thomas Barrett? Tenho uma mensagem para vós. Do Grão-Mestre. — O inglês era bom, embora com um sotaque carregado, do Sul de França, calculou. Thomas anuiu e fez um gesto ao visitante, indicando-lhe que se sentasse.

Falou em francês.

— Se não vos importardes, usaremos a língua mais comum na Ordem.

— Com agrado o faço — retorquiu o mensageiro também em francês.

Thomas acenou na direção dos dois servos.

— Eles pouco sabem da minha vida passada. Não gostaria que fossem espalhar boatos na aldeia. As coisas já são difíceis para os que se mantêm fiéis à Igreja de Roma.

— Compreendo.

Thomas virou-se para John.

— Podes deixar-nos. E tu também, Hannah.

Quando a porta se cerrou, Thomas, de pé junto à ponta da mesa, encarou o mensageiro.

— Então?

— O Grão-Mestre...

— Quem é ele? — interrompeu Thomas.

— Quem?

O homem mais jovem fora apanhado de surpresa.

— Peço desculpa — explicou Thomas. — Há já algum tempo que não estou envolvido nos assuntos da Ordem. Não faço ideia de quem a comanda neste momento.

— Oh... — O mensageiro não escondeu a surpresa. — Eu sirvo o Grão-Mestre Jean de La Valette.

— La Valette — assentiu Thomas. — Lembro-me bem dele... Deve estar um velho.

O mensageiro contemplou-o, perplexo, e Thomas sorriu.

— Sempre teve um ar envelhecido. E sempre foi o homem mais duro que alguma vez conheci. Dizei-me, ainda é ele quem lidera a primeira marcha forçada dos noviços?

O mensageiro não reprimiu uma careta.

— Oh, sim. E continua a deixar todos de rastos.

Riram os dois, o que aliviou a tensão que se mantivera até ali. Thomas puxou um banco de debaixo da mesa e sentou-se, enquanto sorria perante a lembrança de um homem de quarenta e tal anos, ágil e magro, a avançar a passo largo à cabeça de uma coluna desfeita de jovens a arfar para se manterem a par do veterano cavaleiro. Mas o sorriso apagou-se quando o olhar se lhe prendeu na cruz impressa na capa do mensageiro.

— Irmão, de onde vindes?

— A minha família tem uma propriedade perto de Nîmes.

— Ah, bem me parecia que reconhecia o vosso sotaque, Philippe de Nanterre. Tendes portanto uma mensagem para mim.

— Sim, senhor.

Thomas sentiu o coração a acelerar no peito.

— Tomaram finalmente uma decisão. Pergunto-me se continuarei excluído da Ordem, ou se finalmente vou ser chamado ao seu seio.

— Senhor, não vos compreendo.

Thomas encarou-o, tentando discernir se o jovem era tolo a ponto de se atrever a troçar dele. Mas a confusão do mensageiro parecia genuína, e Thomas afastou o assunto com um gesto rápido da mão.

— Não importa. Dai-me então a mensagem.

— Sim, senhor. — O jovem lançou a mão à pequena sacola de cabedal que estava sobre as lajes junto às suas botas. Pousou-a sobre as gastas tábuas da mesa e deteve-se, enquanto examinava desconfiado a fivela que fechava a sacola. Deitou o olhar à porta da cozinha e abanou a cabeça antes de



abrir o fecho. Procurou no interior até extrair um pergaminho dobrado e fechado com um selo de cera. Passou-o a Thomas, que o recebeu com uma pequena hesitação. Levou-o até junto dos olhos e virou-se de forma a que o fogo da cozinha iluminasse o selo da Ordem e as palavras inscritas junto a ele. *Para Sir Thomas Barrett, Cavaleiro da Ordem de S. João*. O coração acelerou-lhe quando leu uma segunda vez a parte final do destinatário.

— Como é que me haveis encontrado?

— Sir Oliver Stokely deu-me todas as indicações, senhor.

— Sir Oliver. Por esta altura já deve ocupar uma posição de relevo. Supondo que ainda é o mesmo homem que conheci em tempos.

Philippe anuiu e respondeu à pergunta implícita.

— Sir Oliver é o secretário do Grão-Mestre.

— Ora bem, subiu até ao topo. — Thomas riu. — Para um inglês, quero eu dizer.

— Senhor?

— Não é nada. Acabai de comer. — Thomas voltou a atenção para o pergaminho. Meteu um dedo por baixo da dobra e quebrou o selo. O documento estalou enquanto ele o desdobrava e alisava sobre a mesa. Começou por fim a ler.

A abertura da mensagem era clara, e o desdém e desprezo de Sir Oliver Stokely eram evidentes desde as primeiras palavras.

Sir Thomas,

Escrevo esta mensagem por solicitação expressa do Grão-Mestre, Jean Parisot de La Valette, uma vez que usamos a mesma língua. Tal como eu, deveis estar consciente de que, em circunstâncias normais, a vossa suspensão da Ordem não poderia ser revogada. Dada a natureza danosa da vossa conduta no episódio ocorrido há cerca de vinte anos, foi sempre minha opinião que a exclusão da Ordem era a mais leve penalidade que vos podia ser imposta. A corrente crise exige, porém, que o Grão-Mestre ponha fim ao vosso exílio. Desta forma, e no respeito do juramento que por vós foi prestado quando vos juntastes à Ordem, é-vos ordenado que vos dirijais a Malta da forma mais expedita que vos for possível, sob pena de eterna desgraça aos olhos dos vossos pares e de Deus.

Creio que não se torna necessário relembrar-vos a profunda vergonha que haveis causado aos vossos pares ingleses. A ameaça que pende correntemente sobre a Ordem e sobre toda a Cristandade oferece-vos uma oportunidade para a redenção, não apenas a vós mas a todos os da mesma nacionalidade. Tendo tido alguma proximidade convosco, não espero que sejais capaz de honrar o vosso compromisso com a Ordem, e considero que, em qualquer caso, a vossa eventual contribuição para a nossa defesa seria de somenos importância. Contudo, as instruções do Grão-Mestre não me deixam alternativa que não seja transmitir-vos esta convocatória, e assim o faço em respeito ao seu desejo.

O homem que vos leva esta mensagem dar-vos-á mais informações sobre a presente situação aqui em Malta. Podereis soli-

citar-lhe detalhes que a prudência me aconselha a não colocar por escrito.

Vosso,

Sir Oliver Stokely, Cavaleiro de Justiça da Ordem Hospitalária de S. João, neste dia de 6 de novembro.

Thomas levantou o olhar para interpelar o mensageiro.

— Esta carta foi escrita em novembro. Haveis feito uma viagem veloz.

Philippe encolheu os ombros.

— O tempo é um luxo a que a Ordem não se pode permitir.

— Assim parece. Conheceis o conteúdo desta missiva?

— Não, senhor. Os mensageiros foram alertados para os perigos que poderiam encontrar e receberam cartas para distribuir pelos nossos irmãos cavaleiros. Na minha lista, sois o quinto. E ainda tenho mais dois a contactar. Um em York, e o último na Dinamarca. Se Deus o permitir, regressarei a Malta antes da chegada do inimigo.

— Compreendo. Quantos cavaleiros estão a ser convocados?

Philippe olhou-o por momentos, e o desespero tomou conta do seu semblante, antes de responder.

— Todos.

Thomas riu.

— Todos? Vá lá, meu caro jovem, não brinqueis comigo.

— Sir Thomas, como já vos disse, não temos tempo a perder. Daqui a seis meses, um ano no máximo, a Ordem pode já ter sido apagada da face da Terra pelo infiel.

Thomas estava mais do que habituado a jovens com tendência para floreios retóricos, mas resolveu manter a sua opinião para si mesmo, por respeito ao seu convidado.

— Diz a carta que me podeis relatar todos os detalhes. Portanto, de-sembuchai.

Philippe afastou a malga de sopa.

— Em outubro passado, os nossos espões informaram que o sultão Solimão tinha convocado uma reunião dos seus conselheiros para discutir a estratégia a empregar na campanha próxima. Embora nenhum espão tenha conseguido estar na reunião, não deixaram de assinalar o elevado número de vizires, almirantes e generais que se apresentaram no palácio. Vinham de todos os cantos do Império Otomano. Havia até enviados de Dragut, e dos outros corsários, e dos piratas da Costa da Barbária. Era evidente que os Turcos estavam a planear algo em grande escala para este ano. Pouco depois começámos a receber relatórios de outros agentes, que mencionavam grandes depósitos de armas, pólvora, e de abastecimentos como

cereais e carne salgada. Dezenas e dezenas de novas peças de artilharia foram produzidas nas fundições do sultão, e os melhores artilheiros e engenheiros do Império foram também convocados a Constantinopla. Depois chegaram notícias de que se estava a proceder a concentrações maciças de navios nos portos do Egeu, e que estavam a chegar colunas de soldados a acampamentos próximos. — Philippe debruçou-se ligeiramente sobre a mesa. — É bem evidente. Planeiam atacar a Ordem. Aniquilar-nos.

Thomas sorriu.

— Sim, é evidente que tencionam atacar alguém. Mas porquê Malta? Porquê agora? Decerto que o Solimão tem problemas mais prementes noutras áreas. Temo que o nosso amigo Grão-Mestre se esteja a precipitar um tanto.

— Não. — Philippe bateu com a mão na mesa. — Como vos atreveis a pôr em dúvida a sua palavra?

Thomas encarou-o e falou em tom baixo.

— Cuidado, rapaz. Não tolero que me falem assim, muito menos na minha própria casa.

Por momentos, o mensageiro manteve o olhar aceso, em claro desafio a Thomas. Mas depressa notou o brilho frio e impiedoso nos olhos do homem mais velho, e recordou o pouco que ouvira em Malta sobre a reputação de Sir Thomas. Vacilou, e acabou por baixar o olhar para o tampo da mesa.

— Senhor, peço-vos desculpa. Foi uma longa viagem, e o cansaço afeta-me o julgamento. Não quis de modo algum desrespeitar-vos. O meu único propósito era defender a honra do Grão-Mestre... e a vossa.

Thomas assentiu.

— Compreendo-vos perfeitamente. Agrada-me verificar que La Valette ainda tem o poder de inspirar uma tão feroz devoção nos seus homens. Mas porque está ele tão certo de que Solimão vai desferir um golpe contra a Ordem? E porquê agora, quando está em posição de se lançar sobre a Cristandade em toda a região dos Balcãs? — Franziu o sobrolho. — Não vejo qualquer senso nessa decisão de atacar Malta.

— Senhor, é claro. Desde o começo do seu reinado, há mais de quarenta anos, que Solimão reclama os títulos de “Rei dos reis” e “Senhor supremo da Europa e da Ásia”. Sempre teve em mente subjugar todos os reinos da Cristandade, e impor o Islão a todos os seus súbditos. Agora sente-se a envelhecer, e teme morrer antes de cumprir a sua ambição.

Thomas sorriu.

— Uma bela fantasia. Luto há tempo suficiente para compreender que um plano dessa envergadura não está ao alcance de ninguém, nem sequer do sultão.

— Fantasia ou não, senhor, é esse o seu plano. Os espões do Grão-Mes-

tre ouviram-no dos lábios do próprio Solimão. Malta é o primeiro passo, e a nossa Ordem o primeiro alvo. Temos sido um espinho cravado na sua carne, e agora parece ter resolvido destruir-nos. — O jovem cavaleiro reordenou os pensamentos e prosseguiu. — A causa imediata da decisão do sultão em tomar Malta tem a ver com o facto de termos aprisionado no verão passado uma das suas mais queridas naus de comércio. O comandante Romegas tomou o navio junto à costa do Egipto. Levava a bordo uma senhora de alta estirpe, e o governador turco de Alexandria. No porão seguia uma fortuna em seda e metais preciosos. O valor foi estimado como o equivalente a oitenta mil ducados...

Thomas abanou a cabeça perante a incrível possibilidade de encerrar num navio, por grande que fosse, um tamanho tesouro.

Philippe sorriu brevemente.

— Foi também essa precisamente a minha reacção, senhor. E podemos imaginar a reacção do sultão ao saber das novidades. Há décadas que a Ordem perturba os negócios de Solimão. Temo-nos tornado cada dia mais ousados, e ele resolveu por fim destruir-nos.

— Por vingança? — Thomas arregalou um olho. — O Solimão de que me lembro nunca permitiria que o coração lhe comandasse a mente.

— Tal não é o caso — afiançou Philippe. — Não é apenas por vingança que ele almeja juntar Malta ao seu vasto império. Depois de Malta cair, a Sicília não tardará. E da Sicília poderá atacar a Itália e conquistar Roma, o coração da nossa fé. Mesmo isso não satisfará o seu apetite. Não antes de cruzar os Alpes e conseguir matar ou escravizar até ao último dos cristãos. — Philippe voltou a debruçar-se e bateu com um dedo no tampo da mesa. — Achais por acaso que esta ilha, por longínqua que seja, está a salvo das mandíbulas trituradoras da sua ambição?

Thomas gargalhou.

— Belas palavras. Creio distinguir nelas a voz de Sir Oliver.

Philippe recostou-se, com um sorriso.

— Bem, eu tentei. Sois realmente tão astuto como a raposa, como me diziam.

— Diziam?

— Os irmãos que se recordam de vós, ao tempo em que servíeis na Ordem.

— Já não deve haver muitos — comentou Thomas.

— Não, de facto.

— E aqueles que se recordam de mim hão de também lembrar a forma como deixei a Ordem.

— É bem verdade, senhor. Mas velhas disputas devem ser postas de lado nesta altura.

Thomas agitou um dedo em frente ao mensageiro.

— É evidente que não compreendeis realmente as divisões que existem entre as diferentes nacionalidades na Ordem. No meu tempo, discutíamos entre nós quase com tanta ferocidade como aquela com que nos lançávamos sobre os infiéis.

— Nesse caso, senhor, creio que não encontrareis grandes mudanças quando chegardes a Malta.

— Chegar a Malta? — Thomas olhou-o com intensidade. — Rapaz, não tenteis presumir aquilo de que nada sabeis. O que vos faz pensar que irei a correr pôr-me ao serviço daqueles que me exilaram? Se foram honestos convosco, Philippe, deveis estar ao corrente das circunstâncias que levaram à minha saída de Malta.

Philippe abanou a cabeça.

— Tudo o que ouvi foi que em tempos haveis estado envolvido num qualquer escândalo. Nada mais me disseram.

— Nesse caso, continuam rígidos e convencidos como sempre. Nada lhes devo.

— Proferistes um juramento. Desse juramento não há forma de sair, senhor... A não ser pela morte.

Thomas olhou para as sombras no canto da cozinha, e lançou um sorriso amargo.

— Dá-me ideia que todos os membros da Ordem se verão dessa forma livres do seu juramento, muito em breve.

— Não estaremos sozinhos, senhor. O Grão-Mestre apelou ao auxílio de todos os reinos cristãos. Se responderem, por certo triunfaremos sobre os infiéis.

A fé pouco sofisticada do jovem encheu de tristeza o veterano cavaleiro. Philippe, e centenas como ele, enfrentariam a morte agarrados àquelas noções idealistas, como se fossem relíquias sagradas pelas quais combater e morrer. Thomas tinha alimentado a esperança de nunca mais se ver arrastado para tamanha tolice, e tentou explicar, pela compaixão que sentia pelo seu hóspede.

— Dizei-me, Philippe, desde que haveis deixado Malta para vir até aqui, não haveis por acaso passado por algum reino cristão envolvido numa qualquer espécie de conflito com o seu vizinho? Não conheceis a sorte que milhares de católicos sofreram neste país? Enquanto nós, cristãos, estivermos tão empenhados em nos destruirmos uns aos outros, que hipóteses há de nos juntarmos para resistir ao avanço dos infiéis? Não haverá mais cruzadas. Esquecemos a única e verdadeira Igreja do Senhor, e Solimão é o nosso castigo. O nosso julgamento.

Philippe abriu a boca para protestar, mas Thomas ergueu uma mão

para o silenciar, e depois de uma breve pausa prosseguiu em tom calmo e resignado.

— Voltai para junto do Grão-Mestre, e dizei-lhe que eu irei. Não para morrer por aqueles que me exilaram. Não para morrer pela fé. Mas irei, por razões que só a mim dizem respeito. — Levantou-se — Agora, vou deitar-me. O meu servo dar-vos-á acomodações para a noite. Calculo que queirais partir para York logo pela alvorada.

Philippe assentiu, e quando Thomas se dirigiu para a porta, o jovem mensageiro fez menção de falar.

— Sir Thomas. Tendes a minha gratidão, e a de todos os nossos irmãos em Malta.

Thomas deteve-se à porta, mas não se voltou. Ao invés, os ombros descaíram-lhe, e lançou um profundo suspiro.

— Gratidão? Nada tenho aqui que me prenda, e gostaria de rever Malta antes de partir. É tudo.

Saiu da cozinha e viu John a levantar-se de um banco no corredor. Fez um gesto na direção da cozinha ao passar pelo criado.

— Trata dele. Tenciona partir antes de eu me levantar amanhã de manhã.

— Sim, senhor.

Thomas foi-se deitar de imediato, enquanto as memórias, reavivadas pelo mensageiro, rodopiavam na sua mente. Hannah tinha colocado uma tábua aquecida entre as mantas, mas, mesmo com essa ajuda, não conseguiu acomodar-se, e o sono não veio, afugentado que era por uma sucessão de imagens e emoções que não se deixavam banir da cabeça. Por fim desistiu, e ficou a contemplar o teto do quarto, e a escutar o gemer do vento na lareira. A perspectiva de um regresso a Malta era agridoce. Era o local onde em tempos estivera certo de pertencer. Era lá que tinha amado Maria. Talvez até, por alguma espécie de milagre, ela vivesse ainda, e albergasse aquele mesmo amor que nunca o deixara em todos os anos de separação. Amaldiçoou-se por ser um velho tonto, virou-se de lado e conseguiu por fim adormecer.

Quando acordou, o vento tinha morrido e um sol radioso inundava-lhe o quarto por uma fresta nas cortinas. O lume na fogueira tinha-se apagado também, havia muitas horas, e nos vidros das janelas tinha-se acumulado gelo. Ergueu-se rigidamente e sentou-se na borda da cama por momentos, enquanto relembrava os acontecimentos da noite anterior. Estava convencido da justeza da sua decisão. De qualquer forma, àquela hora o mensageiro já teria partido, e levaria a sua resposta até Malta. Era demasiado tarde para mudar de ideias. Teria portanto de se preparar mais uma vez para a guerra. Com essa ideia em mente, vestiu-se e dirigiu-se ao estúdio, onde

John lhe levaria o pequeno-almoço assim que escutasse o som dos pesados passos do seu senhor a descer as escadas.

John confirmou-lhe que o jovem cavaleiro tinha partido à primeira luz do dia, com um pequeno cesto de pastéis e queijo que lhe dariam para o dia de viagem.

Depois de uma malga de papa, Thomas envergou uma espessa capa com capuz e dirigiu-se a pé pelos campos até à quinta de um dos seus arrendatários. Havia árvores a abater num dos bosques que cresciam na propriedade, e tinha combinado juntar-se ao camponês e aos seus filhos para as derrubar. Era trabalho pesado, que podia perfeitamente ter evitado, mas ele apreciava o exercício e a sensação agradável de satisfação que sentiu foi imensa quando, por volta do meio-dia, contemplou a pilha de lenha que tinha sido reunida. Depois de se despedir dos outros, Thomas regressou ao solar, livre dos pensamentos que lhe tinham perturbado a noite. Decidiu que partiria para Malta dentro de uma semana.

Foi nesse momento que chegou o segundo mensageiro.

O cavaleiro atravessava o arco da entrada no preciso instante em que Thomas sacudia a neve das botas junto à entrada principal do solar. O som dos cascos da montada era abafado pela neve, de forma que quase não houve aviso da sua chegada. Thomas levantou a vista ao pressentir movimento, e viu o homem a puxar pelas rédeas para levar o cavalo a atravessar o pátio e ir ter com ele. Envergava um manto azul, e o género de calções que se tinham tornado moda em Londres. O azul do uniforme indicava que era um servidor de uma casa poderosa. Ao aproximar-se, ergueu uma mão enluvada e apontou para Thomas.

— Tu aí! Uma palavra.

Thomas endireitou-se e cruzou os braços, enquanto o cavalo atravessava o pátio a trote, lançando para o ar uma pequena chuva de cristais brancos de neve a cada passada. Deteve-se a uma dúzia de metros de Thomas, e plumas de vapor saíram das narinas do animal.

— Podes dizer-me se isto é Barrett Hall?

— É.

O homem suspirou, aliviado, e saltou da sela, aterrando sobre a neve sem alarde, ainda com as rédeas na mão. Lançou um sorriso ao interlocutor.

— Saí de Londres pela madrugada. O dia todo a cavalgar. Depois de Bishops Stortford meti-me por um caminho esquecido. Levei horas a dar com isto. Quase ninguém com quem me cruzei sabia sequer que isto existia.

— Gostamos de nos manter longe da confusão — admitiu Thomas. — Quanto menos visitantes, melhor. — Não empregou um tom hostil, mas o semblante do cavaleiro endureceu ao presumir que estava de alguma forma a ser menosprezado, e quando voltou a falar, foi em tom arrogante.



— Homem, o teu senhor está? Avisaram-me que ele raramente se afasta da casa nos últimos anos.

— É verdade — concordou Thomas.

— E está em casa? — indagou o homem, apressado. — Não tenho tempo para jogos. Tenho de regressar a Londres assim que tiver cumprido o que me foi ordenado.

— O senhor ainda não entrou. O que desejais dele?

— Algo que lhe devo dizer em pessoa, que não pode ser transmitido por um criado.

— Então dissei-o.

A expressão de irritação do outro aumentou por um instante, até que se apercebeu do que tinha ouvido, e mudou instantaneamente de atitude, baixando a cabeça.

— Senhor, as minhas desculpas. Não fazia ideia.

— Nesse caso, porque é que partistes do princípio de que vos dirigíeis a alguém de estatuto inferior?

O homem levantou a cabeça e fez um gesto vago.

— Senhor, as vossas vestes não são as típicas de um cavalheiro. Pensei...

— Pensastes? Presumistes? Julgais sempre um homem pela sua aparência?

— Senhor, eu... eu... eu posso apenas pedir-vos desculpa.

Thomas olhou-o com intensidade, até que o outro baixou a vista para o chão. O homem tinha cometido um erro honesto, e sem má vontade, mas ainda assim havia algo que irritava Thomas. Era um exemplo típico da sociedade que girava em torno da corte real e da gente menor que se agarrava à periferia desse círculo. A aparência era tudo, e a substância do carácter de cada um podia ser ignorada. Thomas sentia tudo aquilo como uma ofensa ao seu modo de ver os homens e o mundo, e a isso juntava-se um ressentimento amargo por ter visto a sua privacidade invadida nada menos de duas vezes em menos de um dia.

— Muito bem, que novas me trazeis?

— Uma convocatória, senhor, de facto. — O homem voltou a levantar a vista, e usou um tom respeitoso. — Do meu amo, Sir Robert Cecil. Deseja que o visiteis na sua casa, em Drury Lane, em Londres, amanhã, às seis horas em ponto.

— Deseja? E se eu disser que não?

O queixo do homem descaiu, como se não tivesse compreendido, como se não pudesse sequer ser considerada a possibilidade de algo que não fosse a imediata acquiescência à vontade do seu senhor. Engoliu nervosamente antes de responder.

— Não me foram dadas quaisquer instruções para a eventualidade da vossa recusa, senhor.

— Uma pena. — Thomas encolheu os ombros. — Nesse caso, o que me trazeis é uma ordem. E, nesse caso, sou obrigado a comparecer. Muito bem, disse ao vosso amo que lá estarei à hora marcada.

— Sim, senhor.

Thomas contemplou-o por momentos. O homem tinha passado mais de metade do dia na sela, e não conseguiria regressar a Londres antes de escurecer. Os portões da cidade já estariam fechados, e o mais provável seria ver-se obrigado a procurar um alojamento para a noite no exterior das muralhas. Seria um gesto caridoso oferecer-lhe descanso e alimento antes de ele partir, como fizera com o francês. Por outro lado, o seu hóspede anterior não tinha sido tão impertinente. Por isso, resolveu não se mexer da frente da porta.

— Já tenho a vossa mensagem, podeis deixar-me.

— Sim, senhor. — O criado assentiu, claramente feliz por o deixar. Apoiou uma mão na sela e colocou um pé no estribo. Tentou subir, mas o frio tinha-lhe afetado as articulações, e voltou a escorregar para o solo. Com um grunhido de irritação, Thomas avançou e ajudou o homem a subir para a sela.

— Obrigado, senhor.

Thomas acenou, e o homem pegou nas rédeas e fez a montada rodar, colocando-a depois a trote enquanto atravessava o pátio e saía pelo arco da entrada, o som dos cascos a desvanecer-se rapidamente. Thomas ficou a olhar para o arco por momentos, até que se voltou e entrou em casa, enquanto chamava.

— John! John! Caramba, homem! Onde é que te meteste?

— Aqui estou, senhor! — veio a resposta da cozinha. A porta abriu-se e o velho servidor surgiu, ainda a recolher migalhas do queixo.

— Amanhã, vou precisar das sacolas, do manto, botas e espada. Trata de os limpar e prepara-os para eu os pôr logo pela manhã. Vou a Londres.

— Sim, senhor. — John inclinou ligeiramente a cabeça. — Posso perguntar-vos quanto tempo estareis longe?

— Quem sabe? — Thomas sorriu sem vontade. — Ao que parece, pouco terei a dizer sobre a data do meu regresso.

*Londres*

A escuridão crescia à medida que Thomas se aproximava da capital, que à distância de alguns quilómetros fazia lembrar uma nódoa escura a estender-se pela paisagem. O piso da Grande Estrada do Norte tinha congelado, e os profundos sulcos que a cruzavam tinham obrigado Thomas a seguir a passo no seu cavalo, atrás do carro de um mercador de lãs, e metido numa longa fila de vagões, cavaleiros e peões que se dirigiam a Londres antes que os portões da cidade se encerrassem por aquela noite. Thomas deixara-se ir tranquilamente ao passo da coluna, ao contrário dos correios montados que tinham passado por ele durante o dia. De ambos os lados da neve espezzinhada e dos traços de terra congelada que marcavam a estrada, estendia-se sobre campos e bosques um manto branco. O céu estava carregado, e desde o meio-dia que esvoaçavam de vez em quando alguns flocos; a queda de um nevão parecia iminente. Das chaminés de quintas isoladas e de aldeolas que se espalhavam pela paisagem subiam finos rolos de fumo. Aqui e além, avistava-se, através de uma janela, o brilho rosado de um fogo, que não deixava de criar em todos os viajantes o desejo de encontrar o conforto de uma lareira quente.

Apesar do longo dia de viagem e do frio que se lhe entranhara na carne até o fazer encolher-se sob o pesado manto, os pensamentos de Thomas estavam bem longe dali. Dedicava ao que o rodeava uma pequena parcela de atenção, não mais do que a necessária para guiar a montada e estar consciente do que se passava em seu redor. O que o preocupava realmente era a razão para a convocatória que recebera, para uma visita à casa de Sir Robert Cecil, o secretário de Estado da rainha. Thomas sabia perfeitamente que Cecil fora um firme apoiante de Isabel nos difíceis anos que esta passara antes de subir ao trono. Era, como ela, um devoto protestante, e a principal força por trás dos esforços para suprimir a influência dos Católicos em Inglaterra. Detinha um enorme poder e era o mais importante estadista no país, pelo que se punha a questão: o que queria ele de um obscuro cavaleiro que não tinha posto o pé em Londres nos últimos três anos?

Desde que regressara das guerras na Europa, Thomas optara por permanecer na sua pequena propriedade, a supervisionar as culturas e o cres-

cimento dos seus rebanhos, e a tratar de assegurar condições de vida dignas para os seus arrendatários. Nas raras visitas que fizera a Londres tinha-se apresentado na corte em muito poucas ocasiões, e sempre tivera o cuidado de não chamar a atenção sobre si mesmo, com uma exceção, ocorrida ainda durante o reinado de Maria, a rainha católica. Mesmo nessa ocasião, em que derramara algum sangue, a que corresponderia o castigo de amputação de uma mão, não tinha tentado diminuir a severidade da punição chamando ao caso a sua filiação religiosa. Em todo o caso, acabara por ter apenas de pagar uma pequena multa, o que alguns poderiam ter atribuído a alguma leniência de Maria para com um correligionário católico. Custava-lhe a crer que esta chamada, tantos anos depois, pudesse ter algo a ver com uma nova apreciação de tão velho assunto.

Não se tinha juntado à causa dos que advogavam os direitos dos Católicos em público, nem dos que conspiravam em privado. Era um jogo muito perigoso. Os espíões de Sir Robert Cecil eram numerosos, e as recompensas para quem denunciasse católicos eram tentadoras para quem quisesse ajustar velhas contas ou para quem se deixasse levar pela ganância. Havia alguns casos de aristocratas cuja fé fora usada como pretexto para o confisco das suas propriedades, e até para a sua condenação como traidores. Muitos homens tinham conseguido grandes fortunas por perseguirem católicos, tal como muitos tinham ficado ricos nos tempos da dissolução dos mosteiros pelo rei Henrique. Todos esses homens apoiavam agora Isabel, pelo menos enquanto ela lhes garantisse os direitos sobre as suas recém-adquiridas fortunas.

Era-lhe difícil imaginar que as suas modestas posses pudessem ter atraído a atenção de Cecil ou de algum dos da sua facção. O único motivo que Robert Cecil podia ter para solicitar a sua presença em Londres só podia estar relacionado com a visita daquele jovem cavaleiro da Ordem. Thomas sentiu um arrepio a percorrer-lhe a espinha. Se fosse essa a razão, tinha-se andado a enganar a si mesmo ao pensar que a sua discreta permanência nos confins da paisagem inglesa o tinha posto a coberto do escrutínio. Confirmava-se assim que muito pouco escapava aos penetrantes olhos de Cecil e dos seus homens, refletiu com uma ponta de irritação, enquanto murmurava uma imprecisão contra os cavaleiros que o tinham forçado a deixar a Ordem. Muito depois de se ter resignado a passar os dias que lhe restavam numa vida calma, tinham-se dado ao trabalho de lhe pedir auxílio. E assim que a crise tivesse passado e se sentissem capazes de dispensar os seus serviços, voltariam sem dúvida a escorraçá-lo.

O repicar de um sino distante, a anunciar a quarta hora da tarde, interrompeu-lhe o curso do pensamento. Espreguiçou-se na sela e conduziu o cavalo para a berma da estrada para apreciar o caminho que ainda tinha

a percorrer. A coluna desordenada de viajantes e vagões tinha acabado de passar por uma crista de onde se conseguia avistar a capital sob o seu tapete de espesso fumo. Àquela distância, a neve acumulada nos telhados já parecia suja. A pouco menos de um quilómetro, via-se o grande mercado de Smithfield, para onde os mercadores de carne de todo o país conduziam os seus rebanhos, para venda e abate. A curta distância dos redes e filas de estábulos, havia um espaço aberto, onde se avistavam vários postes de madeira queimada erguendo-se sobre pilhas de cinza fina. Um desses montes parecia fresco, já que ainda fumegava e derretia a neve que tombava sobre ele.

Sabia perfeitamente que era ali que os hereges eram executados, queimados vivos. Havia cerca de dez anos, tinha estado no meio de uma multidão que testemunhara a execução de três sacerdotes protestantes que tinham desafiado os éditos da rainha Maria, ao pregarem em público depois de as suas licenças para tal terem sido revogadas. A rainha obrigara toda a corte a assistir ao espetáculo, que apreciara com satisfação evidente sentada num cadeirão almofadado e finamente decorado, colocado num estrado erigido para o evento. Thomas lembrava-se bem dos gritos lancinantes dos homens. Os pregadores tinham-se contorcido por entre as labaredas que se tinham espalhado rapidamente pelos feixes de lenha acumulados sob os pequenos apoios para os pés. Em poucos minutos os corpos tinham ficado envoltos num turbilhão de brilhantes chamas amarelas e vermelhas, que não os escondiam por completo — figuras enegrecidas ainda a debaterem-se contra as correntes que os prendiam, ao mesmo tempo que os seus gritos se ouviam por cima do crepitar da lenha. A lembrança, ainda bem viva, gelou-lhe o coração. Desviou o olhar dos postes e deu um estalo com a língua para que o cavalo acelerasse o passo, recomeçando a trotar.

Para lá de Smithfield avistava-se a muralha da cidade. Em tempos fora uma formidável linha de defesa, mas também já havia muito que era negligenciada. Havia brechas onde secções inteiras tinham ruído, e o fosso que em tempos rodeara toda a cidade estava cheio com montes de lixo e desperdício humano. Um fedor intenso dominava o ar frio quando Thomas passou sob o amplo arco de Newgate e entrou em Londres. Os sons da grande cidade assaltaram-lhe imediatamente os ouvidos, vindos de todos os lados. Gritos de vendedores ambulantes, choros de crianças, berros daqueles que se esforçavam por se fazer ouvir sobre o ruído ambiente, tudo o atingia, bem como o odor do pão a cozer, de carne cozinhada e de carne rançosa, e o omnipresente cheiro do esgoto. As principais vias de Londres pareciam à beira do esmagamento pelos edifícios que se empilhavam nas suas margens, debruçando-se sobre elas, já que cada andar se projetava sobre o que lhe ficava debaixo, deixando as ruas envoltas numa penumbra que abatia o espírito de Thomas.

Foi com algum alívio que, quando a luz já morria por trás das linhas abruptas dos telhados e mergulhava toda a cidade nas sombras, virou para uma avenida larga em Holborn. Thomas fez por ignorar os vendilhões que corriam ao lado do cavalo, tentando interessá-lo em petiscos e lenços, mas manteve um olho atento sobre as sacolas que seguiam à garupa do cavalo, para garantir que nenhum meliante tentava aliviá-lo das suas posses. Por fim avistou a entrada para Drury Lane e conduziu a montada para uma rua mais calma. As lojas de ambos os lados tinham bom aspeto, e os letreiros bem cuidados anunciavam uma variedade de bens de preço elevado: tecidos finos, vinhos e queijos, talheres e copos importados da Europa. Por entre as lojas viam-se grandes casas, cuja dimensão e opulência aumentava à medida que a rua se aproximava de Aldwych e do Tamisa, que corria logo atrás.

Quando a última luz do dia se apagava, Thomas deteve um rapaz que corria a cumprir um recado, com um pequeno pacote firmemente preso debaixo do braço. Perguntou-lhe onde ficava a casa de Cecil, e foi-lhe indicada uma propriedade imponente numa esquina onde Drury Lane cruzava outra rua. A fachada dava para Drury Lane e mostrava madeiras ricamente trabalhadas, conjugadas com padrões geométricos desenhados por tijolos de fino acabamento. Ao lado, um portão dava acesso a um pequeno pátio ligado aos estábulos, mas um par de criados de aspeto poderoso impediu-lhe a passagem até ele anunciar o encontro que tinha marcado com o dono da casa, depois de desmontar e passar as rédeas do cavalo a um pajem. Foi conduzido por uma porta nas traseiras da casa e entregue aos cuidados de um dos criados da casa, que envergava um cuidado uniforme do mesmo azul que o mensageiro que o tinha visitado em casa na véspera. Mais uma vez, Thomas teve de explicar a razão da sua visita, e foi então conduzido ao átrio da casa, por umas escadarias acima e depois por um corredor iluminado por velas que revelavam pinturas penduradas nas paredes cobertas por painéis de madeira; quase todas representavam cenas de caça ou algum membro da família ostentando um ar severo. Um único quadro mostrava uma cena religiosa, reparou Thomas antes de ser conduzido a uma pequena sala de espera com bancos de madeira encostados às paredes, iluminada e aquecida por uma lareira. Um jovem de aspeto esguio ocupava-se a alimentar o fogo mortiço com alguns pedaços de lenha. Olhou por cima do ombro ao notar a chegada de Thomas. Tinha feições morenas e um aspeto delicado; os olhos eram castanhos e davam-lhe ao semblante um aspeto penetrante que Thomas achou um tanto perturbador.

— Informarei o secretário do amo da vossa chegada, senhor — anunciou o criado. — Desejais algum tipo de refresco enquanto aguardais?

— Apreciaria com gratidão uma taça de hidromel aquecido.

— Hidromel? — As sobrancelhas do criado subiram ligeiramente, e Thomas não evitou algum gozo perante a incapacidade que o homem revelava em colocá-lo nalgum dos nichos da hierarquia social vigente em Londres. As roupas que envergava eram de bom corte mas não tinham quaisquer adornos, e o cabelo bem aparado, como a barba, não exibia qualquer pretensão de seguir o estilo dos cavalheiros mais atentos à moda. Thomas passaria bem por um comerciante abonado, ou por um pequeno proprietário rural, mas o facto de ter uma reunião agendada com Sir Robert Cecil apontava para um estatuto mais elevado, pelo que o homem acabou por inclinar a cabeça. — Como pretendeis, senhor. Hidromel será.

Fechou a porta ao sair, enquanto o homem junto à lareira observava Thomas com olhos que pareciam tudo perscrutar, antes de fazer um aceno respeitoso e voltar a concentrar-se no atizar do lume. Quando deu a tarefa por concluída, esfregou as mãos e sentou-se num banco próximo da lareira. Ao seu lado ficava a outra porta da sala. Thomas tirou o manto, as luvas e o chapéu, e pousou-os ao seu lado no banco onde se tinha sentado, do outro lado da sala. Por momentos limitou-se a gozar a atmosfera sossegada e deixou que o calor penetrasse gradualmente pelas roupas, até afastar por completo o frio que o tinha dominado.

Por fim levantou a vista para examinar o jovem que com ele partilhava o compartimento; foi com surpresa que percebeu que o outro também o contemplava com atenção. Longe de se sentir desconfortável ao perceber que tinha sido descoberto numa evidente análise e de baixar a vista, o jovem continuou a estudá-lo de uma forma que Thomas considerou um tanto grosseira.

— Conheço-vos? — perguntou.

— Não.

— E vós a mim, conheceis-me?

— É a primeira vez que vos vejo. — A voz era culta, mas Thomas não conseguia perceber de onde era aquele sotaque. Mas antes que pudesse continuar a conversa, a porta junto ao jovem abriu-se e um escrivão de ar frágil numa farda azul entrou no compartimento. Limpou a garganta e olhou para Thomas.

— Sir Thomas Barrett?

— Sim.

— O amo vai receber-vos agora.

— Já? Não era suposto falarmos antes das seis.

— Ele está agora à vossa espera, senhor.

— Muito bem. — Thomas levantou-se do banco e deitou uma última olhadela ao jovem, que em resposta se limitou a inclinar ligeiramente a cabeça.

A porta abria-se para um pequeno quarto com uma janela que dava para o pátio traseiro da casa. Por baixo dessa abertura estavam uma mesa e um banco, ladeados por baús repletos de documentos. O secretário adiantou-se a Thomas e bateu levemente a uma porta na outra extremidade do escritório. Depois de uma breve pausa, levou a mão ao ferrolho e abriu a porta, dando um passo para o interior.

— Senhor, Sir Thomas.

— Fá-lo entrar, por obséquio — respondeu uma voz profunda.

O homem recuou e fez um gesto a Thomas, indicando-lhe que entrasse. O gabinete da casa do secretário de Estado era proporcional à importância do seu proprietário. A sala estendia-se do pátio das traseiras até à rua principal, para onde davam uma série de janelas vidradas. Nas paredes alinhavam-se estantes repletas, mais livros do que Thomas alguma vez vira juntos. Calculou que deviam estar ali uns quatrocentos a quinhentos exemplares. Uma biblioteca privada verdadeiramente esplêndida, concluiu com inveja mal escondida. Havia duas lareiras, uma a cada ponta da sala, e cadeiras espalhadas entre as estantes, as suficientes para acolher uns trinta a quarenta convidados. Entre as duas lareiras estava posicionada uma grande secretária, sobre a qual se via um tabuleiro de madeira que acolhia uma pilha de documentos. Ao seu lado, cuidadosamente dispostos, estavam dois tinteiros e um punhado de penas. Por trás da mesa sentava-se um homem encorpado, com uma veste de seda. O cabelo era aparado de forma precisa em torno do escalpe, e a barba formava uma ponta declarada sobre um princípio de duplo queixo. Aparentava ser alguns anos mais novo do que Thomas. No compartimento só estava outra pessoa, um homem magro e de vestes negras que chegavam quase ao chão. Estava de pé junto a um dos fogos, a aquecer as costas. Os dois olharam para Thomas rapidamente, até que o homem por trás da secretária lhe dirigiu um gesto impaciente.

— Vinde, Sir Thomas, sentai-vos. Aqui. — Indicou uma das cadeiras acolhoadas dispostas em arco do outro lado da secretária. — Vós também, meu bom Francis.

Thomas fez o que lhe era indicado e escolheu para se sentar uma cadeira no meio da sala, de forma a que o outro tivesse de se sentar noutra ponta, longe da posição que implicitamente indicava maior importância. Depois de se acomodarem, Sir Robert debruçou-se para a frente e fixou um olhar imperturbável em Thomas. O semblante indicava alguma boa disposição, e o tom de voz era agradável.

— Espero que a vossa jornada de hoje não vos tenha causado incómodo?

— Correu tudo bem, senhor. As estradas são seguras, e a neve era ligeira. Andei bem e depressa.



— Ao que vejo. Chegastes a Londres mais depressa do que eu esperava. Thomas sorriu levemente.

— Alguém que é convocado pelo secretário de Estado não fica a desperdiçar tempo com inutilidades, Sir Robert. E portanto cá estou, ao vosso inteiro dispor.

— De facto assim é, e até me atrevo a dizer que a razão por que vos mandei chamar aqui ocupa o lugar principal dos vossos pensamentos.

— Claro que sim.

— Deixai-me então informar-vos de que a vossa presença neste local se deve ao carácter delicado da tarefa que tenho ideia de vos confiar. Apesar de a nossa abençoada soberana estar no trono há cinco anos, existem ainda muitos que veem a sua ascensão ao trono com evidente má vontade, e não apenas devido ao seu comprometimento com a religião protestante. Suponho que o nome de John Knox vos seja familiar?

— Já o ouvi, sim.

— E sabeis sem dúvida como ele vocifera contra o próprio princípio de uma mulher poder ascender ao trono. Talvez tenhais até lido algum dos panfletos que ele lançou acerca disso.

— Teria de ser muito tolo para o fazer, Sir Robert. Esses panfletos foram banidos. Se bem me lembro, ser encontrado na posse de um deles é uma ofensa capital.

— Assim é. Mas estais com certeza familiarizado com as suas teorias.

— Já ouvi falar delas, sim — retorquiu Thomas com todo o cuidado, consciente de que o outro homem na sala o observava, sem dúvida para poder testemunhar futuramente. — Embora não me recorde quem é que as mencionou, para falar com franqueza.

— Naturalmente. — Sir Robert sorriu. — E de pouco serviria que eu vos pressionasse quanto a este assunto, e ainda menos utilidade teria sujeitar-vos a algum sofrimento para reavivar essa memória quanto aos nomes envolvidos nessa conversa. — Gargalhou levemente, como que para sublinhar a irrelevância do comentário, mas Thomas compreendeu perfeitamente a velada ameaça de o submeter a tortura. Estava completamente à mercê daquele homem, fossem quais fossem as suas opiniões acerca de Knox ou de outro qualquer dos que se opunham à rainha Isabel. Como católico, enfrentava uma dupla ameaça. Devolveu o olhar de Sir Robert sem demonstrar qualquer emoção. Instalou-se um silêncio desconfortável, até que Sir Robert se recostou levemente e ergueu as mãos, como se se lembrasse de alguma coisa.

— Ah! Perdão, esqueço as minhas maneiras. Devia ter-vos apresentado um ao outro. Sir Thomas, é com prazer que vos apresento Sir Francis Walsingham, meu companheiro em muitas das tarefas que desempenho ao

serviço da nossa soberana. Confio inteiramente nele, sem qualquer reserva — acrescentou, com ênfase.

Thomas virou-se para o outro e assentiu, à laia de cumprimento.

— Walsingham.

O homem encarou-o e respondeu com frieza.

— É um prazer conhecer-vos, Sir Thomas.

— Tendes de perdoar Sir Francis — lançou o anfitrião, com nova gargalhada. — Não tem qualquer amor pela Igreja de Roma, e por vezes isso leva-o a esquecer a etiqueta. Mas deixemo-nos de dançar à volta da questão. Sir Thomas, asseguro-vos que não foi para vos acusar de heresia que vos pedi que aqui viésseis. Tenho uma missão para vos confiar. Que será também uma oportunidade para servirdes a vossa soberana e o vosso país, e que poderá desfazer qualquer dúvida que possa existir quanto à vossa lealdade para com eles.

— Não vejo como pode a minha lealdade a qualquer um deles estar em dúvida — contrariou Thomas, tentando adotar uma fórmula conciliadora.

— Evidentemente que não. O vosso coração é leal, e eu não vos teria convocado se tivesse alguma dúvida, por menor que fosse. Aceitemos então esse facto. Concordais? — Lançou um olhar de aviso a Walsingham. Este anuiu.

— Muito bem. O que nos leva à primeira questão que gostaria de vos pôr, Sir Thomas. Creio bem que há duas noites fostes visitado por um cavaleiro francês, um membro da mui seleta Ordem dos Cavaleiros Hospitalários de S. João. — Virou-se para Walsingham. — É esse o título que empregam, não é?

— Mais ou menos.

Os olhos de Cecil fixaram-se em Thomas, e as rugas de bom humor que se espalhavam a partir dos cantos dos olhos alisaram-se, deixando apenas um olhar frio e insensível.

— Quereis ter a bondade de nos informar da razão por que um cavaleiro francês com laços a uma ordem militar católica se deu ao trabalho de atravessar toda a Europa para vos visitar, Sir Thomas?

Portanto, e tal como suspeitara já, era a visita de Philippe de Nanterre a razão de ter sido chamado ali, pensou Thomas. Durante vinte anos fizera tudo o que pudera para evitar atenção ou afastar qualquer suspeita, e agora tudo se esfumara, graças ao jovem cavaleiro e aos seus superiores em Malta. O sentimento que o inundava era mais de ressentimento que de receio, e respondeu a Cecil sem desviar o olhar.

— Veio trazer-me uma carta.

— Uma carta? — inquiriu Walsingham. — Onde está?

— Na minha casa. No meu estúdio.

— E o que dizia ela?

— A carta era-me dirigida a mim, Sir Francis. Não vejo razão para partilhar convosco o seu conteúdo.

— Não? — Walsingham sorriu pela primeira vez, os finos lábios a separarem-se ligeiramente para revelar dentes bem alinhados mas escurecidos. — Pergunto-me o que tendes a esconder.

— Nada.

— Então dissei-nos.

Thomas rangeu os dentes e sentiu a primeira vaga de ira a correr-lhe pelas veias enquanto fitava Walsingham. O homem era provavelmente uns dez anos mais novo do que ele, e estava portanto fisicamente no seu auge, mas tinha passado demasiado tempo em Londres, e a palidez da sua complexão denunciava falta de força e vigor. Thomas tinha perfeita consciência de que, num combate, facilmente o faria em pedaços, e o mero pensamento dessa possibilidade fez despertar nele uma ânsia pela violência que havia muito mantinha subjugada. Era porém aí que residia o verdadeiro perigo, pelo que se obrigou a afastar a tentação. Fechou os olhos por alguns instantes e acalmou a respiração. Nada tinha a ganhar com uma confrontação daquele género.

— A carta foi-me enviada por Sir Oliver Stokely, de Malta — começou. — Solicita-me que honre o juramento que prestei à Ordem e que regresso para participar na defesa da ilha contra a hoste que o sultão dos Turcos está a formar para lançar contra Malta. É essa a substância da missiva.

— Sir Oliver Stokely — repetiu Cecil, com um ligeiro sorriso. — Por acaso ainda é meu primo, embora distante. Éramos chegados em crianças, até que ele permitiu que a sua fé o afastasse. Para longe, como a sua presença em Malta ilustra de forma eloquente. Mas estou a afastar-me do nosso assunto. Calculo que o vosso visitante vos tenha pedido uma resposta, antes de prosseguir nas suas viagens.

— Assim foi.

— E o que lhe respondestes?

— Aceitei.

Cecil and Walsingham trocaram um rápido olhar, e Thomas julgou perceber alguma desilusão ao saberem da resposta. O primeiro voltou a encará-lo.

— Porque aceitastes?

— Fiz em tempos um juramento que é ainda válido. O Grão-Mestre convocou-me, devo responder ao apelo.

— Considerais-vos ainda preso a um juramento feito há tantos anos?

— Um homem vale o que vale a sua palavra — retorquiu Thomas. — Ainda assim, é verdade que já passou muito tempo desde que partilhei com entusiasmo os objetivos e as crenças da Ordem.

— Discordais então da ideia de defender a Cristandade contra os Turcos?

— Não. Acredito na autodefesa. Vivi o suficiente e vi o bastante para saber que só um tolo oferece a outra face. O que mais desejo é que a paz triunfe entre os homens das diversas fés. O que nos deu a guerra contra o Islão, para além do sangue derramado, do sofrimento e da destruição? Sabeis há quantos anos está a Ordem em guerra contra este inimigo? Há mais de cinco séculos. — Por momentos Thomas sentiu o peso de tanto tempo devotado a alimentar o ódio e a violência mais irracional. Geração após geração banhada no sangue dos inocentes. Abanou lentamente a cabeça. — Preferiria que a luta terminasse e que pudesse existir paz entre a Cristandade e o sultão.

— Paz com o sultão? — Walsingham soltou uma risada áspera. — Alguma vez se ouviu ideia mais absurda?

Thomas olhou para ele.

— Se tiver de matar de novo, não será em nome da religião.

— Todavia, nada vos custou abraçar a vida de mercenário e matar por dinheiro ao longo de muitos anos — desdenhou Walsingham, e preparava-se para prosseguir quando o seu superior levantou uma mão e o deteve.

Cecil cruzou as mãos e contemplou Thomas com ar pensativo.

— Um sentimento admirável, Sir Thomas, em boa verdade. Num mundo melhor, partilharia por certo das vossas convicções. Porém, este

mundo está repleto de pecadores que não pensam senão em ações malévolas, e tudo temos de fazer para lhes vedar tal curso de ação. O sultão é um deles, e tem de ser detido. O vosso antigo camarada, Sir Oliver, tem toda a razão quando vos confia que a Ordem está em perigo, lá em Malta. As nossas fontes disseram-nos exatamente a mesma coisa.

Os olhos de Thomas semicerraram-se.

— Perdoar-me-eis, Sir Robert, mas como podeis saber o que Sir Oliver me escreveu?

— Ah. — Uma expressão pesarosa tomou conta do semblante de Cecil. — Esperava devolver-vos isto daqui a mais algum tempo. — Pôs uma mão no interior das vestes e extraiu uma folha de papel dobrada com um selo familiar, já quebrado, e empurrou-a pela mesa na direção de Thomas. Este contemplou a carta que recebera, sem esconder a surpresa.

— Como é que isto vos veio parar às mãos?

— Imaginais que poderíamos permitir a um soldado estrangeiro que se passeasse livremente por toda a Inglaterra sem que nos assegurássemos de que todos os seus movimentos seriam vigiados?

— Foi seguido até à minha casa?

— É claro.

Só então Thomas se apercebeu de todas as implicações.

— Mas esta carta estava no meu estúdio esta manhã. Eu mesmo a coloquei lá, sobre a secretária. Estou certo disso.

— Sim, assim foi. Mas um dos meus agentes fez uma pequena visita à casa depois da vossa partida. Conseguiu persuadir um dos vossos servidores a fazer um relato do que se tinha passado, e revistar o vosso escritório foi coisa de minutos. A carta foi encontrada e foi-me trazida de imediato. Eu e Sir Francis lemo-la mais de duas horas antes da vossa chegada.

— E o vosso homem magoou algum dos meus servidores para obter essa informação? — inquiriu Thomas, aparentemente calmo.

— Tal não foi necessário. — Cecil sorriu. — Os vossos servidores são católicos, como vós. Foi muito simples, bastou lembrar-lhes o destino que espera quem é acusado de heresia, e que as provas necessárias para acusar um servo são bastante menos complexas do que no caso de um homem com o vosso estatuto, Sir Thomas.

— Embora também essas se possam encontrar — acrescentou Walsingham em tom de ameaça.

— Sir Francis, por favor, não há qualquer necessidade de proferir ameaças contra o nosso ilustre convidado. — Cecil voltou-se de novo para Thomas. — Aqui está, a carta é vossa. Guardai-a, por favor. Lamento ter sido obrigado a lê-la, mas na minha posição sou forçado a precaver qualquer ameaça a Sua Majestade. Deveis compreendê-lo.

— Perfeitamente — retorquiu Thomas, enquanto pegava na carta, segurando-a com as pontas dos dedos como se estivesse conspirada. — Não há qualquer comportamento baixo ou abuso da lei que não sejais capaz de usar para forçar as pessoas a submeterem-se à vossa vontade.

Cecil encolheu os ombros sem hesitar.

— Faço o que tem de ser feito.

— E era realmente necessário roubar esta carta? Porque é que foi preciso perguntar-me o propósito da missão de Sir Philippe, se, graças à leitura da mensagem, já estáveis ambos ao corrente de tudo?

— Tínhamos de saber se diríeis a verdade. Se não nos esconderíeis alguma coisa. A verdade é que haveis passado o teste.

— Fico muito satisfeito — replicou Thomas, com azedume. — Penso que é chegado o momento de me explicardes a tarefa que foi mencionada. Embora deveis estar cientes de que jamais vos auxiliarei a perseguir os meus irmãos de fé aqui em Inglaterra.

— Não esperaria outra coisa de um homem com a vossa integridade, Sir Thomas. Pois muito bem, vamos lá ao que importa. Como sabeis, os Turcos estão a preparar-se para desferir um poderoso golpe contra um dos pilares da influência cristã no Mediterrâneo. Se conseguirem tomar Malta, seguir-se-á a Sicília. E depois a Itália, e a própria Roma. Se Roma cair, será o toque a finados da nossa fé, tanto protestante como católica. Solimão nunca escondeu o seu objetivo de se tornar senhor do mundo conhecido e de impor o Islão a todos os seus súbditos. Escolheu uma excelente ocasião para lançar as suas forças contra nós. A Europa está dividida por guerras e fações religiosas. A Espanha e a França estão presas às goelas uma da outra, e a grande armada que Veneza estava a pensar em enviar contra os Turcos foi desmantelada depois da cobarde aliança que firmaram com Solimão, para proteger os seus interesses. Como vedes, os vossos irmãos da Ordem não podem esperar grande auxílio exterior quando enfrentarem os Turcos. Só a Espanha prometeu enviar as forças que puder dispensar. — Cecil fez uma pausa para dar maior ênfase às suas palavras seguintes. — Se concordardes em regressar a Malta, estareis na vanguarda do combate para salvar a Europa do infiel. Salvai Malta, e todos seremos salvos.

Thomas não resistiu a lançar um sorriso cínico.

— Fui portanto aqui chamado para ser convencido a juntar-me à luta contra o Islão.

— Sim, mas também há outro propósito. — Cecil recostou-se e designou Walsingham com um dedo. — Sir Francis, explicai-lhe.

O outro homem ordenou os pensamentos antes de começar.

— Uma vez que haveis decidido regressar a Malta, tereis a oportunidade de servir os interesses de Inglaterra de uma forma mais direta. Há pouco

haveis criticado Sir Robert e a mim próprio acerca das medidas que nos vemos obrigados a tomar de forma a preservar a ordem no país.

— Ordem é uma palavra — contrariou Thomas. — Uma outra palavra para descrever a situação é tirania.

— Seja como for, as nossas ações previnem a ocorrência de um muito maior mal, nomeadamente uma guerra civil. Desde que o rei Henrique negou a supremacia da Igreja de Roma, o nosso país tem sido dilacerado pelas tensões entre católicos e protestantes. É um verdadeiro milagre que a situação ainda não tenha degenerado num conflito civil aberto. Não preciso de vos lembrar dos horrores que têm ocorrido nos Países Baixos e em França. John Knott tem-nos descrito por escrito de forma bem clara.

— Talvez não devêsseis dar crédito a tudo o que podeis ler no *Livro dos Mártires* — avisou Thomas.

— Pode ser — concordou Cecil. — Mas não podeis negar que ocorreram bastantes atrocidades. Afinal, deveis tê-las visto com os vossos próprios olhos quando haveis servido por essas paragens. Aceitando que há uma nota de sensacionalismo em Knott, há ainda assim suficiente verdade nas suas palavras para nos permitir pintar o quadro do que sucederia aqui em Inglaterra se as diferenças religiosas se exprimissem através da violência. O sangue correria nas ruas das nossas cidades. Até agora isso não aconteceu porque os Protestantes se têm de modo geral mantido unidos na sua oposição ao catolicismo. Mas o que ocorreria se surgisse uma divisão entre os nobres e a rainha? Tal facto daria ânimo aos Católicos, e pouco tempo seria necessário para estarmos em guerra aberta.

— Talvez — refletiu Thomas. — Mas o que poderia provocar tamanha divisão?

Cecil trocou um olhar com Walsingham antes de retomar a palavra.

— Há um documento na posse dos cavaleiros de Malta que, se algum dia for tornado público, poderá dilacerar este país. Os aristocratas virar-se-iam contra a rainha, a plebe contra os aristocratas, e depois todos lutariam contra todos. É essa possibilidade que tentamos evitar.

— Haveis dito que *poderá* dilacerar este país. Porquê, pergunto eu? Acho difícil de acreditar que um simples documento possa provocar tamanhas convulsões. Além disso, o que tem esse documento a ver comigo ou com a Ordem?

— O conteúdo do documento é conhecido apenas por um grupo restrito de homens. E é bem melhor que assim continue a ser. É um conhecimento perigoso. Posso dizer-vos que estava na posse de um cavaleiro inglês da Ordem, há cerca de dezoito anos. Ele morreu em Malta antes de conseguir levar o documento ao que seria o seu destino último. Tanto quanto sabemos, ainda se encontra em Malta. A vós, basta-vos saber que o docu-

mento existe e que deve ser recuperado e trazido até mim ou, se tal não for de todo possível, destruído.

— O que me impedirá de o ler, se o encontrar?

— Está selado. Se o selo for quebrado, saberei que alguém o leu. Contudo, não será vossa a tarefa de o encontrar. Para isso, temos outra pessoa. Seguireis para Malta com um escudeiro. O homem em questão é o nosso agente. Uma vez que estará lá para vos servir, a sua presença não atrairá atenções demasiadas. A missão que lhe cabe é encontrar o documento. Se algum dos dois sobreviver ao cerco turco, deverá regressar a Inglaterra com o documento. Se Malta for tomada, será dever do último dos dois a sobreviver destruí-lo, para evitar que caia nas mãos do inimigo. Sir Thomas, não vou tentar disfarçar o imenso perigo que esta missão envolve — concluiu Cecil. — Mas este jogo tem apostas muito altas, e isto representa uma hipótese de servirdes o vosso país, a vossa fé, e de salvardes inúmeras vidas. Agora, calculo que tendes algumas questões a colocar-nos.

— Tenho de facto, Sir Robert — ripostou Thomas. — Primeiro, se esse documento é assim tão importante, porque é que nunca foi revelada a sua existência? A Ordem responde apenas ao rei de Espanha. Não posso acreditar que Filipe não o tivesse usado se pudesse assim prejudicar os interesses da Inglaterra, como afirmais.

— Bem pensado — notou Cecil. — Temos de assumir que o documento não foi utilizado dessa forma porque a Ordem ignora o que tem em mãos.

— Como pode isso ser?

— O documento deixou Inglaterra nas mãos de um cavaleiro, Sir Peter de Launcey.

Thomas franziu o sobrolho.

— Lembro-me dele. Um bom homem.

— Era-o, de facto. Poucos anos depois de terdes deixado Malta, Sir Peter recebeu autorização para visitar a família em Inglaterra, uma vez que o seu pai estava à beira da morte. Pouco depois de regressar a Malta, caiu ao mar do convés de uma galera, e afogou-se. O que não é conhecido é que o rei Henrique lhe tinha confiado este documento, para que Sir Peter o mantivesse em segurança. Henrique estava doente na altura, e não sabia se sobreviveria. No caso de recuperar, Sir Peter devia trazer-lhe de novo o documento. Se Henrique falecesse, como veio a suceder, Sir Peter devia levar o documento a Roma e apresentá-lo ao Papa. Mas Sir Peter morreu em Malta, e Henrique faleceu quase ao mesmo tempo. Só um punhado dos seus mais próximos conselheiros sabia do documento, e só o revelaram sob coação.

— Quereis dizer, sob tortura.



— Sim — admitiu Cecil, sem hesitação. — E o documento permanece em Malta, onde Sir Peter o deve ter escondido. Tereis de o encontrar, se for possível. Ou melhor, o nosso agente fá-lo-á. Mais perguntas, Sir Thomas?

— Sim. Pareceis certo de que vou aceitar esta missão. Porque não hei de eu recusá-la?

— Porque sois um cavaleiro, deste reino como da Ordem de S. João, e isso dá-vos certas obrigações. Sois um homem de honra e de princípios. Se vos é apresentada a oportunidade de evitar a catástrofe que ameaça o vosso país, aproveitá-la-eis, a menos que me tenha equivocado grandemente na avaliação do vosso caráter. Além disso, sois um católico, e viveis sujeito às decisões de uma rainha protestante e dos seus ministros, dos quais eu sou o mais poderoso. Não preciso de vos lembrar a delicadeza da vossa situação. Basta dizer que tendes a minha palavra de que vos protegerei depois de completada a missão. Se recusardes...

Thomas abanou a cabeça.

— Não preciso de ameaças.

— Talvez não, mas é bom que tenhais consciência de que não tendes realmente opção neste caso. Isso poderá confortar-vos nos tempos difíceis que se aproximam.

— Fico muito grato pela vossa solicitude — ripostou Thomas em tom azedo. — Tenho ainda mais uma questão. Quem é esse vosso agente, o tal que passará a ser o meu escudeiro? Presumo que seja o homem que espera na antecâmara.

Cecil sorriu.

— Vejo portanto que já vos haveis encontrado. O jovem Richard é um dos meus melhores homens. Atribuo tal facto ao tê-lo recolhido quando ficou órfão. Nunca conheceu os pais, pelo que a sua lealdade é toda para comigo. É muito promissor, e este será o primeiro verdadeiro teste às suas capacidades. Fala francês, espanhol e italiano como um nativo, e é fluente em maltês.

— Porém, não é totalmente inglês — comentou Thomas. — Tem sotaque, e tem um certo ar latino.

— É tão inglês como qualquer um de nós, e tenho completa confiança nele. Como tereis de ter também, se quiserdes levar esta missão até ao fim.

— A confiança tem de ser ganha, Sir Robert. Não é um bem que possa ser dado sem mais.

— Nesse caso, será melhor que traveis conhecimento com Richard o mais depressa possível. Sir Francis, ide buscá-lo.

Os olhos de Walsingham faiscaram de irritação perante o tom perentório do seu superior, mas ainda assim levantou-se de imediato e atravessou a sala. Thomas observou-lhe a forma furtiva e o movimento subtil que lhe

fez lembrar um gato, uma comparação indicada para um homem que perseguia e matava as suas presas sem traço de compaixão.

Quando Welsingham desapareceu para lá da porta, instalou-se um silêncio que Thomas rompeu com voz calma, depois de se inclinar ligeiramente para a frente.

— Não tenho qualquer necessidade de um escudeiro. Seria melhor confiar-me a mim apenas a resolução deste assunto. Se vos der a minha palavra de que vos devolverei o documento sem o ler, o vosso espião poderá ficar por cá, longe do perigo.

Havia um ar divertido na cara de Cecil quando abanou a cabeça.

— Uma oferta galante, mas se é verdade que podeis não ter qualquer necessidade de um escudeiro, a minha de ter olhos e ouvidos no terreno em quem possa confiar plenamente é bem real. Tereis de levar Richard convosco, e não se discutirá mais o assunto.

Antes que Thomas pudesse responder, ouviu-se o som de passos, e logo a seguir Walsingham entrou, seguido pelo jovem que Thomas vira antes. Aproximaram-se da mesa e Walsingham retomou o seu lugar, enquanto o agente de Cecil se mantinha de pé.

— Richard, ao que sei, já te cruzaste com o nosso convidado — começou Cecil.

— Trocámos apenas breves palavras, senhor.

— Então é o momento para uma apresentação formal. Sir Thomas, eis Richard Hughes, o vosso novo escudeiro.

Thomas levantou-se e avançou até junto do jovem, parando à distância de um braço para o analisar com verdadeira atenção pela primeira vez. Hughes ara alto e de ombros largos. O gibão estava-lhe à medida, e não tinha quaisquer adornos desnecessários nas mangas, nem colarinho de rendas; o cabelo estava bem cortado, e livre dos óleos e pomadas que estavam em voga entre os jovens de certa posição social em Londres. Thomas aprovou a austeridade, e olhou diretamente para os olhos do outro. O olhar foi enfrentado sem qualquer temor, mas havia nele qualquer outra coisa além da audácia, sentiu Thomas. Uma frieza, um toque de ressentimento lá bem no fundo.

— Sejam quais forem as tuas ordens, serás, antes de tudo o resto, o meu escudeiro. Compreendido?

— Sim, senhor.

— Quando te der uma ordem, cumpri-la-ás sem a questionar, como é de se esperar de um escudeiro.

— Sim, senhor. Desde que não contrarie as instruções que recebi de Sir Robert.

— Pouca ideia tenho dessas instruções, mas se queremos convencer os cavaleiros da Ordem de que somos quem pretendemos ser, obedecer-me

terá de se tornar a tua segunda natureza. Imagino que já tenhas sido instruído quanto aos deveres de um escudeiro?

— Sim, senhor.

Thomas arregalou uma sobrancelha.

— A sério? E quando é que Sir Robert te informou da tua missão, exatamente?

O olhar do jovem fraquejou, e ele espreitou sobre o ombro de Thomas, procurando o apoio do seu patrono. Cecil acenou.

— Diz a verdade.

— Há dois dias, senhor.

— Estou a ver. E neste tempo tão curto aprendeste todos os requerimentos da tua nova posição?

— Recebi ensinamentos muito completos do escudeiro do campeão da rainha, senhor. O resto posso aprender a caminho de Malta. Se me quiserdes instruir.

Thomas abanou a cabeça e virou-se para os outros.

— É uma loucura usar este homem.

— Contudo, ele acompanhar-vos-á — ripostou Walsingham com firmeza. — Treiná-lo-eis em tudo o que ele tem de saber e fazer. Começo a ficar farto da vossa truculência. Não se desse o caso de serdes a única pessoa que pode de facto servir os nossos propósitos, depressa encontraria melhor aposta. Ireis para Malta, e Richard será o vosso escudeiro. Este assunto está encerrado.

A ira inflamou-se no coração de Thomas, e por momentos sentiu-se tentado a confrontar Walsingham e a recusar a missão, fossem quais fossem as consequências. A satisfação de frustrar os seus intentos, a possibilidade de o desafiar a defender pela espada a arrogância com que se expressava quase foram demasiado para Thomas.

— Ele já concordou com o nosso pedido — interveio Cecil. — Não há nada mais a dizer. Acalmai-vos, estamos todos do mesmo lado. Não há necessidade de deixar triunfar a fúria. Tudo o que é necessário é que Sir Thomas trate dos seus assuntos e arranje quem possa administrar a sua propriedade a contento durante a sua ausência. A natureza da sua missão é de molde a não lhe exigir muito tempo na preparação da bagagem necessária à participação na campanha que se avizinha.

— Quanto tempo tenho para me preparar?

— Dois dias. — Sir Francis sorriu. — Há um galeão dinamarquês a carregar em Greenwich. Zarpa para Espanha daqui a dois dias. Seguirão ambos a bordo desse navio.

— Boa sorte — acrescentou Cecil, e depois, com algum zelo: — Que Deus vos acompanhe...

*Bilbau, Espanha*  
*Véspera de Ano Novo, 1565*

Thomas ficou a olhar, mal contendo a frustração, enquanto o seu escudeiro se envolvia numa discussão com o capitão do porto. Já se tinham passado muitos anos desde que falara aquela língua pela última vez; mesmo nessa altura o seu conhecimento dela fora bastante incompleto, e agora não conseguia mais do que apanhar algumas palavras trocadas entre Richard e o oficial, sem conseguir apreender o que quer que fosse do sentido da conversa. E entretanto ali ficara de pé sobre as reluzentes pedras do cais, enquanto a chuva fina e persistente lhe decorava a capa com gotículas frias. Tinham desembarcado do navio dinamarquês por volta do meio-dia, e de imediato tinham sido interpelados por uma patrulha. O sargento que comandava o grupo de soldados espanhóis tinha querido saber qual o propósito daquela viagem, e recusara-lhes autorização para se movimentarem até lhe ser apresentada documentação que provasse que Sir Thomas tinha passagem livre pelo território espanhol. A carta de Sir Oliver pouca consideração tinha sido dada, e fora enviado um homem para chamar o capitão do porto.

Thomas, Richard e os soldados que compunham a patrulha tinham-se visto forçados a esperar ali, no meio do rebuliço do cais, enquanto nas suas costas os barcos de pesca e os cargueiros dançavam ao sabor da ondulação cinzenta que entrava pelo porto, vinda do Golfo da Biscaia. Ao fim de algum tempo, o sargento tinha decidido recolher-se numa taberna próxima, deixando ordens para que os dois ingleses fossem mantidos sob vigilância, e para que ninguém sáisse dali até se saber qual a decisão do capitão do porto. E assim o grupo tinha-se resignado a ficar à espera, Thomas e o escudeiro sentados sobre os seus sacos de viagem e embrulhados nos seus mantos, enquanto os soldados espanhóis se apoiavam nos postes de atracação e a chuva escorria sem cessar das bordas dos seus capacetes prateados.

Era inverno, e a atividade no porto era reduzida, pelo que a carga de artigos em vidro da Dinamarca e lã de Londres tinha sido rapidamente descarregada e levada para um armazém, antes de a tripulação se ter retirado para a cobertura e para o relativo conforto das suas redes de dormir. No cais tudo se mostrava tranquilo, à exceção do som da chuva e do assobio do

vento que se levantava em rajadas. Alguns dos habitantes locais passavam, deitando olhares desconfiados aos dois ingleses sob vigilância. Por seu lado, Thomas sentia-se bem feliz por estar de novo em terra firme. Nos anos que passara embarcado ao serviço da Ordem raramente tinha navegado em pleno inverno, e nunca em águas tão expostas à fúria própria da estação no Oceano Atlântico.

O galeão dinamarquês tinha deixado a foz do Tamisa e atravessara o Canal da Mancha antes de seguir ao longo da costa francesa. Uma violenta tempestade tinha-os empurrado para o mar alto, e nos cinco dias seguintes pouco descanso houvera para a tripulação, que combatera o mar alteroso, tendo perdido muito velame e madeiras na luta. A água gelada corria livremente pelo convés, empapando as roupas, enquanto o navio estremecia e rangia com o impacto de cada onda, empinando-se e mergulhando entre elas. O enjoo que sofrera fora o pior de que se recordava, e depois de ele e os outros passageiros — Richard e três padres que regressavam a Espanha, vindos de Amesterdão — terem deitado fora os últimos pedaços sólidos que os seus estômagos continham, tinham-se recolhido à pequena cabina que partilhavam. Thomas sentara-se com as costas apoiadas numa das espessas vigas e pusera os braços em torno dos joelhos para tentar aquecer-se. Richard fizera o mesmo, com a cabeça baixa, enquanto os padres tinham pegado nos terços e tinham-se posto a rezar, até as vozes lhes falharem e se virem reduzidos a pouco mais do que preces murmuradas, pedindo misericórdia ao Senhor.

Fora nesse momento de maior vulnerabilidade que Thomas procedera a uma cuidada apreciação do seu companheiro, observando-o com toda a atenção enquanto ele se mantinha imóvel, de cabeça entre os braços. Apesar da juventude, que não devia ultrapassar os vinte anos, pelo cálculo de Thomas, parecia ostentar uma maturidade, uma evidente presença de espírito, que o levava a observar com atenção o que o rodeava e as gentes que com ele contactavam. Até ali pouco dissera a Thomas, para lá do absolutamente necessário e próprio de gente educada. Só quando o galeão enfrentara as revoltas águas do Canal é que a máscara de impassibilidade escorregara por um momento. Estavam no convés quando uma vaga rebentara sobre a proa. Richard, apanhado de surpresa, vira-se derrubado e arrastado. Enquanto era levado pela água ao longo do convés, tinha lançado um grito de alarme, e olhara para Thomas com um apelo mudo mas instintivo por auxílio. Thomas firmara-se, de pernas bem abertas para se equilibrar e uma mão bem agarrada a uma antepara, e com a outra mão conseguira alcançar a mão do jovem e levantara-o do convés. Uma onda que vinha na esteira da grande vaga fizera-os tropeçar e juntar-se como se fossem dois amigos num abraço. Richard respondera com um movimento

rápido que o afastara, enquanto o semblante regressava à frieza habitual, os olhos escuros a semicerrarem-se enquanto acenava em gratidão, antes de descer à cabina para trocar as roupas encharcadas. Fora um momento ínfimo, mas tinha revelado um aspeto mais humano do seu carácter, e na altura Thomas não evitara um sorriso perante a vergonha do seu escudeiro ao mostrar-se vulnerável.

Assim que a tempestade amainara, o capitão rumara a terra, e tinham aportado em La Rochelle para reparações e descanso antes de prosseguirem viagem. O galeão retomara o curso ao longo da costa da Biscaia, e cruzara a fronteira marítima entre França e Espanha num dia de Natal triste e cinzento. A intenção de Thomas era desembarcar em San Sebastián, mas o porto estava cercado pelos franceses, e o capitão tinha resolvido seguir para Bilbao, apesar dos protestos dos padres, que tinham exigido desembarcar ali mesmo.

Enquanto Thomas permanecia sentado no cais, a remoer os acontecimentos recentes, o soldado regressou finalmente com o capitão do porto, que se lançou numa longa tirada assim que Richard tentou explicar o propósito da viagem dos ingleses. Entretanto, o sargento saiu discretamente da taberna e juntou-se de novo aos seus homens, antes que fosse notada a sua ausência. Thomas escutou a furiosa troca de palavras durante mais alguns minutos, até que se fartou e se pôs de pé, ainda que a custo. O corpo já não era um instrumento bem afinado, e já não lhe respondia com a mesma vontade. Os músculos tremiam de frio e de humidade e estavam pesados enquanto avançava para se interpor entre os dois homens presos na discussão.

— Qual é o problema com este nosso amigo?

Richard só então reparou na sua aproximação.

— Diz ele que todos os portos de Espanha estão fechados a viajantes provenientes de Inglaterra, por ordem do rei Filipe, em represália pela continuada perseguição aos Católicos levada a cabo pela rainha.

— A sério? Diz-lhe que eu próprio sou um católico.

Richard traduziu, mas o outro ripostou de forma curta enquanto empinava o nariz.

— Diz ele que ainda assim sois um inglês.

— É bem verdade, mas não é caso para pedir desculpa. Diz-lhe que é ele que nos deve desculpas por nos deter aqui desta forma.

Richard hesitou.

— Senhor, é suposto que tentemos passar por Espanha da forma mais discreta possível.

— Discrição é uma coisa, humilhação é outra, muito diferente. Sou um cavaleiro inglês, e viajo ao serviço da Ordem de S. João, para defender a Cristandade contra o Turco. Se este homem me nega a passagem, terá de

responder não apenas ao seu rei, mas também ao Deus que é dele e meu. — Enfiou a mão no interior do manto e extraiu o estojo de couro em que levava a carta de Sir Oliver. Tirou-a e mostrou-a ao capitão do porto. — Eis o selo da Ordem, nesta carta que me convoca para a batalha. Diz-lhe.

Richard anuiu e dirigiu-se ao oficial espanhol. A expressão deste alterou-se ao inclinar-se para inspecionar o selo. Alarmado, afastou o documento com um gesto e começou a falar com irritação. Dobrou o pescoço na direção de Thomas, lançou um aceno a Richard e virou-se para dar ordens ao sargento que comandava a patrulha, antes de se afastar para o interior da cidade.

Thomas recolheu a carta e guardou-a cuidadosamente, antes de voltar a falar.

— Então?

— Disse que podíamos ficar aquartelados nos aposentos dos oficiais da alfândega. O sargento levar-nos-á lá. Disse ainda que nos vai preparar salvo-condutos para atravessar a Espanha até Barcelona. É lá que está a ser preparada uma frota para ir combater os Turcos, sob as ordens de Don Garcia de Toledo. Além disso, fornecer-nos-á dois cavalos para a viagem.

Thomas lambeu os lábios, encantado com as notícias.

— É fantástico o que pode ser conseguido de um destes oficiais subalternos com a ameaça de uma pequena vingança divina.

Os cantos da boca do escudeiro curvaram-se num sorriso breve.

— Bem, confesso que enfeitei a história mais um bocadinho.

— Oh?

— Disse-lhe que a carta estava também assinada pelo vice-rei da Catalunha.

Foi a vez de Thomas sorrir.

— Ah, foi portanto a autoridade terrena e não a divina que o fez mudar de ideias.

— Como é frequente acontecer com oficiais subalternos.

Entretanto, o sargento chamava-os e dava ordens a dois homens para pegarem nas bagagens. Por fim deixaram o cais varrido pela chuva e começaram a subir uma rua estreita para o interior da cidade.

O edifício da alfândega era quadrado; no piso térreo situavam-se os escritórios aonde os mercadores levavam os seus manifestos de carga e pagavam as taxas correspondentes. Poucos navios se aventuravam no oceano durante o inverno, pelo que o único funcionário já tinha encerrado o expediente e se dedicava à limpeza das penas de escrita com um trapo velho quando chegaram os dois ingleses. Foram conduzidos ao andar de cima, a um quarto modesto com quatro camas simples, algumas cadeiras

e uma pequena lareira ladeada por uma pilha de combustível. O homem levou-lhes uma candeia e algum pão e queijo, além de um jarro de vinho, antes de lhes desejar uma boa noite. Ouviram a porta do edifício a ser fechada e aferrolhada.

— E pronto, cá estamos. — Thomas soltou um suspiro enquanto passeava o olhar pelo quarto. — Fico na cama mais próxima da lareira.

— Como desejardes.

Agora que estavam a sós, Thomas reparou que o seu companheiro tinha deixado de empregar a deferência que um escudeiro devia ao seu cavaleiro.

— Podes acender o fogo antes de comermos. Temos de nos aquecer e secar as roupas.

Richard fez uma careta, mas antes que ele abrisse a boca, Thomas levantou um dedo num aviso claro.

— Sei muito bem o que estás a pensar.

— Nesse caso, porque não mo dizeis?

— Foste enviado numa missão a mando de Sir Robert Cecil, e não para ser realmente o meu escudeiro, e começas a ficar farto disso.

— Gostava de saber porque me sentiria assim? Afinal, sou um homem educado. Estudei em Cambridge, falo várias línguas, desempenhei várias missões valiosas para o secretário de Estado. E tudo isso me preparou perfeitamente para ser o capacho de um cavaleiro que há muito já passou o seu apogeu. — Fez uma pausa e rangeu os dentes, antes de concluir de forma apologética. — Peço o vosso perdão, estou gelado, e exausto. Falei sem pensar.

Thomas riu e abanou a cabeça, assombrado.

— Foi o mais longo discurso que me dirigiste desde que deixámos Inglaterra. Deveras.

Richard encolheu os ombros, abriu o fecho da capa e deixou-a cair no chão, ensopada.

— Bem, é bom saber um pouco da tua história — prosseguiu Thomas em tom divertido. — E que achas que os meus melhores anos já estão no passado distante.

— Peço desculpa.

— Não é necessário. Tens razão, já não sou o guerreiro que fui na juventude. Mas garanto-te que quando tinha a tua idade, o meu corpo estava tão tonificado como o teu. Talvez mais ainda. Se calhar até hoje, quem sabe?

O jovem tinha removido a veste de couro e tirado a camisa de lã antes de olhar para Thomas com uma expressão divertida.

— Quereis experimentar a vossa força contra a minha?

— Achas que tenho algum receio de o fazer?



— Não. Do que sei de vós, Sir Thomas, concluo que não. Mas penso também que tal desafio seria imprudente da vossa parte.

Thomas franziu uma sobrancelha, mas manteve-se calado enquanto removia também as vestes encharcadas, até ficar de pé só em botas e calções, e revelar o poderoso torso que ainda possuía. As marcas brancas e retorcidas na pele denunciavam antigas cicatrizes e eram claramente visíveis ao brilho pálido da candeia; notou que Richard o contemplava com curiosidade, antes de desviar o olhar, embaraçado.

— Eu vou acender a lareira — anunciou Thomas. — Está ali outra candeia. Pega nela e vai ver se descobres mais cobertores por aí. Quero passar uma última noite bem aquecido antes de seguirmos viagem.

Richard assentiu. Aproveitou uma palha tirada de um dos colchões para fazer uma acendalha e deu lume ao pavio da candeia antes de sair do quarto. A sós, Thomas agachou-se lentamente no chão ao lado da lareira. A pele húmida parecia ainda mais fria naquele ar gelado, e ele estremeceu enquanto preparava uma acendalha de pequenos paus sobre uma cama de palha, a que aplicou a chama. O fogo pegou de imediato e ele debruçou-se, soprando gentilmente para ajudar a chama a crescer. Daí a pouco já se ouvia o assobio e o crepitar das chamas que rodeavam o material na lareira. Quando Richard regressou, já o quarto era iluminado com o tom rosado do fogo bem desenvolvido, e as sombras dançavam nas paredes.

— Cá estão. — Richard trazia ao peito alguns cobertores, e passou-lhe um. — Encontrei-os num armário. Almofadas também, se vos forem necessárias.

— Passo bem sem elas. — Thomas acenou um agradecimento e pegou na manta, desdobrando-a rapidamente e lançando-a sobre os ombros, antes de colocar mais alguma lenha na lareira.

Richard pegou também numa manta e sentou-se na borda da cama que Thomas escolhera, debruçando-se ligeiramente para melhor receber o calor do fogo. O silêncio instalou-se, até que ele decidiu falar.

— Essas cicatrizes. Foi ao serviço da Ordem que as conseguistes?

— Algumas. Outras foram obtidas noutras paragens. — Thomas recostou-se de forma a ficar de frente para o jovem. Tocou no ombro esquerdo. — Uma seta acertou-me aqui, na Flandres. Foi só músculo, mas sangrei como um porco, se bem me lembro. — Moveu a mão para o peito esquerdo. — Aqui foi um golpe de adaga, profundo. Esta foi numa expedição ao porto de Argel. La Valette não queria que as armaduras nos dificultassem os movimentos. Houve uma escaramuça a bordo de um galeão que atacámos, e um corsário saltou das sombras à minha frente e desferiu o golpe. A segunda estocada teria acabado comigo, mas o capitão inter pôs-se e liquidou-o. — Thomas olhou para o fogo, a testa franzida ao

relembrar aquelas cenas. Mostrou o cotovelo esquerdo. — Esta foi de uma queimadura, quando atacámos um forte de corsários ao pé de Tripoli. O inimigo estava a empregar uns potes incendiários. Um rebentou na muralha, ao lado da escada por onde eu estava a trepar, e a nafta a arder passou pela cota de malha e pelo gibão, e chegou-me à pele. — Estremeceu ao lembrar a terrível e intensa dor que tinha suportado durante a longa noite que durara o assalto ao forte.

— E essa aí na vossa testa? — indagou Richard, em voz baixa.

— Isto? — Thomas ergueu a mão e seguiu a fina cicatriz desenhada alguns centímetros abaixo do cabelo. Manteve-se em silêncio por instantes, enquanto passeava o dedo para trás e para a frente, e Richard olhou-o, expectante, os olhos a rebrilhar com o reflexo do fogo que aquecia o quarto. Thomas pigarreou. — Esta, arranjei-a quando escorreguei no chão gelado e bati com a cabeça na porta de uma estalagem.

O queixo de Richard descaiu e o jovem acabou por soltar sonoras gargalhadas a que Thomas se juntou, enchendo o quarto de boa disposição. O riso prosseguiu para lá do que seria de esperar, traduzindo o amainar da tensão entre os dois homens, pela primeira vez desde que se tinham encontrado. Por fim, enquanto o riso esmorecia, Richard pareceu recobrar a noção da situação; levantou-se, pegou em duas cadeiras que levou para junto do fogo e pendurou as roupas a secar; hesitou um momento, mas acabou por fazer o mesmo com a capa, casaco e camisa de Thomas. Entretanto, Thomas pegara na pequena faca que levava sempre no cinto por trás das costas e cortava o pão em nacos e o queijo em fatias, oferecendo metade a Richard.

— Obrigado. — O jovem levantou-se e apontou para a cama. — Creio que esta é a vossa.

Thomas abanou a cabeça.

— Podes ficar com ela. — Deu uma palmada no colchão onde se sentara. — Isto serve muito bem.

Richard sentou-se e começaram a comer. Em muitas semanas, era a primeira refeição que não incluía o sabor a maresia e que não era estragada pelo balançar enjoativo do galeão a avançar lentamente pelas ondas escuras debaixo de um céu cinzento. Em consequência, e apesar de não passar de pão e queijo, o sabor parecia-lhe inigualável, e ao sentir o corpo aquecido e o estômago cheio, Thomas não pôde deixar de se sentir satisfeito. Isso devia-se também à perspectiva de algum companheirismo onde antes nada mais existira do que uma tolerância azeda, entre ele e Richard. Thomas queria saber mais sobre o agente de Cecil, em parte porque queria descobrir tudo o que pudesse sobre o documento e a natureza precisa das ordens que Richard recebera, mas também por simples curiosidade e um desejo de co-

nhecer melhor o jovem. Sabia bem, porém, que querer saber tudo demasiado depressa poderia levar Richard a erguer de novo as suas defesas. Pegou no jarro de vinho e encheu uma taça para cada um. Passou-a a Richard. As roupas começavam a fumejar, enchendo o quarto de um aroma salgado.

— Foste bem escolhido para esta missão — considerou Thomas. — Se falares tão bem as outras línguas como falas espanhol, serás por certo muito útil.

Richard lançou um sorriso.

— Útil? Talvez um homem da minha condição social devesse considerar essa observação como um elogio.

Thomas sentiu-se tentado a lançar algumas perguntas, mas havia na voz do jovem um traço de cólera e de vergonha, e decidiu não insistir naquele momento.

— Desempenhaste bem o teu papel — prosseguiu Thomas. — Mas teremos de ser tão bons como os melhores atores de Londres se quisermos convencer os outros membros da Ordem quando chegarmos a Malta. Não basta que te comportes como um escudeiro. Tens de começar a pensar como um. Tens de fazer o que te pedir sem hesitar e sem mostrar aquele ressentimento que por vezes deixas transparecer. Terás de tratar de manter a minha armadura, equipamento e roupas limpos. Terás de mostrar a cortesia devida a quem encontrares, seja qual for a sua classe social. Terás de te portar em todos os momentos como um cavalheiro que aspira a tornar-se um cavaleiro. E não um qualquer cavaleiro, mas um membro da Ordem. Se conseguires fazer isso, passarás facilmente por escudeiro.

A expressão de Richard tornou-se amarga.

— Nesse caso, terei de passar por aquilo que nunca serei, muito menos um cavaleiro.

— Porquê essa ideia?

— A nobreza é um estatuto reservado aos que nada têm a sujar-lhes o passado. De pouco serve o valor de um homem se há no seu nome uma nódoa que nada pode apagar.

— Mas tu és de nascimento nobre — retorquiui Thomas. — Isso é bem evidente. És tanto um cavalheiro como eu, vejo-o claramente.

— Exceto pelo facto de eu ter nascido do lado errado da rua, Sir Thomas. E isso é algo que ninguém poderá alguma vez alterar. Sou um bastardo, reconhecido por quem me educou. Foi por isso que escolhi esta vida. E agora, se me perdoais, estou cansado e gostaria de dormir bem antes da jornada que começaremos amanhã. — Esvaziou a taça e deitou-se, virando-se de lado, de forma a oferecer as costas a Thomas e ao lume.

Thomas deixou-se ficar a contemplá-lo por algum tempo, tentando imaginar as origens do jovem. Como seria carregar o peso de um tal es-

tigma num mundo em que detalhes desse género tanta importância assumiam, apesar da evidente malvadez e imoralidade de tantos que se intitulavam de nobres? O jovem tinha de facto boas razões para o azedume que mostrava. A natureza tinha-o prendado com uma mente brilhante, um corpo esbelto e uma constituição sólida. A sociedade, por seu turno, amaldiçoara-o com uma etiqueta que o prejudicaria até ao dia em que morresse. Por momentos, Thomas viu-se a sentir pena do seu companheiro, mas deteve-se. Não havia qualquer necessidade de aumentar as dificuldades de Richard mostrando-lhe um sentimento tão desprezível.

Suspirou e deitou mais alguma lenha no lume. Virou as roupas que secavam sobre as cadeiras, colocou as botas ao seu lado e subiu para a cama, onde se deixou ficar de costas a contemplar o teto. O sono não lhe chegava com a facilidade de outros tempos, e escutou o sino de uma igreja a bater a meia-noite antes de conseguir fechar os olhos e adormecer.

O caminho pelo Norte de Espanha passava pelas pedregosas terras de Navarra e Aragão antes de alcançar a Catalunha. A chuva era frequente, e os altos colos entre as montanhas estavam repletos de chuva e gelo que lhes retardavam a marcha. À noite, Thomas e Richard tentavam sempre parar em pequenas aldeias onde pagavam para dormir em estábulos sempre que não conseguiam alugar um quarto. Por duas vezes viram-se forçados a pernoitar ao relento, deixando os cavalos amarrados a árvores enquanto os dois se aninhavam em volta de uma fogueira abrigada por um penhasco bem orientado. Nessas ocasiões dormiam por turnos, temendo o aparecimento de algum grupo de salteadores dedicados a roubar viajantes desprevenidos. Certa vez foram seguidos durante metade do dia por um grupo de homens montados em pequenos cavalos mal mantidos. Thomas e Richard fizeram uma pausa no avanço para porem as espadas ao cinto, fazendo questão de as evidenciar. Pouco depois, os perseguidores fizeram alto e ficaram a vê-los afastar-se.

Os dois ingleses atraíam a atenção em todas as povoações por onde passavam. O rei e a Igreja não se tinham poupado a esforços para se assegurarem de que o povo considerava a ilha governada por Isabel, a rainha protestante, um antro de maldade e depravação, esquecido de Deus. E assim o cavaleiro e o seu escudeiro provocavam suspeição e medo, e apesar de nunca terem sido ameaçados ou rechaçados, graças ao salvo-conduto emitido pelo capitão do porto de Bilbao, não havia qualquer calor ou hospitalidade na forma como eram recebidos.

A conversa que tanto tinham apreciado na primeira noite que tinham passado em Espanha não teve continuidade; Richard tinha voltado a adotar um comportamento sombrio e ligeiramente hostil, embora fizesse como Thomas lhe pedira e se assegurasse de que todas as tarefas próprias de um escudeiro eram cumpridas sem falha. Depois de algumas tentativas de recuperar o momento de companheirismo que tinham partilhado, Thomas tinha renunciado à empresa e prosseguiram, trocando curtas palavras apenas quando tal era absolutamente necessário e comendo em silêncio todas as noites à volta do fogo ou nas trevas de um estábulo diminuto.

Cerca do meio-dia do quinto dia do novo ano, passaram a última crista das montanhas que dominavam a estreita planície onde Barcelona se banhava no Mediterrâneo. As nuvens tinham desaparecido ainda de manhã, e o Sol brilhava solitário no céu de um azul profundo. Apesar de estarem no pino do inverno, o oceano tinha forma de parecer brilhante e convidativo, e Thomas sentiu uma mágoa no coração ao lembrar a ilha no meio daquele mar, um lugar que em tempos acreditara que viria a ser a sua casa durante toda a vida, no seio de um bando de irmãos de armas que combatiam por Deus contra inimigos muito mais poderosos. Nessa altura tudo lhe parecia claro e nobre, até que Maria tinha irrompido pela sua vida dentro e ele começara a compreender lentamente que pouca nobreza havia a conseguir numa interminável guerra em que o progresso consistia apenas em infligir novos horrores ao inimigo. Belo como era, aquele esplendoroso mar era na realidade um campo de batalha tão velho como a História. Muito antes do conflito em que estavam mergulhados, o domínio daquele mar tinha levado romanos, egípcios, cartagineses, gregos e persas a tremendos combates. Quem saberia quantas naves de guerra jaziam no fundo, a desfazerem-se? Era um mar temperado pelas lágrimas e pelo sangue de sucessivas gerações de seres humanos, refletiu, com um estremeção.

Deu um estalo com a língua e carregou com os calcanhares nos flancos do cavalo.

— Vamos, não vale a pena ficarmos aqui parados a apreciar a paisagem.

Richard fez precisamente isso por mais uns momentos antes de o seguir, e foram percorrendo o caminho que serpenteava pela colina abaixo. No sopé, a cidade de Barcelona estendia-se à sombra de uma cidadela fortificada. No porto avistavam-se umas trinta ou quarenta galeras ancoradas; outras duas equilibravam-se em cima de espessos toros nos estaleiros reais, uma série de barracões compridos com telhados altos, que dominavam a margem. Na parada no exterior da fortaleza havia várias companhias de piqueiros a treinar sob as cores ondulantes dos seus estandartes. Era evidente que decorriam preparativos para enfrentar a ameaça que se erguia na outra ponta do Mediterrâneo. Mas seriam suficientes?, questionou-se Thomas. Por experiência própria, sabia bem que os Turcos eram capazes de apresentar vastas forças, quer em homens quer em navios. Eram seus os melhores artilheiros e engenheiros de cerco do mundo, e o tamanho e capacidade destrutiva dos seus canhões não tinham paralelo.

Quando se aproximaram das muralhas da cidade, o trilho juntou-se a uma estrada que seguia a costa. Pouco adiante, os dois cavaleiros passaram por um lento comboio de vagões carregados de barris de pólvora e metralha metálica. Thomas espicaçou a montada, de forma a adiantar-se à

coluna e chegar antes dela ao portão principal da cidade. Fez um gesto a Richard para se colocar ao seu lado e pegou no salvo-conduto, que entregou a um dos soldados de plantão. O catalão ficou a olhar para o documento sem nada entender, até que lhes deu uma ríspida ordem para que aguardassem e foi em busca de um oficial à casa da guarda. Thomas saltou da sela e deixou-se escorregar para o solo com um grunhido de cansaço. Richard imitou-o de imediato e pegou nas rédeas dos dois cavalos, como competia a um escudeiro, reparou Thomas com satisfação.

O guarda regressou pouco depois com um homem de porte altivo que limpava a boca com uma mão enquanto contemplava o salvo-conduto que levava na outra. Deitou um olhar minucioso aos dois ingleses antes de se dirigir a Thomas, que apontou para o escudeiro.

— Richard, por favor.

À medida que os dois conversavam, Thomas tentava seguir o que era dito, mas a língua catalã era-lhe estranha aos ouvidos. A situação fazia-o sentir-se desconfortável e até vulnerável; não tinha ainda total confiança no jovem cuja companhia lhe fora imposta por Cecil e Walsingham. Richard sabia mais do que ele sobre o propósito daquela missão e sobre a natureza do documento sensível que estava no seu âmago. Se o documento fosse localizado e recuperado, quais seriam, perguntava-se Thomas, as ordens que o seu companheiro teria para depois? Ele não teria mais qualquer utilidade para Cecil; podia muito bem ser que as ordens de Richard incluíssem a eliminação discreta de um homem cujo conhecimento sobre a missão, embora limitado, poderia vir a revelar-se embaraçoso num momento ulterior. Teria de se precaver contra tal possibilidade de traição, até mesmo quando estivesse envolto numa batalha contra os Turcos. O pensamento fê-lo tornar-se amargo quanto a Richard e aos seus patronos em Londres.

Richard interrompeu-lhe os pensamentos.

— Senhor, expliquei ao capitão os motivos da nossa viagem. Diz ele que, uma vez que viajamos para Malta, seria melhor anunciar a nossa chegada na cidadela. Lá encontraremos Don Garcia de Toledo. O seu exército está a aprontar-se para embarcar para a Sicília, e poderemos seguir com a sua esquadra.

— Sicília?

— É lá que o rei Filipe está a concentrar forças para enfrentar os Turcos. Os Espanhóis serão reforçados por mercenários de Itália, incluindo as galeras do clã Doria. Aqui o capitão diz que ouviu dizer que será o maior exército jamais reunido para combater em nome de Cristo. E Don Garcia é o melhor general de toda a Europa. Diz ele que os Turcos serão esmagados de vez.

Thomas contemplou o oficial catalão, gordo e acostumado a uma vida tranquila. Não duraria muito tempo numa campanha extenuante.

— Diz-lhe que rezo a Deus para que tenha razão. Vamos então à cidade.

— Ele diz que os seus homens nos vão conduzir até lá. — Richard deitou um olhar desconfiado ao espanhol, antes de prosseguir. — Tem havido rumores de que o inimigo tem espiões aqui em Barcelona. Parece-me que ele não confia muito em nós.

— Espiões? — Thomas soltou uma gargalhada. — Parecemos turcos, por acaso?

— Senhor, somos ingleses. E, ao que parece, há por aqui muito quem pense que os seus inimigos podem fazer causa comum. O que é compreensível. Nunca perdoaram aos Franceses por combaterem ao lado dos Turcos há vinte anos.

Thomas assentiu com emoção. Fora uma aliança que escandalizara o resto da Cristandade, que a julgara pouco melhor do que um pacto com o próprio demónio. Tinha durado pouco tempo. Os Franceses tinham ficado envergonhados pelos massacres de cristãos que os seus novos aliados tinham cometido ao longo das costas de Itália. Thomas conseguia facilmente imaginar o horror que aquele gesto causara nos cavaleiros franceses da Ordem, especialmente em La Valette.

— Muito bem, agradece então ao capitão por nos fornecer essa escolta.

Enquadrados por dois homens à sua frente e outros dois a segui-los, Thomas e o seu escudeiro levaram os cavalos a entrar na cidade protegida por espessas muralhas, dando logo para uma via larga. As torres da catedral de Santa Eulália erguiam-se sobre os telhados dos edifícios que se apinhavam aos lados da rua. As chuvas recentes tinham lavado muita da porcaria que cobria normalmente as ruas, e os cheiros mais ofensivos que se desprendiam da cidade eram amenos quando comparados com o fedor omnipresente em Londres. Tinham-se passado muitos anos desde a última vez que Thomas vira Barcelona, mas aquela era obviamente a primeira visita de Richard à cidade, a julgar pela franca curiosidade com que observava tudo à sua volta. Com o seu semblante moreno, poderia facilmente passar por um nativo, se não fosse a sua pronúncia sem traço de catalão. Cecil e Walsingham tinham escolhido muito bem o seu homem para aquela missão, concedeu Thomas.

Ao entrarem na praça aberta em frente à catedral, a atenção de Thomas foi presa pela fachada ornamentada e pelas três torres construídas de um entrelaçado de pedra. Imensamente diferente das catedrais inglesas, lembrou-se. Lançou o pescoço para trás para poder vislumbrar as cruzes que se projetavam lá no alto, para o azul do céu. Lá em cima circundavam bandos



de gaivotas, pontos negros contra o brilho do firmamento. Por momentos sentiu o coração a elevar-se perante tão maravilhoso panorama, mas lembrou-se rapidamente de que do outro lado daquele mesmo mar, em Constantinopla, a grande cidade que os Turcos tinham rebatizado como Istambul, um homem como ele, um guerreiro, estaria por certo em frente à Grande Mesquita, contemplando enlevado um crescente dourado — um homem que ele poderia enfrentar em combate dentro de pouco tempo. A ideia fez com que um arrepio lhe descesse pela espinha. Não era medo, apenas um pressentimento de que era seu destino ser consumido no iminente embate entre fês e impérios.

O pequeno grupo atravessou a praça, e daí a pouco deixou para trás as estreitas ruelas da cidade e começou a subir a íngreme encosta que levava à cidadela. Soprava uma fresca brisa marítima, que dava ao ar um cheiro salgado. Ao alcançarem a entrada da fortificação, tiveram de explicar mais uma vez o propósito da sua presença. A escolta foi enviada de volta à muralha da cidade, e o cavaleiro e o seu escudeiro foram admitidos num pátio exterior onde puderam prender os cavalos e sentar-se num banco, à espera.

Não os fizeram esperar muito. Um oficial vestido de veludo vermelho dirigiu-se a eles, vindo dos gabinetes do governador.

— Sir Thomas Barrett? É uma honra conhecer-vos, senhor — anunciou num francês escorreito, antes de inclinar respeitosamente a cabeça. Thomas e Richard puseram-se de pé e retribuíram o gesto.

— Se mo permitis, apresento-me. — Lançou um sorriso faiscante. — Sou Fadrique Garcia de Toledo, e estou ao vosso serviço, bem como ao do vosso escudeiro, Sir Thomas.

O jovem parecia ter vinte e poucos anos, no máximo, e Thomas trocou um olhar de espanto com Richard antes de limpar a garganta e retorquir em francês.

— Sois vós o comandante da força que o rei Filipe vai enviar contra os Turcos?

— Eu? — As sobrancelhas do espanhol arquearam-se, divertidas. — Decididamente não, senhor. Creio que vos referis ao meu pai. Enviei-lhe novas da vossa chegada. Ele terá todo o prazer em acolher outro membro da Ordem que responde ao apelo para pegar em armas.

— Tem havido muitos de nós? — inquiriu Thomas.

O sorriso de Fadrique desvaneceu-se.

— Nem tantos têm passado por Barcelona como esperávamos, senhor. Sois, de facto, apenas o quinto cavaleiro que vimos. Claro que haverá outros que terão embarcado noutros portos. Estou certo de que nenhum membro da vossa Ordem negará a si mesmo a possibilidade de partilhar a gloriosa vitória que em breve celebraremos sobre o Turco.

— Esperemos que tenhais razão.

— Senhor, estou certo disso. Esta será a grande batalha dos nossos tempos. O encontro decisivo entre a nossa fé e a falsa fé do Islão.

Thomas mordeu os lábios, mas resolveu não contrariar a ideia do jovem.

O espanhol fez um gesto para a entrada da cidadela.

— Se me quiserdes seguir, oferecer-vos-ei algo que vos refresque enquanto aguardamos pelo meu pai.

Thomas sorriu fugidamente ao lembrar as impecáveis maneiras dos Espanhóis ao lado de quem combatera em tempos. Inclinou a cabeça.

— Muito agradecidos.

No interior do edifício passaram por um salão abobadado em cujas paredes se abriam arcos que davam acesso a corredores sombrios. Para lá de um punhado de guardas de serviço, não havia sinais de muita atividade. Os passos dos três homens ecoavam nas paredes vazias.

— Tudo parece muito calmo — comentou Thomas. — Supunha que o pessoal do vosso pai estivesse atarefado a planear a campanha.

— Está tudo a ser pensado, asseguro-vos — retorquiu Fadrique, despreocupado. — A maior parte dos oficiais está lá em baixo nos estaleiros, a verificar o carregamento das galeras. Zarpamos para a Sicília daqui a poucos dias. E assim que juntarmos as nossas forças às dos nossos aliados, confrontaremos os Turcos.

Entraram numa câmara modesta, com uma comprida mesa ao centro. Aos lados da mesa havia cadeiras confortáveis e dois cadeirões mais ornamentados ocupavam as cabeceiras. Fadrique indicou-lhes a mesa.

— Sentai-vos, por favor. Dei ordens para que vos fossem trazidas comida e bebida. Agora tenho de me desculpar, mas tenho de ir ter com o meu pai, que depressa vos receberá. — Inclinou a cabeça mais uma vez e deixou-os. Depois de a porta se fechar, Richard deixou escapar um suspiro.

— Cinco cavaleiros apenas... Devia haver mais homens a caminho de Barcelona. Muitos mais.

— Ainda há tempo — contrariou Thomas. — E, tal como ele diz, podem ter tomado outras rotas.

Richard olhou firmemente para ele.

— Acreditais realmente nisso?

Thomas encolheu os ombros.

— Não faz mal nenhum esperar o melhor e aceitar o pior.

— Essa é a filosofia de um tolo.

Thomas não se deixou abater pelo comentário.

— Quanto piores forem as hipóteses, maior quinhão de glória nos caberá.

— Glória, pois, é para isso que vós, cavaleiros, viveis. Compreendo isso. Mas enquanto os vossos feitos gloriosos vão ficar anotados nos registos com o vosso nome, isso não sucede com aqueles que labutam nos escalões inferiores. Os nossos heróis nunca têm rosto. E pouco desejo tenho de contribuir para esse obscuro registo, Sir Thomas.

Foram interrompidos por um servo, que entrou na sala com uma bandeja. Aproximou-se da mesa sem lhes enfrentar o olhar e pousou-a. Inclinou fortemente a cabeça, recuou alguns passos, virou-se e esgueirou-se rapidamente.

— Aí está — comentou Richard. — É assim que se portam aqueles que não têm lugar na História.

Thomas não respondeu, ocupado a tirar um prato da bandeja, a colocar o outro em frente ao companheiro e a encher dois copos de vinho. Olhou então para Richard e falou em tom calmo, quase fatigado.

— Nada posso fazer quanto à forma como a História marca a passagem da vida de um homem, Richard. E nada posso alterar quanto ao teu nascimento. Portanto, de nada serve apoquentar-me com as tuas queixas, de forma tão pouco graciosa. Tudo o que importa é que cumpramos o nosso dever. Eu, o que me liga à Ordem que jurei defender com a vida. Tu, o que deves aos teus mandantes em Londres, ou seja, que cumpras a tarefa que te colocaram em mãos. Tens de me auxiliar no cumprimento do meu dever, tanto quanto possas. Por mim, estaria em melhores condições de te auxiliar se soubesse mais sobre o teu propósito em Malta.

Os escuros olhos de Richard contemplaram-no.

— Não posso dizer mais do que já adiantei.

— E o que sucede se algo de mal te acontecer?

— Nesse caso, atrevo-me a imaginar que Walsingham enviará outro agente para cumprir a missão.

— Estou a ver. E o teu senhor tem ao seu dispor um leque de homens que dominem tantas línguas como tu?

Richard baixou o olhar para o prato e entreteve-se a cortar um pedaço de costeleta de borrego. Deu uma dentada e começou a mastigar.

— Bem me parecia que não. — Thomas sorriu para si mesmo. — Portanto, se cáíres, a missão termina. A não ser que me possas dizer mais alguma coisa sobre o documento.

Richard engoliu a comida.

— Não.

— Porque não? Com certeza que te apercebes de que é uma boa ideia?

— Tenho as minhas ordens.

— Compreendo. Mas se o que está em jogo é tão importante como Sir

Robert adiantou, é por certo vital que um de nós consiga recuperar o documento e regresse com ele a Inglaterra.

— Partindo do princípio de que um de nós sobreviverá ao ataque a Malta — ripostou Richard, desencantado.

Thomas mordeu os lábios.

— Claro.

— Perdão, senhor, mas as minhas ordens são claras. Não vos posso dizer nada sobre o assunto.

— Porque não?

— Porque Walsingham não confia em vós.

— Estou a ver. E quanto a Cecil?

— Sir Robert respeita a opinião de Walsingham em quase todos os assuntos.

Thomas cruzou os dedos e apoiou-os no queixo, enquanto sentia a ira a crescer no seu íntimo. Era uma ferida na sua honra.

— Adivinho que as desconfianças deles provêm das minhas convicções religiosas... porque eu sou católico. Há algum aspeto do documento que o tornaria ainda mais perigoso se eu tomasse conhecimento do seu conteúdo?

— Não posso dizer — respondeu Richard, antes de meter um novo pedaço de carne na boca.

— Não podes, ou não queres?

— Já vos disse mais do que seria prudente. Se isto vos acalmar a mente, ficai consciente de que Cecil pensa que vos considerais primeiro um súbdito inglês, e só depois um católico. Mas basta. Não falarei mais sobre este assunto. Se assim o desejais, falai de outro tema.

— Muito bem. Diz-me então, és protestante, como os teus senhores, ou segues a Igreja de Roma?

Richard parou de comer enquanto pesava a questão.

— Seguramente que não tendes dúvidas sobre isso. Achais que Cecil alguma vez teria a seu serviço um católico? Nem se põe a questão.

— E foste sempre um protestante? — persistiu Thomas.

— Porque quereis saber?

— Quero conhecer-te melhor. No conflito que nos aguarda, gostaria de ter certezas sobre o tipo de homem que vai lutar ao meu lado.

— E saber se em tempos fui católico fará alguma diferença? — Richard sorriu. — Seria bem melhor saber se alguma vez matei um homem.

— E já o fizeste? — Thomas observou-o com toda a atenção.

— Não. Mas estou certo que o terei feito antes de regressar a Inglaterra.

Antes que Thomas pudesse prosseguir o interrogatório, a porta da sala abriu-se de par em par para deixar passar um homem corpulento, de cin-

quenta e muitos anos. O cabelo era grisalho e escasso, e a barba bem aparada seguia a linha de um queixo anafado. Os olhos, porém, eram vivos e curiosos, e rapidamente perscrutaram os dois ingleses que se erguiam dos assentos. Fadrique entrou depois do pai e procedeu às apresentações.

— Sua Excelência o Capitão-General do Oceano de Sua Majestade católica, o rei Filipe de Espanha, e Vice-Rei da Sicília, Don Garcia Alvarez de Toledo.

Don Garcia avançou para eles, parando a curta distância enquanto Thomas fazia uma vénia respeitosa.

— É uma honra conhecer-vos, senhor. Sir Thomas Barrett e o seu escudeiro Richard Hughes, ao vosso serviço.

— Disse-me o Fadrique que viajais para Malta. — Don Garcia tinha uma voz suave, com um ligeiro ciciar. — Em resposta ao apelo lançado por La Valette.

— Assim é — concordou Thomas.

— Nesse caso, Sir Thomas, sois extremamente bem-vindo. Sobretudo tendo em conta a vossa reputação, conquistada com esforço nos campos de batalha de toda a Europa. — Don Garcia sorriu calorosamente.

Thomas ficou surpreendido por a sua reputação ter chegado a Barcelona. Sorriu modestamente.

— Isso foi já há alguns anos.

— Na arte da guerra, a experiência é tudo.

— Quase. Mas os números também desempenham o seu papel.

Don Garcia deu-lhe um toque amigável no braço.

— Espero que a vossa jornada tenha decorrido sem incidentes de maior.

Lembranças da tempestade que tinham enfrentado na viagem até Espanha passaram-lhe pela ideia, mas ignorou-as, e assentiu.

— Dada a altura do ano, fizemos boa viagem, senhor.

Don Garcia olhou para ele sem se deixar iludir.

— O Atlântico no inverno pode transformar-se num verdadeiro monstro. Terdes chegado até aqui já foi um feito. E ainda bem que aqui estais. Vamos precisar de todos os homens para assegurar a defesa de Malta. Mas perdoai-me, deveis estar fatigado. — Fez um gesto a designar as cadeiras. — Sentai-vos, por favor. Não tinha intenção de interromper a vossa refeição.

Quando os quatro homens se sentaram, Thomas empurrou para longe o seu prato, com a comida ainda intocada. Indicou a Richard que o imitasse, já que não seria aceitável que o escudeiro se alimentasse sozinho à frente dos seus superiores.

— Sir Thomas, perdoai-me se ponho de parte a habitual conversa cor-

tês e vou direito ao assunto. Tenho pouco tempo antes de zarpar para Malta. O que sabeis da situação?

— Só aquilo que o cavaleiro que foi a Inglaterra levar-me a convocatória me contou, senhor. Disse-me que o Grão-Mestre tinha informações sobre os planos do sultão, que eram de tomar Malta e erradicar a Ordem de S. João de uma vez por todas.

— Assim é — anuiu Don Garcia. — Para proteger as suas linhas, ele tem de tomar Malta. E é lá que temos de o travar. Não tenho dúvidas sobre a estratégia de Solimão. Ele e os seus aliados corsários têm vindo a estender a sua influência para o Mediterrâneo ocidental desde há muitos anos. A cada primavera temos vindo a observar o horizonte a leste, à espera do assalto, mas têm-se contentado com breves ataques às costas de Itália, França e Espanha, apresando navios, ou assaltando povoações costeiras para conseguir escravos. E pouco temos podido fazer para impedir essa atividade. Pela altura em que recebemos um relatório e despachamos uma força para o local do ataque, já o inimigo se escapuliu. Entretanto, tenho feito tudo o que posso para preparar as nossas defesas e ter todas as galeras a postos para quando chegasse o momento que considerava inevitável. E ele chegou agora. Não há qualquer dúvida. O nosso espião em Istambul viu com os próprios olhos os preparativos do inimigo. Galeras e galeões têm sido reunidos no Corno Dourado, e todos os dias chegam à cidade caravanas de vagões com pólvora, metralha, engenhos de cerco e rações. No exterior das muralhas, dezenas de milhares de soldados estão acampados à espera de ordens para embarcar. — Recostou-se e colocou as mãos sobre os braços do cadeirão. — Não há dúvidas, os Turcos estão mesmo decididos a avançar. Chegou o momento que tanto temi. É este o ano em que a nossa fé terá de triunfar ou tombar sob a sombra do crescente.

— Nesse caso, lutaremos até ao fim — comentou Thomas, com firmeza. — E se a Ordem for varrida do mapa, a forma como enfrentarmos essa destruição terá de ser inspiradora, para que o resto da Cristandade siga o nosso exemplo de combate.

— Peça a Deus que estejais certo, Sir Thomas. Se os governantes da Europa não se unirem e fizerem causa comum contra esta tremenda ameaça, estaremos perdidos. O nosso povo será forçado a ajoelhar-se e submeter-se à falsa religião. E pouco me consola saber que nenhum de nós sentados a esta mesa viverá para ver esse dia. Juro-vos que morrerei de espada na mão, e com o abençoado nome de Jesus nos meus lábios ensanguentados, antes de ser obrigado a beijar os pés a Solimão.

— Assim o juramos todos — replicou Thomas, enquanto se benzia.

O silêncio imperou por momentos, até que Don Garcia prosseguiu.

— Decidi concentrar as minhas forças na Sicília. Sua Majestade infor-

mou as outras potências europeias de que, se querem aliar-se à nossa grande causa, devem enviar os seus homens e navios para se reunirem a nós na Sicília. Se a fortuna estiver do nosso lado, terei suficientes navios para enfrentar a frota de Solimão. E poderei zarpar para sul se ele resolver atacar Malta em primeiro lugar, ou para norte se ele se decidir pela Itália.

— Um plano sábio, senhor — concordou Thomas.

— Sábio? Sim. — Don Garcia sorriu. — Mas, se não receber todas as forças que me foram prometidas, poucas esperanças teremos de vitória.

Fadrique pigarreou.

— Por poucos que venhamos a ser, teremos Deus ao nosso lado. Não podemos ser derrotados. O Nosso Senhor é onnipotente, e não o permitirá.

O pai olhou-o com indulgência.

— Claro, tens toda a razão. — Voltou-se de novo para Thomas. — Parto amanhã para a Sicília com seis galeras em escolta a quatro galeões, que levam os primeiros dois mil homens para estabelecer a minha base de operações. De lá seguirei para Malta, para conferenciar com La Valette. Tenho todo o prazer em vos oferecer, e ao vosso escudeiro, lugares no meu navio-almirante.

— Senhor, aceitamos de bom grado a vossa generosidade.

— Nesse caso, peço-vos para estardes a bordo pela alvorada. Partiremos de imediato. — Don Garcia levantou-se da cadeira, e os outros imitaram-no. — Por agora, tereis de me perdoar. Há ainda muitos detalhes a tratar. Fadrique tratará de vos arranjar aposentos adequados aqui na cidadela, e levará os vossos cavalos para os estábulos.

— Não são meus, são propriedade real, foram-nos emprestados pelo capitão do porto de Bilbau.

— Nesse caso, serão incorporados no meu exército. Por agora desejo-vos um bom dia, senhores. Façam-me o obséquio de concluir a vossa refeição e de descansarem. Fadrique, vem comigo!

Apesar do seu volume, Don Garcia movia-se com grande energia, e afastou-se a passos largos, com o filho a apressar-se para o seguir. A porta fechou-se nas costas de ambos, e os passos desvaneceram-se à distância. Richard puxou o prato para si e recomeçou a comer imediatamente, antes de se interromper.

— As nossas hipóteses não parecem propriamente agradáveis.

Thomas encolheu os ombros.

— Foi sempre assim para a Ordem. Ao longo de toda a sua história.

— O ideal heroico — considerou Richard. — Ou talvez apenas uma forma de adicionar uma dose de glória a uma compulsão suicida.

— Cala a boca. Não sabes o que dizes. Os homens da Ordem juraram

combater pela glória de Deus e por nenhuma outra razão. O suicídio é um pecado, como muito bem sabes. — Thomas refreou a irritação, e prosseguiu em tom menos exaltado. — Além disso, como afiançou o filho de Don Garcia, Deus está do nosso lado.

— Pois, uma mudança de ideias divina vinha a calhar. Ao que parece, não se lembrou disso quando a Ordem foi expulsa de Rodes pelo mesmo Solimão. E onde estaria Ele quando a Ordem quase foi dizimada na queda de Acre? O que vos faz pensar que Ele vos apoiará, nos apoiará, aliás, em Malta?

— Não fará mal à nossa causa depositar fé em Deus — contrapôs Thomas, embora partilhasse das dúvidas expressas por Richard. Olhou para ele, e surpreendeu-o a contemplá-lo.

— Pergunto-me uma coisa. Se a vontade de Deus é mesmo provocar tanto sofrimento àqueles que O adoram, qual será o Seu verdadeiro objetivo?

— Cuidado, Richard. O que dizes é uma blasfêmia.

— É apenas uma questão filosófica. O que eu discuto é que ambos os lados deste conflito iminente combatem em nome das suas fés. Se os Turcos triunfarem, quererá isso dizer que Deus nos abandonou, ou que era a fé deles a mais fervorosa? Se a fé de ambos os contendores for igualmente poderosa, serão apenas os homens a decidir o resultado da refrega.

Thomas não podia discordar, mas se não se via a matar em nome de Cristo, não deixaria de combater para evitar ser morto em nome de Alá.

— Se forem os homens a decidir, pois que assim seja. Estou pronto a desempenhar o meu papel. — Levantou-se. — Preciso de andar um bocadinho.

— Quereis...

— Não. Fica aqui. Acaba de comer, traz as nossas bagagens e descansa. Descansa tudo o que puderes. Depressa isso se vai tornar um luxo que almejarás como nenhum outro.

— Menos o descanso eterno.

Thomas ponderou as palavras do jovem, e acabou por abanar a cabeça.

— Até esse te poderá parecer bem apetecível antes de esta história terminar.



A flotilha tinha deixado o porto de Palma na ilha de Maiorca havia apenas uma dúzia de horas, e Thomas e Richard aproveitavam a brisa fresca da manhã, quando foi avistada a primeira vela. Um marinheiro no cesto da gávea punha a mão em pala sobre os olhos enquanto esticava o braço para apontar o horizonte a norte, na direção do vento que soprava das costas francesas.

O capitão do navio-almirante dirigiu-se à amurada na popa e pôs a mão em concha sobre a boca.

— O que vês?

Deu-se uma curta pausa enquanto o homem percorria o horizonte com o olhar, esforçando a vista para recolher o máximo de detalhes. No convés principal da galera toda a gente ansiava por novidades.

— Avisto duas velas latinas, senhor.

— Muito provavelmente é uma galera — afiançou Thomas.

— Como podeis saber? — indagou Richard, enquanto esticava o pescoço e tentava ver alguma coisa acima da ondulação. — Eu não consigo ver nada.

— E nada verás durante um bom bocado ainda. Na próxima hora ou coisa parecida não se conseguirá avistar o casco.

— O casco?

Thomas sorriu ao recordar que o escudeiro tinha passado a maior parte da viagem desde Londres na cabina do galeão, enrolado em si mesmo, em completa miséria.

— Não tens grande conhecimento das coisas do mar.

— Pois não, e não tenho qualquer intenção de voltar a por os pés num navio assim que esta história acabar — concordou Richard com ênfase.

— Sendo um homem educado, já deves ter ouvido dizer que o mundo é redondo.

Richard lançou-lhe um olhar irritado.

— É evidente.

— Nesse caso, deve ser-te óbvia a razão pela qual o velame de um navio é avistado antes do casco, já que o horizonte curva.

Richard rangeu os dentes.

— Sim, eu sabia.

— Ó do convés! — gritou o vigia. — Avisto mais velas. Três... Não, são cinco, ou mais. Parecem galeras... Sim, estou certo disso.

— Vem. — Thomas puxou pela manga do escudeiro e juntos subiram uma pequena escada para se juntar ao grupo de oficiais que rodeava Don Garcia.

O capitão tinha deixado a amurada e dirigia-se ao comandante da frota.

— Corsários, senhor.

— É pouco provável — protestou Fadrique. — Se o fossem, porque se aproximariam vindos de norte? Os covis dessas ignóbeis criaturas situam-se na costa africana, a sul.

— Estão do lado do vento, senhor — explicou o capitão. Em tempos, Thomas falara espanhol com fluência, e agora estava a recuperar rapidamente o uso da língua; apercebeu-se de que conseguia seguir a troca de argumentos sem dificuldade. O capitão prosseguia. — Estão em vantagem sobre nós. Muito provavelmente seguem-nos já há vários dias, e rumaram a norte para ganhar essa vantagem do vento. — Deu atenção a Don Garcia. — Meu senhor, quais são as vossas ordens?

O comandante espanhol passou a vista pelas embarcações que compunham a sua flotilha. As galeras formavam um cordão disperso em torno dos galeões, que seguiam ao centro. Os grandes navios estavam apinhados de soldados com as suas armas e outro equipamento. Seriam presa fácil para qualquer galera corsária que conseguisse passar por entre os navios de escolta.

— Temos de proteger os galeões a todo o custo — anunciou Don Garcia —, partindo do princípio de que são navios inimigos. Não quero correr quaisquer riscos. Capitão, dê ordens para que os homens ocupem os postos de combate, e transmita essas ordens às outras embarcações, por favor.

— Sim, senhor.

No instante seguinte o tambor que seguia no convés principal começou a fazer soar um ritmo frenético, e os soldados apressaram-se a colocar armaduras e elmos e a preparar as armas, enquanto os marinheiros trepavam pelo cordame e se espalhavam pelas vergas, à espera da ordem para recolher as velas. Da coberta vinha o som do chicote a estalar e do gemer das madeiras quando os remos foram inseridos nas suas aberturas e se projetaram nos flancos do navio de Don Garcia. Thomas sentiu o pulso a acelerar perante os sons e a movimentação, e até perante o odor que vinha de lá de baixo. Velhas memórias e sensações foram despertadas no seu íntimo, enquanto a galera se preparava para a batalha. Virou-se para Richard.

— Traz-me a couraça, o elmo e a espada. E equipa-te também. — Ri-

chard assentiu e apressou-se a descer ao porão, onde a bagagem tinha sido colocada durante a viagem.

Entretanto fora içado no mastro um longo estandarte vermelho e dourado, que agora dançava ao vento. Pouco depois também as outras galeras içavam as suas flâmulas, e o som de tambores espalhava-se sobre as vagas enquanto todos se aprontavam para o combate.

— Ó do convés!

Os oficiais na ré olharam para cima ao escutarem o apelo, e notaram que agora o vigia apontava para o sul.

— Mais velas! Pelo menos umas cinco galeras.

— Quantos navios a norte? — quis saber o capitão.

O vigia rodopiou rapidamente e fixou o olhar antes de responder.

— Seis, senhor! Já os avisto sem dificuldade. Vejo os cascos.

— Consegues distinguir que cores ostentam?

— Ainda não, senhor.

— Será que não são os nossos aliados? — supôs Fadrique. — Genoveses, talvez?

O pai abanou a cabeça.

— Não aqui, tão a ocidente. O encontro está combinado na Sicília. Quase seguramente que se trata do inimigo. Corsários da costa da Barbária.

— Concordo — disse Thomas. — É uma emboscada clássica, Don Garcia. Já vi este cenário muitas vezes.

— Do ponto de vista do caçador, calculo.

— É verdade. Quando as galeras da Ordem operavam em conjunto, era assim que procediam. Suspeito que o inimigo aprendeu as nossas técnicas. Aliás, os corsários e os homens da Ordem são semelhantes em muitas coisas.

— Exceto pelo facto de a Ordem ser abençoada pela Igreja de Roma.

— Tal como os piratas muçulmanos são abençoados pelos imãs da sua fé, senhor. No fim de contas, ou somos todos guerreiros sagrados, ou todos somos simples piratas.

Don Garcia franziu o cenho.

— Uma opinião profundamente perturbadora, Sir Thomas. Não me apetece pensar no inimigo, no inimigo do único Deus verdadeiro, de tal forma. Gostaria que não voltásseis a usar tais termos na minha presença.

— Assim será, Don Garcia.

— Aquilo de que quero ouvir-vos falar é da tática que empregam. Tendes alguma experiência quanto a isso, bem mais do que eu. Como irão eles tentar derrotar-nos?

Thomas fez uma pausa para pensar, projetando mentalmente as posições das três forças e tomando em conta a direção do vento.

— Os alvos deles serão os galeões. São as embarcações mais vulneráveis, senhor. Os corsários sabem perfeitamente que é lá que encontrarão a carga mais valiosa. Porém, depressa descobrirão que estão apinhados de tropas. Logo, ou ficam a observar e tentam varrer o convés com metralha fina antes de ensaiarem a abordagem, ou tentam afundá-los, para matar tantos dos nossos soldados quantos conseguirem. O que lhes garantiria uma choruda recompensa do sultão.

— Nesse caso, como podemos agir de forma a fazer gorar esses planos? Será demasiado tarde para rumar de volta a Palma?

— Deve ter sido isso que eles calcularam. Seguem rumos convergentes. Se for dada ordem para a nossa flotilha inverter o rumo, eles farão o mesmo e continuarão a aproximar-se de nós. Estaríamos envolvidos em combate muito antes de atingirmos a proteção dos canhões de Palma, senhor.

— Nesse caso, Sir Thomas, o que me aconselha a fazer?

— Manter as galeras o mais próximo possível dos galeões. Não podemos permitir que o inimigo quebre esse cordão protetor. Dispõe uma galera à frente, uma atrás e duas de cada lado da formação. Os galeões terão de seguir a par, para assistência mútua no caso de o inimigo tentar abordá-los. O maior perigo virá quando o inimigo tentar atrair as nossas galeras para longe das suas posições. Isso não poderá ser permitido, senhor. Temos de manter a formação, aconteça o que acontecer. Dado que o número de galeras deles é o dobro do nosso, esta é a nossa única esperança.

— Muito bem. — Don Garcia assentiu. — Capitão, temos de nos aproximar de cada uma das nossas embarcações à vez, para lhes darmos as ordens. Trate disso.

— Sim, senhor — acedeu o capitão, antes de se chegar à amurada e gritar ordens para que os remos fossem colocados na água.

Richard regressou do porão carregado com todo o equipamento e armas de Thomas. Pousou o fardo no convés e colocou-se por trás deste, para o ajudar na colocação das placas frontais e dorsais da armadura.

À medida que a embarcação passava pelos outros navios na flotilha, o capitão usava um megafone para comunicar as ordens. Quando por fim todas as galeras tinham já recolhido o pano, colocado os remos na água e formado um escudo de proteção, as velas dos dois grupos de navios corsários que se aproximavam vindos de ambos os lados já eram bem visíveis do convés. Pouco depois, o vigia confirmava sem margem para dúvidas a identidade dos perseguidores.

— Têm estandartes verdes.

Richard aproximou-se de Thomas e murmurou uma pergunta:

— Verdes?

— A cor do Islão. — Thomas inspecionou o escudeiro, puxando pelo

elmo. Richard usava um modelo comum, com o visor levantado, como fazia Thomas. — Tens o elmo demasiado largo. Aperta a correia.

— Se a aperto mais, acabo sufocado.

— E se o usares assim largo, à primeira pancada ele roda na tua cabeça e deixas de ver. Tombarás às mãos do primeiro corsário suficientemente rápido para te apanhar pelo lado cego.

A ranger os dentes, Richard desapertou a fivela e apertou mais a correia.

— Assim está melhor — concordou Thomas. Voltou a agarrar o elmo e a dar-lhe uma sacudidela. — E trata de usar manoplas, se queres manter os dedos todos.

— Sim, senhor. — Richard baixou a cabeça. — Como ordenais.

Thomas virou-se para avaliar o progresso do inimigo. As duas formações de galeras eram bem visíveis, a pouco mais de uma milha de ambos os lados. Os seus estandartes verdes ondulavam como línguas de cobra ao sabor do vento ligeiro que soprava sobre o oceano. Por entre os vultos distantes que ocupavam o convés das galeras, cintilavam de vez em quando reflexos da luz em metal polido. Thomas sentiu algum alívio pela primeira vez desde que as embarcações tinham sido avistadas, já que notou que eram mais pequenas que as galeras da flotilha de Don Garcia. Aqueles cascos não levavam a bordo o mesmo poder de fogo, e não conseguiriam ímpeto suficiente para causar danos aos navios espanhóis em caso de colisão. Ainda assim, constituíam uma séria ameaça aos galeões, sobre os quais tinham uma tremenda vantagem de velocidade e manobrabilidade. Seria uma competição entre rapidez e poder puro, e Thomas lembrou-se dos combates de ursos a que tinha assistido em Londres. Ali ao menos os ursos, embora pesados e lentos em comparação com os seus verdugos, não estavam acorrentados.

— Aí vêm eles. — Anunciou o capitão.

Uma nuvem de fumo surgiu e dispersou-se velozmente à proa da galera que liderava o grupo a sul, e pouco depois o som de um disparo de canhão chegou aos ouvidos de quem seguia na popa do navio-almirante. O corsário alterou o rumo, dirigindo-se diretamente para a flotilha espanhola, e as outras galeras imitaram-no. Quando o som do sinal alcançou as galeras a norte, também elas aproaram à força comandada por Don Garcia. Este observou as manobras inimigas e lançou uma pergunta a Thomas, sem esconder a ansiedade que sentia.

— O que é que eles tencionam fazer? Como agiríeis no lugar deles?

Thomas cerrou os lábios e virou-se para avaliar mais uma vez a aproximação do inimigo. Estariam em cima dos navios espanhóis em menos de meia hora. Não havia tempo a perder. Não gostava de ter sido colocado na-

quela posição por Don Garcia, mas a verdade é que o espanhol tinha razão. Havia poucos cristãos em todo o Mediterrâneo que conhecessem melhor a forma de combater daquele inimigo do que os cavaleiros da Ordem. Avaliou rapidamente os rumos convergentes e limpou a garganta.

— Senhor, eles vão tentar forçar a formação. Se conseguirem atrair as galeras para fora das suas posições, poderão passar entre elas e causar grande destruição nos galeões. Nesta formação em que estamos, cada uma das nossas galeras pode cobrir o espaço que lhe está à frente. Os corsários não conseguirão passar entre elas sem se colocarem ao alcance das bocas de fogo montadas nas proas dos nossos navios. E os barcos deles são suficientemente pequenos para poderem ser afundados por um tiro bem colocado, ou pelo menos forçados a abandonar o combate. A única posição que não podemos cobrir com as nossas armas é a popa desta galera. Mas enquanto mantivermos a formação, poderemos oferecer proteção aos galeões.

Don Garcia considerou as palavras que escutara e assentiu.

— Estou a ver. Muito obrigado. Capitão!

O comandante do navio virou-se de imediato para ele.

— Senhor?

— Ouviste o que disse Sir Thomas. Mantém o rumo e a posição. Avisa as equipagens dos canhões que têm permissão para disparar à vontade sobre quaisquer navios inimigos que se cruzem à nossa frente.

— Sim, senhor.

Don Garcia virou-se de novo para Thomas.

— Agora resta-nos esperar e ver se tendes razão quanto às intenções do nosso inimigo.

Os corsários ainda navegavam à vela, e a manobra era conduzida com saber, de tal forma que à medida que convergiam para a força espanhola, também se lhe adiantavam. Quando por fim já tinham um bom quarto de milha de avanço, viraram de bordo, apontando à flotilha enquanto recolhiam as velas e aprontavam os remos para a aproximação final, num rumo perpendicular ao que era seguido pelos navios de Don Garcia.

— Chegou a hora de sermos testados — avisou Thomas, em tom calmo. Richard, a seu lado, lançou-lhe um olhar inquisidor, e Thomas acenou com a cabeça na direção do navio corsário mais próximo. — Olha para a proa.

Richard reparou no longo cano e no orifício escuro na ponta do canhão saliente da portinhola que se situava na proa da galera. Tendo-se colocado à frente do comboio espanhol, os corsários aproximavam-se dos navios da frente a seu bel-prazer. Avistou-se um jato de chamas seguido do elevar de uma pequena nuvem de fumo acinzentado numa das galeras, e Thomas avistou fragmentos de madeira a explodirem quando a bola de

ferro penetrou no casco da galera espanhola mais adiantada. O estrondo do disparo alcançou o navio no momento em que os outros corsários disparavam também, e atingiam a galera da frente com mais dois tiros, enquanto outra bala caía na água, levantando um enorme repuxo. Um novo disparo vindo de um canhão carregado com pregos e correntes atingiu o convés da galera, varrendo os homens lá colocados como se tivessem sido atingidos por uma mão gigante.

— Mantém o rumo — sussurrou Thomas para si mesmo, enquanto observava. — Aguenta.

O comandante da galera manteve o mesmo rumo e absorveu o fogo inimigo, até deixar de estar na sua linha de fogo. Esse lugar foi ocupado pelas duas galeras que ladeavam os galeões. Os corsários estavam agora mais perto, e até se preocuparam em recuar ligeiramente à força de remos, para se manterem a uma distância que não permitisse aos arcabuzeiros espanhóis atingi-los. Thomas recordou que, na última vez que tinha estado envolvido numa batalha naval, os soldados da Ordem mal tinham começado a empregar o arcabuz. Na altura, não tinha apreciado a nova arma, já que era barulhenta, levava imenso tempo a carregar, muito mais do que uma besta, e era difícil de utilizar. Mas tinha acabado por prevalecer e se tornar fundamental.

Apesar de os corsários se encontrarem a mais de trezentos passos das galeras espanholas, os soldados não iam ficar à espera dos disparos inimigos sem tentarem responder. Pequenos repuxos surgiram na superfície do mar à frente das proas inimigas, e alguns tiros obtiveram mesmo algum êxito, traduzido na queda para o mar de uma figura do convés de um dos navios. A resposta foi consideravelmente mais letal, já que os disparos quase simultâneos dos corsários fizeram cair uma tempestade de metal cortante sobre os flancos dos navios espanhóis. Muitos homens foram derrubados, e as velas rasgadas, deixando as pontas soltas a flutuar ao vento como serpentes enraivecidas: os estilhaços de madeira que voavam pelo ar fizeram ainda mais estragos.

A proa da galera mais à esquerda começou a mudar de direção, apontando ao inimigo; a rotação acelerou quando os remos de bombordo ficaram pendurados fora de água e o ímpeto que levava fez a galera rodar de forma a enfrentar os que a flagelavam.

— Idiota! — soltou Thomas, enquanto os seus dedos se fechavam como garras sobre a amurada. — O idiota.

A galera disparou sobre os corsários assim que os seus canhões na proa tiveram linha de fogo. Nem sequer houve qualquer tentativa de estabilizar o navio e procurar melhores condições para os disparos. Ainda assim, uma das balas entrou precisamente pela portinhola do canhão sob o cas-

telo de proa da galera inimiga mais próxima, e prosseguiu o seu caminho destruidor ao longo do comprimento da embarcação, matando remadores, destruindo bancos e estilhaçando remos, que saltavam ao longo do casco. O outro disparo tombou de forma inócua sobre o mar à frente da galera, lançando sobre os corsários que brandiam as suas armas na amurada nada mais do que alguns salpicos.

Assim que a galera espanhola fizera menção de mudar de rumo, os outros corsários tinham retomado o avanço, passando de ambos os lados da embarcação, de modo a aproveitarem da melhor forma a brecha que se abrira na formação de proteção aos galeões. O navio corsário danificado pelo disparo estava imobilizado, já que era preciso limpar as baixas entre os remadores, atirar os cadáveres para o fundo do porão, e redistribuir os sobreviventes pelos remos ainda utilizáveis. Enquanto o navio oscilava na ondulação, a galera espanhola continuou a atacá-lo, derrubando o mastro da vante e transformando a proa numa ruína de estilhaços e madeiras disformes. Thomas continuou a observar, tomando nota de que aquele corsário já não conseguiria envolver-se na batalha, e teria sorte se conseguisse evitar o afundamento. Pouco conforto lhe dava tal ideia, porém, já que as outras cinco galeras inimigas tinham agora caminho livre para se lançarem sobre os galeões. Um coro de estalidos soou quando os corsários trocaram salvas de fogo miúdo com a tripulação de uma galera, seguido do estrondo de um canhão vindo da galera que seguia à frente e à esquerda do navio em que Thomas se encontrava. O disparo atingiu a ré do corsário mais adiantado, derrubando os oficiais que lá se tinham juntado.

— Senhor. — Thomas virou-se para Don Garcia. — Temos de impedir os corsários de chegarem junto dos galeões.

— Isso vejo eu, obrigado. Temos de nos aproximar mais deles.

Thomas deitou outro longo olhar à cena até perceber que uma das embarcações inimigas ostentava uma flâmula de muito maiores dimensões que as outras. Apontou-a.

— Aquele ali deve ser o navio do líder do grupo.

Don Garcia seguiu a indicação com o olhar.

— Se conseguirmos tomá-lo ou afundá-lo, os outros poderão ficar des-sencorajados, senhor.

— E a formação? Se perseguirmos aquela embarcação, não poderemos continuar a cobrir a retaguarda das outras nossas galeras.

— É tarde de mais para isso. A formação só serve enquanto todos os navios mantêm a posição. — Thomas fez um gesto na direção da galera que continuava a fustigar o navio corsário já sem mastro, a afundar pela proa. — Agora, senhor, é cada navio por si mesmo.